

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1972 — N.º 17881 — ANO 52.º — PREÇO 1\$50



Uma estátua do famoso escritor dinamarquês Hans Christian Andersen foi utilizada para propagandear o «não» ao Mercado Comum. (Telefoto UPI/Teleimprensa/DL)

OS DINAMARQUESES À BEIRA DO MERCADO COMUM

Os dinamarqueses encontravam-se hoje à beira da entrada para o Mercado Comum, apesar de uma das maiores manifestações políticas da história moderna do país e da rejeição, votada em referendo, pelos vizinhos noruegueses. Sondagens à opinião pública prevêem que 54 ou 55 por cento dos 3400 000 eleitores que hoje começaram a afluir às urnas depositem um «sim», fazendo da Dinamarca o único país escandinavo a integrar-se na Comunidade Económica Europeia. Segundo as sondagens,

e atendendo às abstenções, o «sim» obterá uma confortável margem de 64 por cento. A votação terminará às 21 horas de hoje, esperando-se que os resultados sejam conhecidos por volta das 23 e 30. Ontem, os adversários da entrada no Mer-

cado Comum conseguiram, apesar da tendência geral, juntar entre 50 000 a 80 000 pessoas na praça principal de Copenhague. Foi a maior concentração de público desde a morte do rei Frederico. O aspecto da manifestação era porém

multo diferente. Pensa-se, contudo, que a manifestação não terá grandes efeitos no resultado final, pois a maioria dos dinamarqueses parece ter cedido aos argumentos comerciais a favor do Mercado Comum (R/DL).

HOJE: 36 PÁGINAS



Com a apresentação dos alunos a reitores e professores, principiou esta manhã a actividade em todos os liceus e escolas técnicas do país. Martirio talvez para muitos, para outros simples regresso à rotina, a abertura das aulas representou, acima de tudo, a alegria do reencontro com as amizades que as férias interromperam.

O Congresso anual do Partido Trabalhista Britânico começa hoje em Blackpool. A discussão principal em que os delegados se empenharão anda à volta da posição britânica face ao Mercado Comum, havendo quem proponha um isolacionismo «à norueguesa». O Sindicato dos Metalúrgicos, apoiado pela esquerda, apresentou, mesmo antes do congresso se

iniciar, uma moção completamente anti-Mercado Comum. Os partidários da entrada do país na CEE estão muito preocupados com a possibilidade, que é grande, da moção ser aprovada. Harold Wilson, por seu lado, tentará fazer aprovar uma outra moção no sentido de não comprometer totalmente a futura posição dos trabalhistas face à Europa. Pretende

ele que qualquer futuro Governo trabalhista seja obrigado a renegociar as condições de entrada. Wilson continua a rejeitar as condições que os conservadores conseguiram, considerando-as prejudiciais ao país. (FP/DL).

MAO TSÉ-TUNG ELOGIA CHIANG KAI-SHEK

Os jornais japoneses dizem hoje que o primeiro-ministro Kakuei Tanaka revelou ter o presidente Mao Tsé-Tung elogiado Chiang Kai-Shek, a quem chamou «um excelente sujeito». Mao teria mostrado admirar Chiang Kai-Shek por ser um indivíduo que nunca desiste das coisas a meio, tendo ainda palavras elogiosas para o facto de o dirigente nacionalista chinês não submeter o seu Exército ao domínio de potências estrangeiras. Tanaka disse que Mao lhe pareceu de excelente saúde, mas ele próprio afirmou que em breve os deuses o chamariam para a terra dos mortos. (R e DL).

PETRÓLEO E MINÉRIOS EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

As plataformas petrolíferas de Cabinda devem permitir uma exportação de sete milhões de toneladas se continuarem a produzir diariamente 130 mil barris diários, afirma-se num artigo do «Financial Times» onde se faz uma análise das perspectivas para os petróleos e para os minérios de Angola e Moçambique. O Japão, a Trinidad, o Tobago e o Canadá são os principais compradores do petróleo angolano. No que se refere a Moçambique, o «Financial Ti-

mes» afirma que a região de Tete é, talvez, a mais rica. Naquela zona já teriam sido atribuídas concessões para a exploração de jazigos de minérios radiactivos e de ferro. Outros veios descobertos no distrito são os de cobre, de titânio-magnético, de manganés, de flúor, de fragito, de berilo, de berundo, de bauxite e de níquel. As explorações só poderão, no entanto, atingir o máximo após a conclusão da barragem de Cabora Bassa.

Diário de Lisboa HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS



Primeira página do suplemento que dedicamos hoje à iniciativa «Homem que lê vale por três».

NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE

A iniciativa que o «Diário de Lisboa» leva a cabo, já no próximo mês, com o patrocínio do Crédito Predial Português e com a colaboração algumas das melhores e mais reputadas editoras portuguesas, é inédita

entre nós, não apenas pelo valor dos prémios instituídos como pela sua escolha.

Para muitos — para os que se recusam a ver que o País está a modificar-se de dia para dia — esta iniciativa constitui um gesto de audácia, na medida em que traduz uma grande fé no português de hoje e no seu desejo de «crescer» culturalmente. As muitas cartas de aplauso que recebemos diariamente na Redacção não nos permitem afirmá-lo com conhecimento de causa, mas houve, certamente, quem criticasse o espírito que presidiu à organização desta iniciativa, argumentando que «somos um País de analfabetos, mais interessados em adquirir maquinas do-

mésticas do que em elevar o seu nível cultural». Nestas circunstâncias, perguntaram, certamente, os incrédulos, como é que um jornal ousa levar a cabo uma actividade promocional baseada na presunção de que existe um grande interesse pelo livro?

Se as pessoas que assim raciocinam tivessem ocasião de ler as cartas de apoio que diariamente nos chegam de todos os pontos do País, modificariam radicalmente as suas opiniões.

Não há dúvida de que o livro interessa a centenas de milhares de portugueses, como não há

dúvida de que não se pode continuar a julgar o Portugal de hoje pelas suas medidas de há dez anos.

Está tudo a mudar e o entusiasmo com que a nova iniciativa está a ser recebida ultrapassou as expectativas de todos — mesmo dos seus mais entusiásticos defensores.

Podemos afirmar que contamos com participantes de todos os meios sociais e de todas as profissões. Mais: podemos, já, revelar que nenhuma iniciativa promocional levada a cabo por este jornal teve o êxi-

Continua na pág. 2

Acompanha esta edição um suplemento especial de 8 páginas, a cores, dedicado a esta iniciativa do «Diário de Lisboa».

DL/NACIONAL

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE

Continuação da Pág. 1

to que esta está a ter. Não espanta, aliás, que assim seja. Raras são as pessoas que têm a possibilidade económica de adquirir uma biblioteca ou, sequer, uma colecção de obras seleccionadas em pouco tempo.

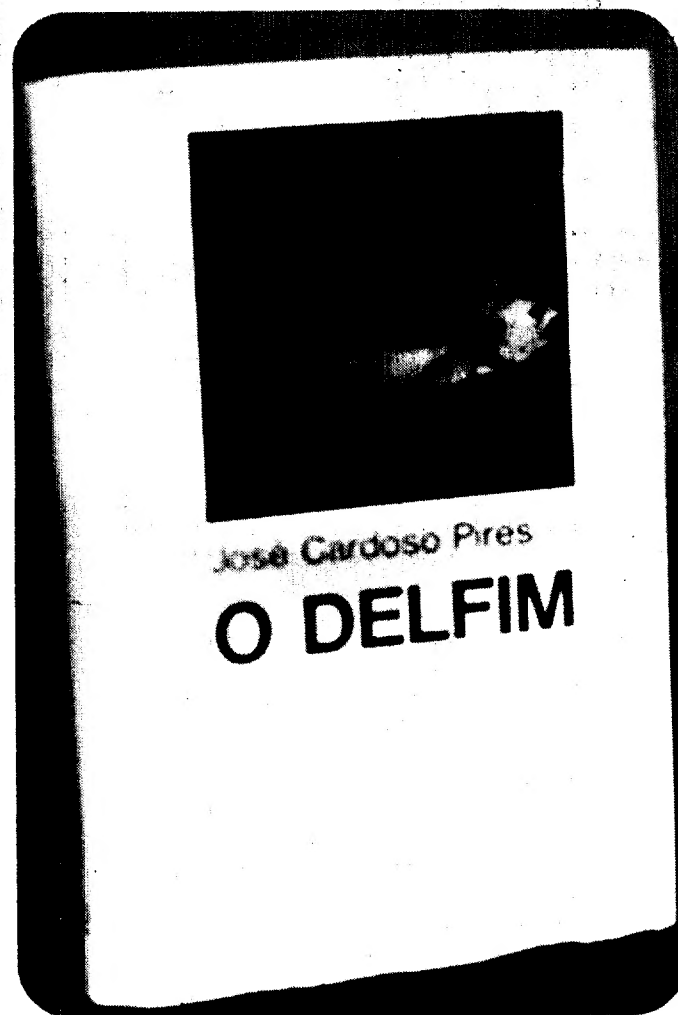
Os principais prémios instituídos para esta iniciativa são constituídos por colecções de livros que muitos levaram anos a juntar e que os «Leitores do Diário de Lisboa» vão ficar habilitados a receber sem qualquer esforço, já que, para tal, apenas têm de preen-

cher um cupão e deleccionar os cabeçalhos dos jornais publicados durante o período de duração da iniciativa. Ao falar dos principais prémios, não queremos, evidentemente, dizer que os restantes não sejam constituídos por colecções de bons livros.

Os nomes dos editores que colaboram com o jornal constituem uma garantia que não pode deixar de satisfazer mesmo os mais exigentes: todos os prémios são constituídos por livros seleccionados que todos se orgulharão de ter ou para aumentarem as suas bibliotecas ou para delas partirem para outras maiores.

Um dos aspectos mais aliciantes da nova iniciativa - e a ele se têm referido alguns dos leitores que nos escreveram no decorrer dos últimos dias, é o que diz respeito às crianças.

Esta iniciativa não se destina directamente às crianças - para os filhos dos nossos leitores organiza, todos os anos, o nosso jornal «O natal visto pelas crianças» que todos conhecem e que está a ser mais popular de ano para ano - mas, não há dúvida de que afecta os filhos dos nossos leitores numa forma que vale a pena realçar. São os especialistas unânimes em afirmar que as crianças educadas no hábito da leitura e no contacto permanente com livros, amadurecem mais rapidamente e têm melhor aproveitamento escolar do que as suas colegas menos afortunadas. Não queremos, evidentemente, defender a tese de que os pais devem proporcionar livros aos filhos unicamente para que eles tenham melhores notas ou maior



Um exemplar da 5.ª Edição de «O Delfim» de José Cardoso Pires. Moraes, Editores.

ATENÇÃO: O QUE TEM DE FAZER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

3.ª FASE

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____ TEL: _____

PROFISSÃO: _____

Os leitores já inscritos que tenham mudado de residência, para concorrerem a esta 3.ª fase, têm obrigatoriamente de renovar a sua inscrição preenchendo este cupão e indicando que ele se destina a substituir o anterior. Para o fazerem basta-lhes indicar a sua morada antiga na linha que segue

Os leitores que ainda não estejam inscritos preenchem somente a parte de cima.

1.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer de qualquer das iniciativas que este jornal dedicou aos seus leitores, não precisa de fazer mais nada e não deve preencher este cupão, porque já é «Leitor do Diário de Lisboa» e já está, portanto, habilitado aos prémios instituídos para a nova iniciativa, mesmo que tenha perdido o seu «Bilhete de Identidade», desde que, a verificar-se a hipótese de ser premiado, tenha em seu poder uma colecção dos cabeçalhos dos jornais que saírem durante o período de duração da iniciativa.

2.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer duma das ini-

ciativas anteriores, mas mudou de residência desde a sua inscrição, deve preencher novamente este cupão indicando no mesmo, a sua antiga morada, para que possamos substituir a sua antiga ficha por uma nova.

3.º) Se nunca se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» e deseja aproveitar esta oportunidade para o fazer, deve preencher este cupão, recortá-lo e enviá-lo, juntamente com um selo de 1\$00, a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do Diário de Lisboa, Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa. O selo de 1\$00 será usado pela organização da iniciativa para lhe enviar o seu «Bilhete de Identidade de leitor do Diário de Lisboa».

CICLO PREPARATÓRIO:

UMA NOVA PEDAGOGIA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Representantes dos professores de educação física do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário entregaram ontem à tarde, ao ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, as con-

clusões do estudo efectuado, de há quatro meses para cá, em colaboração com os serviços centrais da Direcção Geral da Educação Física e Desportos.

Os trabalhos haviam-se ini-

ciado em Junho com uma distribuição de documentos para base do estudo a que se seguiu uma reunião no mês seguinte, terminada ontem, ao fim de quatro dias.

O documento elaborado pelos professores do C.P.E.S. contém propostas no sentido de uma diferente orientação pedagógica da educação física que se esboça através dos 19 pontos do relatório agora entregue. Parece ser de importância fundamental, como aliás foi frisado na audiência com o ministro, que os corpos docentes tenham, doravante, a possibilidade de participarem na definição dos objectivos pedagógicos a atingir, no campo da educação física. Neste prisma propõe-se a criação de grupos locais e regionais, culminados por um grupo de trabalho nacional. Entre muitos outros aspectos, é ainda reconhecida a necessidade de uma experimentação como base de futura metodologia, e a importância para a criança de ter um máximo de experiências gimno-desportivas

e o desenvolvimento dum sentido de grupo. Espera-se que já a partir deste ano lectivo se comecem a realizar as modificações que o relatório comporta.

Junta Nacional de Educação

Pediu a exoneração do cargo de vogal da primeira Secção da Junta Nacional de Educação o dr. Guilherme Braga da Cruz, professor da Facul-

dade de Direito da Universidade de Coimbra, que, naquele organismo, representava a sua Faculdade.

O Ispa continua escola — fantasma

O Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) que é uma escola particular sem fins lucrativos, parece destinado a funcionar novamente este ano em regime de semi-clandestini-

nidade, visto que a poucos dias do começo das aulas o Ministério da Educação Nacional ainda não se pronunciou sobre um possível reconhecimento oficial. Por esse motivo reuniram-se ontem nas instalações da Associação daquela escola muitos alunos interessados em verem clarificada de uma vez para sempre a sua situação.

A questão afigura-se crítica na medida em que a escola é frequentada por mais de 600 alunos e já há 10 anos que vem administrando cursos que não dão direito a nenhum diploma ou qualquer outro reconhecimento legal. Os alunos sentem-se tanto mais lesados quanto é certo que, não existindo em Portugal um curso universitário de Psicologia, despendem cinco anos em estudos de valor semelhante a qualquer outra escola superior, e que perante as leis do mercado de emprego são perfeitamente inúteis.



Durante a entrega do relatório o prof. Veiga Simão trocou impressões com alguns dos presentes

Você gosta de livros? Então vai ser feliz toda a vida.

Jules Claretie





Opinião

SEMINÁRIO INTERBANCÁRIO

Durante a semana que passou, encontraram-se em Lisboa técnicos da banca de dezoito países, que animaram os trabalhos do 2.º Seminário Internacional Interbancário. Foram delegados de algumas das mais importantes instituições de crédito internacionais que tiveram a oportunidade de acompanhar um programa carregado, com o objectivo de apresentar um panorama da vida portuguesa, particularmente nos aspectos da actividade económica.

Iniciativa de grande significado, justifica-se chamar para ela a atenção, mais ainda por não aparecer como acto isolado e inconsequente, podendo integrar-se num esforço conjunto da banca comercial, no caso particular do banco promotor, para melhor dar a conhecer ao estrangeiro, e a quem ali dispõe de instrumentos de intervenção, qual a situação da economia portuguesa e quais as potencialidades de desenvolvimento. O facto de o seminário merecer já uma numeração, reforça esta ideia de acção continuada que, sendo existente, pode nem sempre ser suficientemente apercebida.

A colaboração conseguida para o programa de trabalhos que se concretizou leva a concluir que, efectivamente, alguma coisa se terá feito de relevante no sentido enunciado: «dar um panorama mais real da vida portuguesa». Desde visitas a um laboratório nacional, já conhecido por reputação, mas que se mostrou em actividade, a empresa e estaleiros que se podem catalogar de dimensão europeia, até nos trabalhos apresentados, os reflexos na informação levam ao convencimento de que essa visão da economia portuguesa foi facultada aos especialistas presentes, que procuraram, para além do que ouviram, estabelecer diálogo, esclarecer dúvidas, transformando o seminário em verdadeiro lugar de trabalho mas em encontro formalizado.

A presença do director-geral dos Serviços Industriais e a sua comunicação sobre «panorama da indústria portuguesa» anotam uma participação e uma definição de política que, decerto, foi fundamental para o esclarecimento dos presentes. Desse esclarecimento, aproveitamos a saliência dada à «premente necessidade de diminuir o peso das indústrias tradicionais (...) e aumentar rapidamente os sectores considerados mais dinâmicos para o desenvolvimento económico do país». Assim se tornou claro, talvez uma vez mais, que a política económica vai deliberadamente procurar o crescimento mais rápido possível, mesmo que daí resultem perturbações nas actividades tradicionais.

Uma outra anotação talvez nasça do facto de ter sido orador, em nome dos delegados estrangeiros, o representante em Portugal do Grupo União dos Bancos, do Brasil. Talvez daí tenha resultado uma ênfase particular, mas que vem ao encontro de outros sinais a reter, sobre a ideia da comunidade luso-brasileira tornada realidade, pela via do potencial económico e pelas aberturas que Portugal pode favorecer a intenções de um Brasil assaz dinâmico e pragmático, economicamente.

Por fim, e este é um ponto fundamental, não pode passar sem observação e anotação o trabalho de um director do banco promotor, que salientou a «excepcional robustez das reservas do Banco de Portugal, quer na cobertura dos meios de pagamento internos, quer na cobertura externa do escudo». Talvez a alguns especialistas estrangeiros de canalização de poupanças, prioridade de crédito, escolhas de investimento, tenha aparecido a dúvida se a utilização dessas reservas e aproveitamento dos saldos das balanças de pagamento não seriam importante elemento mobilizador da economia portuguesa, a juntar àquela intervenção, que, como delegados de instituições estrangeiras, teriam sido levados a considerar, e estimulados a tornarem-se veículos.

ALFRED GROSSER

A proposito de sondagens

CIÊNCIA E DEMOCRACIA

A irritação é compreensível. «Eis o que pensam os franceses.» Ou os jovens. Ou os empregados do comércio. Sobre o aborto, sobre Pompidou. Sobre a felicidade, ou sobre a translação das cinzas de Philippe Pétain. (Poder-se-á encontrar a lista dos cento e vinte e sete inquéritos sobre assuntos políticos e sociais efectuados unicamente pelo IFOP e pela SOFRES durante o ano de 1971, na *Revue française de science politique*, Junho de 1972, pp. 694-706.)

Nas noites de escrutínio, das 20 horas à 1 da madrugada, os novos magos dizem como votaram os cidadãos das grandes cidades, cujos boletins não foram ainda contados. Transferimos o nosso voto, por motivos deliberados, de um partido para outro, e, finalmente, agimos como milhares de outros cidadãos que respondem às mesmas características de idade, de profissão, de implantação geográfica. Jamais fomos interrogados, tão-pouco o nosso vizinho, e eis que os institutos de sondagem da opinião pública fazem falar os números em nosso nome.

A irritação é justificada, perante as ingenuidades e os mitos. Seria preciso que o público soubesse o que as sondagens podem dar ou não; qual é a diferença entre uma constatação, uma projecção e uma profecia. Seria preciso que todos os jornais aceitassem precisar o período durante o qual o questionário foi administrado, o porte e a natureza exacta da amostra, a margem de erro matematicamente possível, a origem do texto publicado: foi redigido com rigor pelo instituto de sondagens, ou não passa do comentário — provocador ou interessado — do comanditário?

É injustificado se se trata de apego nostálgico à idade precientífica. Amemos e admiremos o médico de família, com o seu conhecimento de cada um dos seus doentes e o seu dom de diagnóstico. Mas não condenemos o electrocardiograma, sob o pretexto de que é inumano e que transmite indiferentemente os batimentos do coração de Pedro ou de Paulo. E se Paulo morrer de um infarto no dia seguinte, se a revolução eclidir poucas semanas após a sondagem, digamos simplesmente que o aparelho — que descreve e não prevê — não estava em condições de se aperceber qual a cristalização repentina de múltiplos dados íntimos e dispersos arrastariam a modificação dramática.

VERDADES SIMPLES

A formação literária de muitos dos franceses torna-os alérgicos às verdades simples. O recurso ao número, à medida, corresponde à vontade de introduzir o rigor aonde reina a imprecisão. O saber, quanto mais acumulativo é, melhor permite o desenvolvimento de uma disciplina em que a quantidade intervéem mais. Cada extensão legítima (e há algumas ilegítimas!) do

campo da quantidade representa uma conquista científica ou, mais exactamente, uma intensificação do valor científico da disciplina.

Nas ciências sociais, o apelo ao cálculo estatístico — sobre o qual assentam as sondagens, — a introdução de um estilo de pensamento que se concentra sobre frequência, distribuições e covariantes, provocaram um verdadeiro passo em frente do conhecimento, embora primeiramente de forma negativa: que «explicações» engenhosas e sedutoras destruídas por um simples cálculo de correlação!

Sobre o comportamento dos grupos sociais, os mais variados, sabe-se desde há pouco, com precisão, uma quantidade enorme de coisas interessantes e significativas. Quando, por exemplo, graças aos cálculos sobre os resultados eleitorais e aos inquéritos por sondagens, se determina quais os dez Estados que Kennedy, quando das eleições que o levaram ao poder, perdeu por ser católico, e os seis em que a sua filiação ao catolicismo fez oscilar a decisão a seu favor, tem-se um conhecimento retrospectivo pelo qual o historiador fica fortemente reconhecido ao sociólogo matemático.

São, talvez, mais verdadeiras ainda as atitudes, os prismas psicológicos pelos quais os indivíduos captam, seleccionam e deformam as informações exteriores. As sondagens são particularmente reveladoras a este respeito, dado que, na vida política, as crenças, as representações da realidade nos espíritos, constituem uma realidade no segundo grau, pelo menos tão importante como a primeira. (para este tipo de problemas de método e de fundo, permitimo-nos referir o nosso livro *L'Explication politique*, A. Colin.) Tal illogismo aparece com evidência e em toda a sua estatura.

Assim, a propósito da crise do dólar em Agosto de 1971, à pergunta: «Esta crise e as suas consequências parecem-lhe um acontecimento importante?», 68 por cento da amostra francesa responde muito justamente «muito» ou «bastante», mas esta outra: «Esta crise oferece o risco de ter consequências graves para o seu emprego e para o seu trabalho?» produz 69 por cento de respostas negativas por parte dos assalariados! Ora, a incapacidade de ver o elo de ligação entre a economia internacional e a situação pessoal foi, sem dúvida, alguns meses mais tarde um dos factores essenciais da abstenção maciça ao referendo sobre a Europa.

MANIPULAÇÃO DOS CIDADÃOS?

Quais são as consequências políticas destes conhecimentos? Fala-se muito da importância das sondagens durante as campanhas eleitorais. Fala-se até demasiado.

Com efeito, entre as consequências possíveis da própria campanha, a mais

importante é a confirmação de eleitores nas suas atitudes anteriores. E, entre os eleitores, não muito numerosos, que tiveram conhecimento dos resultados das sondagens, só uma pequena minoria se terá determinado em função deles, tendo essa determinação lugar, em geral, pouco mais ou menos em partes iguais nas direcções políticas contrárias.

Três outros aspectos são muito mais importantes. Em primeiro lugar, as sondagens levam a uma manipulação dos cidadãos? A questão — esquece-se isso demasiadas vezes — não se aplica apenas às sondagens. Ela diz respeito a toda a informação.

O homem de Estado que afirma: «A França quer isto», o jornalista que escreve: «A opinião não acataria que...», quem convencer o conjunto dos cidadãos ou dos seus leitores de que eles próprios a exprimem ou, pelo menos, que a norma à qual cada um deveria submeter-se é a que eles anunciam.

Os institutos de sondagens são, em geral, mais rigorosos e mais desinteressados. O essencial, todavia, é compreender bem que a sondagem não é mais do que um instrumento entre outros mais num jogo muito subtil de influências recíprocas entre o público e os «manipuladores».

O director do jornal de grande difusão inflige o conteúdo deste em função da ideia que faz das expectativas do público. O mesmo acontece com a publicidade: a única noção de estudo do mercado sugere a existência da influência recíproca. A mensagem é tanto melhor recebida quanto melhor tiver sido concebida em função das expectativas do destinatário.

A constatação vale para a propaganda política, que, também ela, se submete transformando e se transforma submetendo-se. Uma vez trata-se de uma submissão fingida para melhor influenciar e transformar, outras vezes de uma aceitação das atitudes dos «propagandeados», aos quais é simplesmente pedido entregarem o poder — ou a aparência de um poder — aos homens que lhes dizem aquilo que querem ouvir.

Abordamos aqui o segundo aspecto, sem dúvida fundamental. Os resultados das sondagens são objectos cuja utilização eleva não os sondadores mas homens políticos. Se em tantos países as sondagens têm tendência para determinar as condutas dos dirigentes, é porque estes são fracos, sem ideias nem vontade. Um partido que elabora o seu programa unicamente em função de sondagens, um chefe de Governo que consulta a «opinião» por sondagens e renuncia à acção se a resposta é conservadora, são pouco apreciáveis.

A democracia, e também o direito de mudar de opinião pela acção ou de tomar medidas de momento impopulares, a partir do momento em que se submete ao veredicto da eleição seguinte.

Antes do general De Gaulle proclamar a saída da França da Organização Atlântica, as sondagens mostraram que a maioria dos franceses era hostil a esta decisão. Em seguida aprovaram a acção do chefe do Estado, como o mostraram as sondagens ulteriores. O primeiro-ministro Heath sabia, através de sondagens, que a maioria dos britânicos era hostil à entrada da Grã-Bretanha para o Mercado Comum. Nem por isso deixou de perseverar menos nas suas intenções. Simplesmente, limitou-se a ter em conta os resultados das sondagens na sua estratégia.

O terceiro aspecto procede dos outros. As sondagens não destroem a legítima capacidade de acção dos representantes políticos? Não evoquemos demasiadamente o caso do esbulho do Parlamento: a imprensa, a rádio e a televisão contribuíram para isso mais do que as sondagens. Não minimizemos um perigo certo: a valorização, pelas sondagens, da massa dos cidadãos passivos e indiferentes relativamente aos militantes aos quais a questão fala ao coração. Mas estes militantes têm interesse, também eles, em saber em que medida exprimem uma opinião mais geral, ou, ainda, em medir qual é a força da corrente a vencer.

Mais ainda, a sondagem destrói impiedosamente muitas das reivindicações injustificadas de representatividade. O chanceler Brandt não teria, sem dúvida, reconhecido a fronteira Oder-Neisse se as sondagens não tivessem mostrado que os dirigentes das associações de expulsos não tinham qualidade para manter a sua linguagem violenta em nome das massas daqueles que pretendiam representar. É bom, e são, que cada grupo social segregue militantes que lutam por ele. Mas quando um tal grupo não é homogêneo senão pela injustiça sofrida e não pela solidariedade vivida nem pela organização, não é menos bom que a sondagem faça ouvir a sua voz, como, por exemplo, a das pessoas de idade.

Finalmente e sobretudo, a irritação de tantos notáveis perante as sondagens não provém precisamente da sua qualidade de notável, porta-voz, por intuição ou por graça de estado, da «opinião», ser fortemente posta em questão pelas sondagens? As suas reacções parecem-se muito com as dos notáveis do último século perante a introdução do sufrágio universal. A voz do ignorante pesará tanto como a minha: que escândalo!

A VERDADEIRA TENTATIVA

Deve-se deixar de efectuar sondagens? A destruição dos termómetros seria útil à medicina? Valeria mais dizer que ela nem sequer seria concebível. As sondagens bem feitas têm mostrado a evidência o seu valor, para que se renuncie a servir-se delas... A verdade

Continua na pág. 4

DL/REGIONAL

PORTO

COMEÇARAM A FUNCIONAR DOIS NOVOS TRIBUNAIS

Começou, após as férias, o novo período judicial. No Porto começaram, também já hoje, a funcionar, os dois novos tribunais, ou sejam os dois Juízos de Instrução Criminal, criados pela lei de 10 de Maio último, devidamente regulamentados pelo Decreto 343/72, de 30 de Agosto findo.

Para presidir aos dois novos juízos foram nomeados os magistrados drs. Brochado Brandão e Eduardo Augusto Martins, que exerciam funções, respectivamente, no 6.º Juízo civil desta comarca e na Póvoa de Varzim. Os dois novos Juízos funcionarão no edifício da subdirectoria da Polícia Judiciária e terão funções jurisdicionais que há a praticar durante a instrução dos processos a qual continua, como até aqui, a ser da competência da Polícia Judiciária.

A primeira distribuição de processos aos tribunais cíveis faz-se hoje prevenindo-se que sejam apresentados à distribuição mais de três centenas de processos.

Na 1.ª Vara Civil estão já marcados para Outubro 25 julgamentos e na Segunda Vara, 98.

Os casos de indemnizações, resultantes de acidentes de viação são em expressiva maioria.

No Primeiro Juízo Criminal estão já marcados, também para Outubro, 55 julgamentos, o primeiro dos quais no dia 4.

Nos correccionais o panorama é diferente. No Primeiro Juízo Correccional, por exemplo, estão marcados 24 julgamentos para Outubro; nos segundo, terceiro, quarto e quinto Juízos Correccionais estão marcados, respectivamente, 66,87, 53 e 49 julgamentos.

O Tribunal Plenário não tem qualquer julgamento marcado para Outubro.

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA

Ao deixar o cargo, que proficentemente exerceu durante trinta e seis anos, o sr. Mário Delgado, conservador do Conservatório de Música do Porto foi alvo de significativa homenagem, durante a qual diversos oradores salientaram os seus

méritos, o que aquele funcionário agradeceu.

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Foi rescindido, a seu pedido, o contrato com o eng. José Armando Rodrigues de Almeida, que exercia as funções de assistente, além do quadro, da Faculdade de Ciências.

CIÊNCIA E DEMOCRACIA

Continuação da pag. 3

deira tentação, é dizer que a leitura da temperatura está reservada àqueles que se dizem médicos: a grande firma para promover as suas vendas: o chefe do Governo, para melhor fazer aceitar a sua política e para conhecer as reacções dos cidadãos. Já Napoleão havia descoberto a solução: tinha encarregado um excelente jornalista de lhe dizer a verdade num jornal com a tiragem de um único exemplar reservado ao Imperador. Nos regimes autoritários, começa-se a proceder desta forma: a liberdade de informação da opinião não está separada da liberdade de informação em geral.

Como os jornais, como as

emissões televisivas, as sondagens podem ser mal feitas, ou falseadas. Mesmo quando são sérias e rigorosas, o conhecimento do seu conteúdo pode ter uma influência deplorável sobre o grande público. Estão aí as consequências inevitáveis da livre circulação dos conhecimentos, incluindo os erros. Não é impossível atenuá-los, principalmente fazendo compreender, a partir do liceu, como se faz um jornal, como se faz uma sondagem. Difundir o conhecimento sobre os meios de conhecimento: sabemos desde há muito tempo que a libertação dos cidadãos permitindo-lhes aproveitar verdadeiramente da liberdade da informação tem este preço!

Foram reconduzidos, para o próximo ano lectivo, como professores provisórios do ciclo preparatório do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército os drs. José Manuel Teixeira dos Prazeres, José Maria Almeida Correia Mendes e Vítor Marques dos Santos; e o dr. António José Nunes Branco foi nomeado professor provisório daquele estabelecimento de ensino.

///

Foi contratada a dr.ª D. Maria Helena Silva Canilho para exercer, provisoriamente, as funções de investigador, além do quadro, da Faculdade de Ciências de Lisboa.

///

O dr. Gustavo Vitorino Monteiro da Silva foi contratado, por conveniência urgente de serviço, para o cargo de assistente eventual, além do quadro, do Instituto Superior Técnico.

EM 3 LINHAS

O escrivão de direito, sr. Manuel Costa da Silva, exercendo o cargo de chefe de secretaria do Tribunal da Comarca de Vila Franca de Xira foi nomeado, em comissão de serviço, por um ano, chefe de secretaria dos Juízos de Instrução Criminal de Lisboa.

///

Está aberto concurso para provimento de um lugar de professor extraordinário do 6.º grupo da Faculdade de Medicina de Lisboa.

///

Em suplemento ao «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 181), foram publicadas, pela Secretaria

Contas Públicas de 1971, às quais já nos referimos.

///

Oficialmente, foi mandada extinguir a instituição particular de assistência Património dos Pobres da Freguesia de Vilar (Cadaval).

///

Foi nomeada definitivamente a dr.ª D. Elsa Lúcia Rego de Mexia Heitor de Medeiros Portela como técnico especialista do quadro do pessoal técnico do Centro de Estudos de Planeamento.

///

Por sentenças do Tribunal Civil da Comarca de Lisboa, fo-

COIMBRA

MARCELLO CAETANO HOMENAGEADO PELO MUNICÍPIO

Na reunião da Câmara Municipal de Coimbra, presidida pelo eng. Araújo Vieira, em que foram tratados assuntos diversos, o dr. Soares Coimbra falou do quarto aniversário da posse do cargo de Presidente do Conselho pelo prof. Marcello Caetano. Referindo-se às palavras do presidente da Câmara na última reunião do Conselho Municipal, prosseguiu salientando o êxito e a importância da acção governativa do Chefe do Governo, e elogiou o seu esforço neste quadriénio. Acrescentou que «Portugal, graças à feliz e patriótica escolha feita oportunamente pelo sr. Presidente da República encontrou no sr. prof. Marcello Caetano o homem próprio para assegurar a continuidade e a renovação do regime, após a perda do presidente Salazar».

Foi aprovada unanimemente uma proposta daquele vereador, assinalando o aniversário da posse do prof. Marcello Caetano, com o reconhecimento e a confiança no Governo da Nação, o que ficou exarado na acta da sessão.

O mesmo vereador (do Pelouro Rural) salientou os melhoramentos feitos pela edilidade nalgumas freguesias dos subúrbios da cidade; e, depois, o dr. Viriato Namora, a propósito da passagem superior da Arregaça, tornou a solicitar que não fosse esquecida a supressão urgente da passagem de nível do Calhabé. E, em relação aos mercados, disse ser indispensável a sua distribuição por zonas ou bairros.

Usou, ainda, da palavra o vereador sr. Miranda Veloso, para manifestar o desejo de que seja aprovada uma proposta de elogio a todos os bombeiros, chefes, subchefes, ajudantes e comandantes das corporações de Coimbra, pela abnegada acção no combate aos incêndios na última época estival.

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DA MOCIDADE

Na sede da Associação Cristã da Mocidade, na Rua Alexandre Herculano haverá amanhã, às 18 horas, uma reunião com os representantes dos órgãos de representação, para troca de impressões sobre um ciclo de conferências que a instituição pretende efectivar, com o patrocínio e a colaboração da Direcção-Geral dos Desportos.

INCORPORAÇÃO DE SOLDADOS

No Centro de Instrução e Condução Auto n.º 4 decorre hoje a incorporação de soldados recrutados do 3.º subturno, turno da escola de recrutas deste ano.

NOVO PÁROCO DA SÉ VELHA

Ao fim de nove anos, deixa de paróquia a freguesia da Sé Velha, o rev. Carlos Alberto Carvalho, que será substituído pelo rev. Alberto Dionísio, professor da Escola do Magistério Primário de Coimbra e do Colégio Diocesano de São Teotónio.

Para assinalar a entrada do novo pároco, houve na igreja da Sé Velha uma concelebração eucarística, à qual se associou o antigo pároco, mons. José Varranda, actual vigário geral da diocese.

Hoje, às 21 e 30, no salão paroquial haverá uma reunião fraterna e de convívio dos residentes na paróquia.

HOSPITAL PEDIÁTRICO

A comissão instaladora do Centro Hospitalar de Coimbra abriu concurso público para adjudicação da empreitada de adaptação do Sanatório Antituberculoso de Celas a Hospital Pediátrico (2.ª fase), na base de licitação de 4 833 500\$00.

As propostas podem ser entregues até 11 de Outubro, às 15 horas, procedendo-se, publicamente, à sua abertura uma hora depois.

PONTÃO DO PEGO

Foi concedido à Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos Direcção Hidráulica do Mondego) um subsídio para a construção do pontão do Pego, no Rio Insua.

ram declaradas em estado de falência as firmas da capital: Tecnostal-Projetos de Edificações e Instalações, L.ª, Humberto Lopes, L.ª, Silva, Bernardo Alves, L.ª e Eifelita-Sociedade Comercial de Viveres, L.ª

///

Por serviços prestados em Angola, como governador do distrito do Uíge, foi distinguido com a medalha de ouro de serviços distintos ou relevantes no Ultramar o coronel Ernesto Fontoura Garcês de Lencastre.

///

O arquitecto Carlos Luís Farinha Antunes foi demitido, a seu pedido, das funções que exercia no Fundo de Fomento da Habitação.

///

Podem ser requeridos, em provimento interino, os lugares, de 3.ª classe, de notário em Arraiolos e conservador do Registo Civil e notário em Alcoutim e Madalena (Açores).

PROVÍNCIA

AVEIRO

Bombeiros

O próximo encontro de recepções e comandos dos bombeiros do distrito de Aveiro, marcado para o dia 28, além dos trabalhos normais, terá como objectivo estimular a criação de um corpo de bombeiros em Arouca, onde a sua falta se faz sentir desde há muito.

Festa de Nossa Senhora das Areias

São hoje encerradas as tradicionais festividades em honra de Nossa Senhora das Areias, na praia de S. Jacinto, do concelho de Aveiro, cujo programa inclui concertos de música, arraial, fogo de artifício e várias diversões.

«Feirinha» de Vera Cruz

Com o objectivo de angariar fundos para o prosseguimento da construção do centro paroquial, realiza-se até ao dia 5, no Largo da Apresentação, a «Feirinha» da Vera-Cruz, uma espécie de «Feira da Ladra», em

miniatura, para a qual os paroquianos ofereceram os mais variados objectos.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO Registos Civil e Predial

O conservador dos Registos Civil e Predial de Vila Real de Santo António, dr. José da Costa Pereira Gonçalves foi nomeado, interinamente, para idêntico lugar em Redondo.

Aliança Francesa

Vão recomençar as actividades do ano lectivo na Aliança Francesa, fazendo-se as inscrições para os respectivos cursos, também na «Boutique» Cisne, e ainda pelo telefone 176.

SETÚBAL Comando da P.S.P.

Foi exonerado do cargo de comandante da secção da P.S.P. do distrito de Setúbal, para prestar serviço do Ministério do Exército o tenente Raul de Matos Torres.

I CONGRESSO DE PROJECTISTAS E CONSULTORES

Vai realizar-se em Lisboa, em Maio do próximo ano, o I Congresso Nacional de Projectistas e Consultores, durante o qual serão discutidos vários assuntos, integrados nos seguintes temas: situação actual da actividade de projectista e consultor, em que consiste, quem a executa, quais têm sido os seus utilizadores e promotores e sua importância na presente fase de desenvolvimento do País; relações com as entidades dos sectores público e privado, o problema dos honorários e das tabelas nacionais e estrangeiras, a qualificação e a comprovação da idoneidade, os sistemas de concurso e os critérios de adjudicação e responsabilidades dos projectistas e consultores e seu seguro; a actividade de projectistas e consultores nacionais, relacionada com a actividade idêntica de estrangeiros em Portugal, intervenção de projectistas e consultores nacionais em mercados estrangeiros, o problema das transferências internacionais de «know-how» e o fomento da produção nacional de bens e serviços; a actividade de projectistas e consultores analisada como meio de exportação de bens e serviços e principais condicionamentos técnicos, financeiros e promocionais; terminologia re-

ferente a essa actividade, o tratamento da informação técnica, centros de documentação e sua utilização, recrutamento, formação e aperfeiçoamento dos projectistas e consultores e previsão a médio e a longo prazos da respectiva evolução; organização do sector, criação ou desenvolvimento de associações, legislação existente e a criar e inventário e classificação profissional.

O programa será divulgado em Novembro, sendo nessa altura indicada a data de inscrição.

Quaisquer esclarecimentos podem ser pedidos à Secretaria do I Congresso de Projectistas e Consultores, que funciona na Associação Industrial Portuguesa, Praça das Indústrias, Lisboa.

ABERTURA DA CAÇA

Não se confirmam os boatos — aliás sem fundamento algum — sobre a alteração da abertura geral da caça.

Segundo informa a Comissão Venatória Regional do Norte, a abertura, conforme determina a lei vigente, será em 15 de Outubro.

Mais dois comboios entre Lisboa e Porto

Desde ontem que, entre outras melhorias na marcha de alguns comboios que já circulavam entre o Porto e Lisboa passou a haver mais dois, um ascendente e outro descendente.

O novo comboio entre as duas cidades sai de Campa-nhã às 20 horas e chega à capital às 0 e 45; o de Lisboa para o Porto parte de Santa Apolónia, às 7 e

35, para chegar a Campa-nhã às 12 e 40.

Apesar deste comboio ter marcha de «rápido», os passageiros não pagam a taxa de velocidade, ou seja menos 50\$00 que o preço dos bilhetes nos «rápidos». A viagem, portanto, neste comboio é de 136\$00 em segunda e 191\$00 em primeira classe.

DIÁSPORACULOS

O VAZIO NA TV

Está dito. Não voltarei mais a recordar as pequenas man-chas da locução de Artur Agostinho. Desta vez é que é. De repente vem outro e a gente vê a diferença, a gente faz o teste de S. Tomé. Vem Fernando Pires, por exemplo. O paleio nhã-nhã, mais isto e mais aquilo, a distrair-nos, enquanto os jogadores dentro do campo se desunham. Ou então a descrever os lances, depois de realizados, como se estivesse a falar para uma data de cegui-nhos...

Porque o futebol continua a ser a grande estrela da televisão. Propaganda para a moda-lidade? Hum... Quando o pro-duto não ajuda, pouco vem de propaganda. Acaba por se transformar numa propaganda negativa. Sendo também certo que a televisão portuguesa nos dá o panorama de todo um pa-radoxo: quer que o futebol faça alguma coisa por ela, mas não quer ela fazer nada pelo fute-bol. O futebol transmitido pela RTP transforma-se num festival de chatice e nem sempre por culpa da modalidade.

Por exemplo: os resumos transmitidos domingo à noite. Certamente muitos aficiona-dos aguardam esse instante com algum interesse. Que su-

cede? As imagens são uma pobreza.

No jogo do Sporting, disse-nos Artur Agostinho, houve casos. Desses vimos um: o do segun-do golo. Mesmo assim mal e porcamente. É tudo à laia de pau e corda.

Veja-se a rubrica «Fados e Guitarradas». Leva-se uma boa fadista, Fernanda Maria, do melhorzinho que nós temos. Como a recebe a televisão? Proporciona-lhe as melhores condições de realce para o seu talento de intérprete? Não se-nhor: coloca-a na vertigem de uma tão deficiente captação sonora que dá logo vontade de saltar e tapar a boca ao televi-sor.

Às vezes acontecem coisas de fazer sorrir. Naquela repor-tagem sobre a pesca ilegal no rio Tejo: vamos lá ver como é... Não vimos. Não vimos por-que não apareceu a pessoa que devia ser entrevistada... Fernando Balsinha, coitado, lá foi enchendo tempo com uma tremenda dificuldade, a masti-gar no vazio.

Bom: que nem tudo foi su-pérfulo neste serão ou nas suas vizinhanças. Admirável, por exemplo, aquela reportagem sobre a inauguração da luz eléctrica... na praça de touros de Santarém. Soubemos que, a partir de agora, aquela praça de touros será utilizada «para espectáculos de todo o género», pelo que «passará a ser o grande auditório da cida-de».

Belo, belo. Entretanto, havia



feita. Românticamente, a elec-tricidade rendeu-se. Acende-ram-se velas. E o fado jorrou das gargantes apaixonadas. Fado triste, passivo, langoroso, saudosista. Dizia-se, num de-les, que «Lisboa tem cheiro/de flor do mar». A que vinha ali fazer Lisboa, ninguém expli-cou. Não seria mais curial que se falasse antes do cheiro de Santarém? Sempre era mais bairrista.

Com o fado, jorrou o vinho tinto, carrascão à farta. Furio-samente a correr dos picheis para iluminar a festa, dar-lhe aquele toque pagão, tão do agrado dos sentimentais e dos românticos. Foi uma grande noite, uma noite que espalhou o orgulho, a alegria, a sasti-facção entre todos os amantes desta arte de brincar com os touros. Portugal inteiro enviou, no segredo das mensagens sem história, os seus parabéns a Santarém que passou, desde agora, a contar com um grande auditório.

Boa anedota, esta do audi-tório, ou melhor: uma antiane-dota. Pendura-nos na cara não um sorriso, mas uma lágrima. Uma lágrima iluminada, está claro.



Por MARIO CASTRIM

O MEIRIM É SEMPRE ASSIM

«Vamos fazer a massificação das massas...»

Ouvi longinquamente, com este hábito da televisão mesmo em sonhos. Dei por mim, não era sonho nem imaginação. Era o Meirim a conversar com Rui Romano. Pela primeira vez. Romano encontrara quem falasse tanto como ele, dizendo o mesmo, isto é: nada.

Meirim novamente entrevista-do. A propósito da sua partida a Angola, perdão! da sua par-tida para Angola. Vai orientar as actividades desportivas do Futebol Clube de Luanda. Não apenas futebol. Futebol é um aspecto. Trata-se de um plano «que visa principalmente as potencialidades ráticas do nosso povo ultramarino». Meirim tem nesse plano muitas es-peranças. Na sua opinião «An-gola será o celeiro abastece-dor de todo o desporto do no-ssos País». Assim por diante, lançado numa vertigem retóri-ca de confundir o mais experi-mentado. Não é um homem que fala: é uma máquina. Ma-te-se uma pergunta na ranhura e a torrente de palavras rompe

infundável, encosta abaixo. A certa altura, Romano o grande ataque: quis saber quais eram as linhas mestras do plano de Meirim para o desenvolvimento desportivo de Angola. Talvez a máxima celebridade do nos-so Treinadorismo futebolístico não esperasse a pergunta in-discreta. Mas não é homem a quem essa, ou outras pergun-tas, empate. Então desfiou o rosário. Então ficamos a saber que o plano de Meirim para o desenvolvimento desportivo de Angola consistia no seguin-te:

Bem gostaria eu de o regis-tar aqui. Meirim, no entanto, guardou-se bem de o mostrar. Disse: «Tenho, há largos anos, a ideia de que para a captação das grandes massas juvenis, não só como espectadores mas como praticantes, há a neces-sidade da criação de figuras. A publicidade à volta disso é

muito importante».

E depois? Depois Meirim le- vará para Angola algumas grandes figuras do desporto, organizará uma grande publi-cidade à volta disso. Após o que o desporto acordará e se de-senvolverá com o ímpeto dos cogumelos. Como se vê, fácil, fácil, nada nesta manga, nada no chapéu...

A finalizar a sua entrevista, Meirim agradeceu à Televisão portuguesa esta oportunidade de ser escutado «por quatro ou cinco milhões de pessoas».

Sempre modesto, o rapaz. O que não impede de homena- gearmos a televisão portu-guesa na sua preocupação de nos dar a presença das personali-dades mais valiosas na socie-dade portuguesa. Também ela segue o princípio enunciado por Meirim, quanto à neces-sidade de criação de figuras. Les beaux esprits se rencontrent.

Almada Negreiros EXTERNATO

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.
Tels. 538308 - 538349

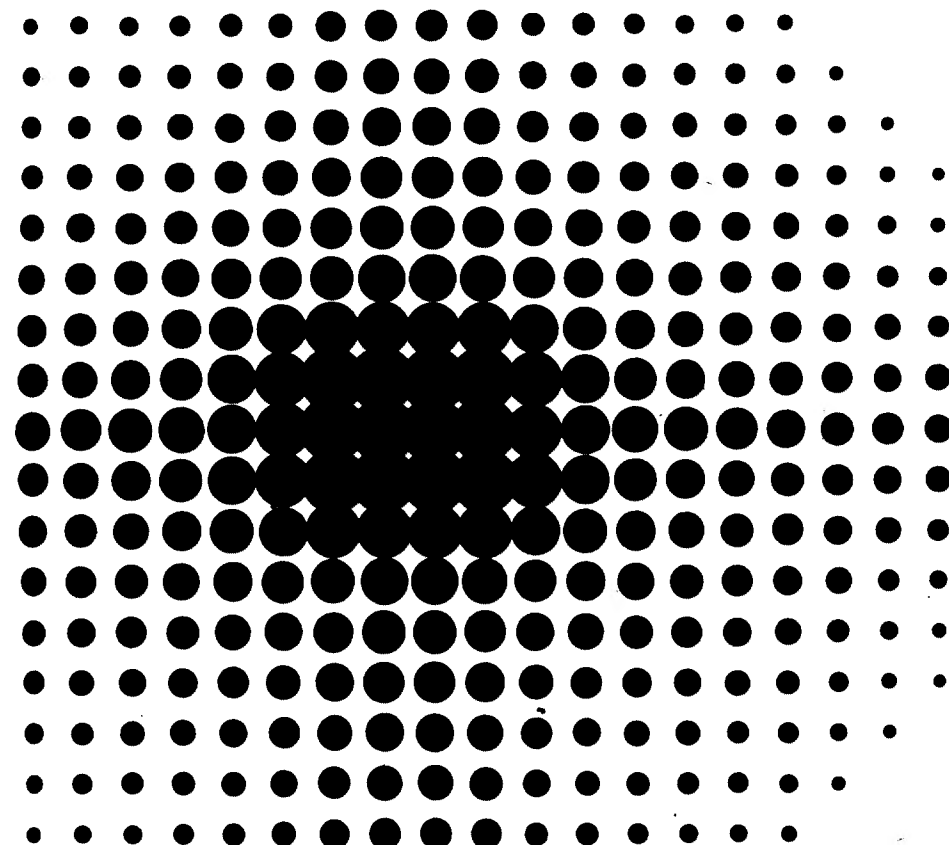
Junto ao Teatro Monumental

CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL
INSTITUTOS

DIURNO — NOCTURNO

(ABERTAS AS INSCRIÇÕES)

O «DIÁRIO DE LISBOA» é ven-dido por Manuel Francisco Lo-pes, «Loja do Povo», Rua Saca-dura Cabral... MERCEANA- Alenquer



A electrónica e a informática,
na sua mais alta expressão
técnica, trabalham para
a tradicional dinâmica



(Os nossos clientes retribuem-nos com Alta-fidelidade.)

Atingimos um elevado nível técnico nas nossas actividades. Servimo-nos da mais moderna aparelhagem que a ciência pôs ao dispor do homem. O nosso centro electrónico não pára. Para ganharmos tempo. O tempo de que necessitamos para mantermos mais contacto com o cliente que, no nosso Banco, não se transforma num simples número arquivado no computador. É um amigo!

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

DL/ESPECTACULOS

ARLO GUTHRIE

A América desmascarada

Sem grande margem de erro arriscamos que Arlo Guthrie, filho do malgrado Woodie Guthrie, é juntamente com Country Joe MacDonald, um dos mais conscientes e activos cantores da América. Embora sem o génio criador de Bob Zimmerman Dylan, Arlo que tem vinte e cinco anos e já vai no seu quinto LP tem tido um itinerário muito mais sólido e definido politicamente que o autor de «Desolation Row». Isto, não vem, todavia, reduzir a importância histórica de Dylan no processo da canção norte-americana. Serve apenas para mostrar a certas pessoas que até o génio é discutível e que muitas vezes serve basicamente para encobrir contradições graves, que a História, posteriormente, se encarrega de por a nu. Accionista de uma importante fábrica de material bélico (bombas, principalmente, segundo rezam as crónicas) e amigo sincero dos israelitas, que posição terá Dylan tomado em relação ao acidente de Munique? Bem, mas isto já é outra cantiga...

Embora já vá no seu quinto trabalho de longa duração, Arlo que gravou pela primeira vez aos dezanove anos por sugestão de Pete Seeger, um dos mais dedicados amigos de seu pai, está longe de ser um autor fecundo. Bem feitas as contas, verificamos

Crítica de JOSE JORGE LETRIA

que, em média, não chega a ter um LP por ano. Mais ainda: entre «Washington Country» o seu penúltimo trabalho e «Hobo's Lullaby», lançado recentemente, há dois anos de silêncio, quase absoluto. Dizemos «quase» pois esta pausa foi na realidade interrompida com a intervenção do cantor nos dois álbuns de homenagem a seu pai.

Arlo, que estudou em Berkeley e esteve intimamente ligado às manifestações que agitaram este centro universitário foi, nos últimos anos, ao nível da música

ca um dos críticos mais ferozes das manobras internas e externas da Casa Branca. Não é por mera coincidência que o seu penúltimo álbum, caustica na maioria dos títulos, se chama «Washington Country». Não é também, por um simples acaso que Arlo é, pese embora o carácter relativamente permissivo das sociedades de capitalismo avançado, um dos cantores mais vetados da América.

Defensor acérrimo dos produtos artesanais, das estradas como caminho para a liberdade total e da beleza campestre como forma de purificação do espírito e do corpo, Arlo Guthrie que nos seus temas tem denunciado violentamente a alienação resultante da vida nos grandes centros urbanos, debate-se neste momento com um pesado dilema: respeitar por um lado a herança «country» de seu pai e por outro lado resistir às propostas alienantes da música «rock».

como se pode verificar pela audição de «Running Down The Road». Entusiasmados com a participação de Arlo, ao lado Dylan e Ritchie Havens, no disco «Tribute to Woodie Guthrie», ouvimos «Hobo's Lullaby» que de certo modo foi uma decepção, do ponto de vista musical. Com efeito, apesar da segurança que continua a revelar como intérprete, Arlo pouco acrescenta, enquanto compositor, às propostas contidas em «Alice's Restaurant» e em «Washington Country» cuja acutilância era, sem dúvida, superior à do seu último trabalho. Embora mais sereno e moderado «Hobo's Lullaby» em títulos como «The City of New Orleans» a lenta decomposição da América.

Na construção deste álbum que desde já aqui fica sugerido intervêm os nomes conhecidos de Chris Ethridge, Bill Lee e Linda Ronstadt, companheiros de estrada de Arlo Guthrie.

COLISEU

HOJE às 21.30
NOITE DA MODA
(Grupo A — M/ 6 anos)

GRANDE
COMPANHIA
INTERNACIONAL
DE
CIRCO

As maiores atracções

QUINTA-FEIRA
Dia 5 de Outubro

Espectáculo à tarde às
16 h. com entrada gratuita
às crianças dos 6 aos 10
anos.

À noite — às 21.30



PRAÇA DE TOIROS
«PALHA BLANCO»

FEIRA ANUAL

A FEIRA TAURINA
MAIS CASTIÇA

3 - OUT.º - 3.ª FEIRA
Às 10 da noite

8 Toiros de
OLIVEIRAS (Irmãos)

DAVID R. TELLES
JOSÉ M. BAPTISTA
MÁRIO COELHO
JOSÉ FALCÃO

Forcados de Santarém

5 - OUT.º - 5.ª FEIRA
Às 6 da tarde

CORRIDA
ESPERANÇA

Venda de bilhetes em Lisboa:
ABEP, Restauradores, telef.
328823; Tabacaria Freitas,
Rua 1.ª de Dezembro

Em Vila Franca
Café Central — Tel. 22087

ESPERAS DE TOIROS
às 10,30 horas

A verdadeira universidade, no nosso tempo,
é ter uma boa biblioteca.

Thomas Carlyle

brevemente

CRIME DE AMOR

NURIA ESPERT
AMÉRICO COIMBRA

ROMA EDEN

GRUPO D • 18 ANOS

show

Vai realizar-se em Évora, nos próximos dias sete e oito de Outubro o 2.º Encontro Internacional de Grupos Corais sob o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Nele participam grupos corais alemães, franceses e espanhóis.

O grupo «Jograis da Costa do Sol» que recentemente organizou no Teatro Gil Vicente de Cascais um interessante recital de poesia terá já

no próximo mês a possibilidade de prosseguir com o seu programa cultural que inclui a divulgação de prosadores e de agrupamentos de música moderna.

Costa Ferreira será uma das principais figuras da nova peça do Teatro Laura Alves.

Rosa Maria, uma jovem cançonetista, vai gravar para a etiqueta «Fontana» o seu segundo disco comercial que inclui composições da dupla Paião-Damas. Rosa Maria partirá depois para os Estados Unidos onde vai cumprir contratos.

Samuel, o jovem autor-intérprete divulgado por José Afonso, terá



Rosa Maria

dentro de poucos dias no mercado a sua primeira gravação comercial com selo «Orfeu». A canção principal chama-se «Cantigueiro».

Paulo José é o director coreográfico da nova revista do Maria Vitória chamada «Cá Vamos Pagando e Rindo».



Sammy Davis: Baile no aeroporto

Sammy Davis que ainda há poucas semanas colaborou activamente com o presidente Richard Nixon na Convenção Republicana realizada em Miami Beach, dando o seu já tradicional «espectáculo», veio agora à Europa cumprir contratos. Esteve em Londres Paris e Berlim onde se exibiu com relativo sucesso. Esta foto foi tirada no aeroporto de Heathrow momentos antes da partida do cantor para Los Angeles. Como não podia deixar de ser Davis que está incondicionalmente com Nixon deu um arzinho da sua graça.

VÁ AO TEATRO!!!

TEATRO Telef. 555133
MONUMENTAL

2 SESSÕES
20.45 e 23 h.

Domingo, à tarde às 16 h.
RAUL SOLNADO
na famosa revista



com
FLORBELA
os artistas convidados
IRENE • JOSÉ de
ISIDRO CASTRO
e o extraordinário
BALLET
PICCADILLY
STARS BALLET
4.º MES
GRUPO D — M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037
VARIEDADES

2.ª, 3.ª e 5.ª-Feiras
às 21.45 h.

6.ª, Sáb. e Domingos
2 sessões 20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.

SIMONE e RUI
na divertida comédia
A CASA DOS
COMUNS

com
IO APOLONI
CANTO e CASTRO
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
3.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586
VILLARET

2 SESSÕES
20.45 e 23 h.

Domingo, à tarde 16 h.
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia

SUA EXCELENCIA
O VENDEDOR

com
DORA LEAL
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUIS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA
6.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TRÊS ESPECTÁCULOS APRESENTADOS POR VASCO MORGADO

把每一天的生活當作人生最後的一天。



VIVA CADA DIA DA SUA VIDA COMO SE FOSSE O ÚLTIMO

(provérbio milenário chinês)

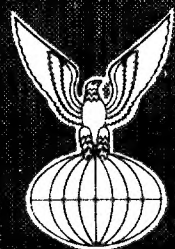
Viva intensamente. Em plenitude. Viva a alegria de cada instante, o sabór das sensações, a vitória sobre o tempo. Cada instante pode ser um instante supremo. Viva a euforia da serenidade: o relativo do absoluto.

O segredo é a tranquilidade de consciência que se obtém fazendo um seguro de vida. Com ele, na sua falta, nada faltará materialmente aos seus. O futuro deixa de existir para si como pesadelo, como temor constante. A estrada da sua vida ilumina-se.

Conheça a doçura de uma paz cheia de ofertas. Viva verdadeiramente.

O Seguro de Base Valorizável da MUNDIAL é um Seguro de Vida que garante aos seus o benefício dum confortável património, totalmente isento de impostos sucessórios.

E com a vantagem de permitir actualizar progressivamente o capital seguro através da participação nos lucros que concedemos, combatendo assim a constante desvalorização monetária.



A MUNDIAL
SEGUROS

DL/GERAL



MADEIRA 72

CRÔNICAS BREVES (3)

● Por MARIA AURORA

Montanha acima, com chuva impertinente, miúda e contínua, visitámos a Eira do Serrado, alcandorada na Serra que em círculo fechado contorna, à altitude de 1700 metros, a pequena aldeia do Curral das Freiras. Descemos a estrada, atravessámos túneis, sentimos a vertigem da altura e chegámos por fim. Se à Eira do Serrado, pequeno miradouro que todo o turista deve visitar, afluem os carros e as camionetas, poucos se arriscam a descer ao Curral, e há mesmo muitos naturais do Funchal que nunca fizeram a descida, assim como muitos dos

que vivem na aldeia nunca tiveram a curiosidade de visitar a cidade (ou mesmo possibilidades para tal!).

A aldeia é limpa e verde. Prisioneira da montanha, uma ribeira profunda, cortada a pique na serra, dá-lhe uma pequena perspectiva de liberdade. No Curral o habitante é o agricultor, homem tísido, de poucas falas, que sobe e desce a Serra, transportando às costas e a braço os produtos necessários ao cultivo e ao abastecimento do pequeno lugarejo, encerrado numa muralha de granito, restos da cratera dum vulcão extinto.

Chegados a um largo, perguntámos onde se podia comer. A chuva continuava e as levadas enchiam. Acautelava-se o gado pois o madeirense teme sempre a corrente que quando extravasa leva vidas de pessoas e animais.

— No Sousa poderão comer qualquer coisa, disse-nos um vilão atento e curioso.

A dona da venda foi amável e preparou-nos uma espetada.

— Os senhores não são de cá pois não?, foi uma das suas perguntas. Vê-se logo pela língua, não falam como a gente. Eu tenho uma filha casada para os lados do Porto. Mas nunca fui ao Continente.

— É a senhora que toma conta da «venda», inquirimos.

— Eu e o meu marido. Ajudamo-nos um ao outro. E a catraçada também faz o que pode. É uma vida sossegada graças a Deus.

— As mulheres aqui também bordam?, continuámos.

— Algumas, mas a maior parte trabalha no campo. Há poucos braços de homem porque elas querem é outra vida e emigram. Vão trabalhar para a Alemanha e Inglaterra. Antigamente ia muita gente para a Venezuela, mas agora preferem ir para esses lugares.

— E chamam a família para lá?, quizemos saber.

— Nem por isso. Mas mandam muito dinheiro de lá. Governam-se bem e a família fica com as patacas que vão ameaçando.

Com uma estrutura agrícola

deficiente, não podendo melhorá-la pela utilização das máquinas devido ao acidentado do terreno, o povo procura outros caminhos, um dos quais é o turismo.

— As raparigas e rapazes novos procuram ir trabalhar para os hotéis do Funchal, dizem-nos ainda a sr.^a Celeste. Novos tempos...

Os centros de encontro no lugar são a igreja, pequena ermida branca, a escola e o cemitério. A roda destes três locais, gira a vida das famílias.

Ainda aqui os benefícios do turismo se não fazem sentir. Só quem emigra dá notícias do mundo e doutras gentes. O Curral é visto de longe como atracção, e o povo labuta dia a dia nas exigências do quotidiano. O dinheiro enviado pelos emigrantes fica no canto da gaveta à espera da hora de maiores necessidades.

Na alimentação utiliza-se o milho como prato forte, a «semilha» e os frutos que a terra dá. Os produtos produzidos são comprados por intermediários que os levam para o Funchal e os revendem com grande margem de lucro.

Na preocupação do dia a dia não há ambições.

O povo conformado e humilde não sabe exigir. Os habitantes não entendem o significado turístico das terras que os cercam. São olhados da Eira do Serrado e a sua vila anda no cartaz turístico duma ilha ainda por descobrir.

a liberdade
e a segurança
em qualquer piso

MONROE

CAMPAÑA DE VENDAS DE OUTUBRO:

Na 1.^a Quinzena do mês, é grátis a montagem dos amortecedores «MONROE» comprados em qualquer das nossas dependências bem como a verificação dos amortecedores do seu carro no nosso centro de diagnóstico, das 9 às 19 Horas, Rua Dr. Estêvão de Vasconcelos, 58 (Braço de Prata).

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

auto lusitânia,lda AV. DA LIBERDADE, 75-79-LISBOA

amortecedores
MONROE

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA 72-73

ROMA

EDEN

NURIA ESPERT, AMÉRICO COIMBRA, e realiz. MORENO ALBA
e outros artistas, estarão presentes na ESTREIA

UM AMOR TÃO ARREBATADO, TÃO ABSORVENTE
QUE PODIA CONFUNDIR-SE COM O ÓDIO...

**CRIME
DE AMOR**

NURIA ESPERT AMÉRICO COIMBRA



GRUPO D
18 ANOS

GRUPO D
18 ANOS

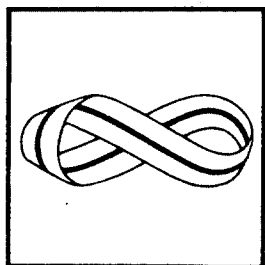
MAXIMO VALVERDE • BAPTISTA FERNANDES
um filme de R. MORENO ALBA • EASTMANCOLOR

EM COMPL. "LISBOA-JARDIM DA EUROPA" de FRANCISCO de CASTRO - color
Número especial de "A PLATEIA" dedicado a este filme.



Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Acores

Estamos onde Você estiver.
No Continente.
Nas Ilhas. No Ultramar.
Somos uma organização em dia
com quadros jovens
e especializados
para a resolução de cada caso.
Actuamos com total
transparência de processos.



BANCO TOTTA & AÇORES

Num mundo novo o Banco Novo

DL/GERAL

130 "MINHOQUEIROS" AGUARDAM A REGULAMENTAÇÃO DO SEU OFÍCIO

O mais simples dos preliminares de uma pescaria é certamente a obtenção do isco. Cinco escudos, e aí está um molho de mais de meio cento de minhocas a contorcerem-se numa cama de algas ou de terra, dentro de um embrulho de papel de jornal. Seis escudos, e aí estão quinze ou vinte minhocas de casulo, as mais celebradas para a pesca de mar, perfiladas dentro do seu invólucro arenoso, de onde só saíam para experimentar a farpa do anzol a trespassar-lhes o corpo. Vinte, trinta, quarenta escudos e, por cada escudo, aí está um ágil verdemã, peixinho esverdeado e sarapintado de preto que é o chamariz ideal para esse apetecido achigã, delícia dos nossos pescadores gastronómicos. E por aí fora, desde o «asticot», verme da varejeira, por quem bairros e pimpões perdem a cabeça e a vida, até o carapau em fânico, desgraça a tainha, e a trivial broa de milho, que subscreev razias entre as carpas dos nossos rios.

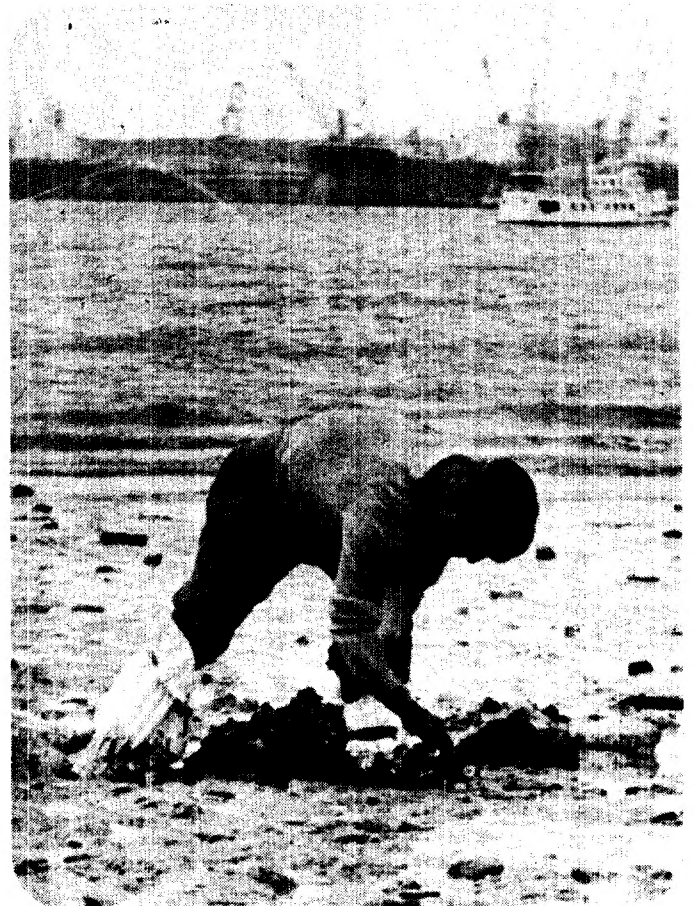
Cada peixe seu paladar, e em função das presas cobiciadas a escolha do isco a utilizar. As aplicações deste preceito metem-se pelos olhos dentro, ninguém vai propor minhocas à voracidade do achigã nem tentar com broa peixes do mar, e o resto é o que se disse: o mais simples preliminar da pescaria.

MINHOCAS E MINHOCÕES

«Minhoca» não é exclusivamente o nome daquele bichito fusiforme e lúcido de humidade que toda a gente pôde certo dia ver a esgueirar-se entre dois torrões da terra recém-rasgada de um canteiro. Minhocas há muitas e aquelas, em termos de pesca, diz-se «minhoca de estrumeira» (pois é em estrumeiras que mais abunda e a apanham os profissionais), por sinal a menos procurada de todas, útil sómente para certas pouco interessantes espécies de peixes fluviais. Por outro lado quando se diz «apanhar minhocas» ou «minhoqueiro», está-se, por foça da tradição que associa aqueles vermes ao anzol, a referir todos os apanhadores de isco vivo.

Entre si, estes têm no entanto as suas especializações. Especializações que, evidentemente, são ditadas pela localização e características dos iscos que caçam para venda. Nada há de comum entre a apanha do lagueirão, molusco que se desenterra da areia, nas praias do Sado ou nas algarvias, e a do verdemã, feita à rede no fundo dos canais de rega das albufeiras alentejanas. E se o paralelismo é pequeno entre as técnicas de apanha da minhoca de mar — no lodo do estuário do Tejo — e o «minhoqueiro» — habitante parasitário das ostras — entre estas e a da criação do «asticot», que se pratica pelo apodrecimento, em sacos de plástico, ao sol, de cabeças de carapau, é absolutamente nulo.

Assim sendo, o abastecimento das casas da especialidade (poucas e todas elas localizadas nas imediações do Cais do Sodré, ou seja, no caminho dos pescadores que batem a Costa do Sol) é feita pelos tais peritos neste ou naquele tipo de isco vivo. Normalmente, os apanhadores de minhocas são-no de todas as es-



Revolvendo o lado do Tejo à cata da minhoca de mar

pecias de minhocas, às quais acrescentam o lagueirão por força do que têm em comum com aquelas, que é a natureza subterrânea do hábitat. Uma equipa que contactámos tanto bate as estrumeiras à cata da minhoca de terra como revolve, durante a vazante, o lodo do Tejo na apanha da minhoca de mar, e as praias e ostras na apanha do casulo e do minhoqueiro. As únicas espécies, dentro das procuradas pelos pescadores, que lhes ficam fora do alçado, são as minhocas «tiagem» e de «concilio», e ficam porque o rudimentar equipamento dos «minhoqueiros» não permite a sua comercialização, quanto à criação de «asticot» e a apanha de verdemã, há especialistas para cada uma delas — sendo talvez as mais lucrativas, devido à exiguidade dos gastos que requerem e à procura de que são objecto por parte dos amadores da pesca fluvial.

Relativamente ao verdemã,

um estabelecimento comercial da especialidade, vende-o diariamente às centenas; e dias há em que — contalnos o seu proprietário — «venderia dois mil ou três mil, se os tivesse».

Não os tem pelo que já se disse. Pelo artesanismo que impera na faina dos apanhadores de isco, artesanismo devido a muitos factores, mas, à cabeça de todos eles, é absoluta ausência de um mínimo de apoio oficial. Não pode progredir, modernizar-se, do ponto de vista técnico como o organizativo, um a actividade cuja existência nem sequer se reconhece. A despeito de colocarem no mercado nacional, diariamente, muitos milhares de escudos de «produto», e ainda de o exportarem, os apanhadores de isco para a pesca, tratados desdenhosamente de «minhoqueiros», são objecto de uma consideração afinal idêntica por parte de uma legislação que os ignora e de um vulgo que os taxa de vadios.



A minhoca de casulo espreitando do seu envólucro arenoso

Nem sempre foi assim. Antigamente toda a pesca tinha de ser dupla: a do peixe exigia previamente a do isco, e o praticante precisava de ir esgaravatar no lodo ou nas estrumeiras — sujar-se, suar, amolgar os rins, perder tempo — para obter as minhocas com que fisgar as suas presas no rio ou no mar. Só de há uns trinta anos para cá é que começou a formar-se um corpo de especialistas cuja função é precisamente essa de aliviar os amadores da pesca ligeira de um trabalho incómodo e cansativo que o seu desporto lhes impunha. Foi só há coisa de trinta anos que a apanha da minhoca, ou melhor, de isco vivo para a pesca, como acontece com todas as actividades humanas potencialmente lucrativas, começou a ter os seus profissionais.

Uns profissionais com características muito próprias, traba-

lhadores de um ramo cuja existência muitos desconhecem e nenhuma lei reconhece, um ramo de actividade tão marginalizado que nem nome oficial tem. São os «minhoqueiros» (designação inadequada) e o seu número anda pela centena e meia.

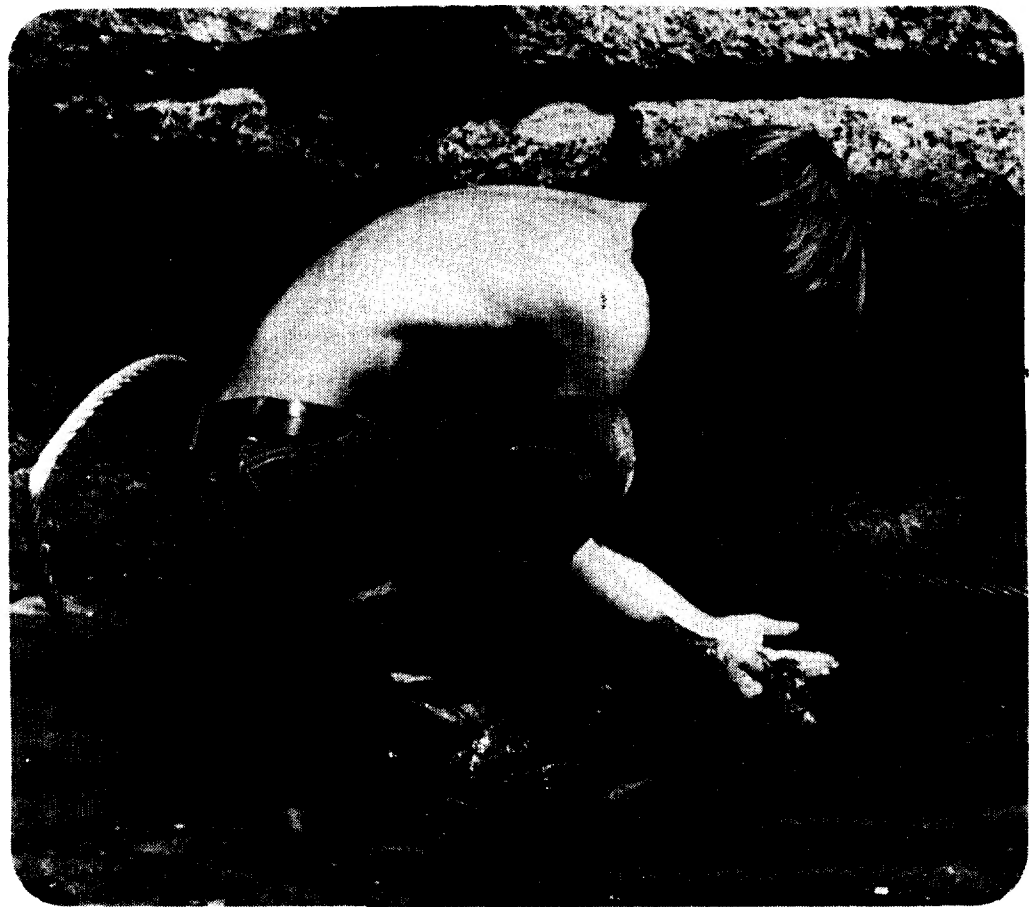
«Já não somos tão poucos como isso, não é?» — pergunta Raul da Silva Samuel, sócio de uma espécie de pequena empresa que abastece de isco o nosso comércio da especialidade — E repare: não temos Sindicato, não temos Caixa, estamos completamente desamparados. Passamos por vadios. Porque há muita gente que considera isto gandaia, biscate para acudir a uma má hora, quando isto é o nosso trabalho (e que trabalho dá!), é do que vivemos e não é desonra nenhuma. Mas há um problema qualquer, pedem-me a profissão e o que é que eu digo? Apanhador de minhocas? Estava bonito... Quer dizer: estou bonito, porque não tenho outra.»

A falta de uma regulamentação da sua actividade como a falta até de tabelas que fixem com bom critério os preços de venda e revenda dos produtos do seu trabalho, sujeitam o apanhador de isca a uma série de contingências e impedem-no, em muitos casos, de se consagrar à profissão de uma forma continuada. Chegados os meses de Inverno, em que a apanha do lagueirão e das minhocas se torna quase impraticável ao mesmo tempo que se reduzem as encomendas dos comerciantes (pois há poucos amadores que gostem de pescar à chuva),

muitos dos «minhoqueiros» não têm outra solução senão o velho recurso dos braços desempregados: a estiva.

«A nossa ambição, diz Raul Samuel, é sermos filiados da Caixa do porto de Lisboa. Passamos a descontar do que ganhamos mas tomara eu descontar para, quanto mais não fosse, ter direito de ser considerado como alguém que trabalha. E depois, para ter o direito a um pagamento certo, para ter a quem recorrer se me não pagarem, para ter garantida assistência médica e uma pensão se adoecer. Tudo o que nos falta, em relação às outras profissões».

Em Portugal, com um número de amadores de pesca ligeira por determinar mas que andará pelos muitos milhares e tende a aumentar a despeito das razias cada vez maiores que na fauna fluvial e costeira os detritos industriais provocam, em Portugal, a procura de isco, descontado o colapso que se verifica no Inverno, cresce continuamente — e com ela a necessidade de o seu fornecimento adquirir uma feição organizada. A comprová-lo estão os números que atinge, apesar do modo anárquico porque se processa, do primitivismo das técnicas em que se baseia, de todo o seu jeito improvisado. Porque só uma das minúsculas «empresas» fornecedoras, que emprega uma dezena de assalariados, abastece semanalmente o comércio lisboeta de uma quantidade de isco que atinge cerca de vinte contos no seu preço de mercado e, do que produz, a maior parte ainda é a que exporta para Itália.



A existência de profissionais não impede que amadores como este saíam a muralha do Terreiro do Paço para arranjar o seu próprio isco.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURIVERSARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de caixas de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

DL/GERAL

KARTING - TROFÉU DOS PAÍSES LATINOS

DOMÍNIO ABSOLUTO DA EQUIPA FRANCESA

Realizou-se ontem no Kartódromo do Estoril mais uma jornada de bastante interesse, com a disputa do Troféu dos Países Latinos.

Organizado pelo Automóvel Clube de Portugal, o Troféu constava de três corridas de 15 voltas, em que participaram os cinco concorrentes portugueses com melhor classificação actual no Campeonato Nacional, e cinco pilotos convidados de Espanha, França e Itália.

Assim, Castiliano Júnior, «Di Lara», Manuel Mello Breyner, José Manuel D'Ávila e Armando Valentim representaram o Karting nacional, contra alguns nomes estrangeiros, tais como Alfonso Galán. Campeão de Espanha e Arquimedes Ortiz Peres, Campeão de Castela, Serge Carra, um nome bastante conhecido entre os mais familiarizados com este desporto, René Arnoux e Gerard Rose.

Das equipas convidadas, apenas não compareceu a italiana, pois ao desembarcarem em Barcelona depararam com dificuldades alfandegárias relativas à circulação, através da Espanha, com o camião que transportava os karts. O clube organizador, ao ser informado de tal problema, prontificou-se a resolvê-lo, dando ordem para que fosse alugado um veículo de matrícula espanhola para o transporte até ao Estoril. No entanto, nada mais se veio a saber, desta equipa, que finalmente, não compareceu para disputar a competição, o que foi pena pois, dado o avanço técnico — grande parte dos motores comercializados são italianos — e o bom nível dos pilotos italianos, dariam ainda mais interesse à competição. Fazendo parte do programa, foram disputadas também três corridas de 12 voltas para

a Categoria Nacional. A apresentação da Categoria Júnior não chegou a realizar-se. Havia apenas um concorrente inscrito. No sábado realizaram-se treinos livres, primeiro para a Categoria Nacional e depois para a Internacional, tendo por último treinado as duas em conjunto.

Devido ao estado da pista, completamente encharcada depois da violenta chuva que momentos antes caíra, os concorrentes não iniciaram os treinos à hora prevista.

Na Categoria Nacional, Manuel Serra Caetano, Luis Miranda Botelho e Fernando Duarte Osório obtiveram os melhores tempos nos treinos cronometrados da Categoria Nacional.

Na Categoria Internacional, a equipa francesa confirmou a rapidez que já demonstrada nos treinos livres, pois René Arnoux (0.57.78), Gérard Rose (0.59.62) e Serge Carra (0.59.78), foram os únicos concorrentes que fizeram menos de um minuto por volta, seguidos de Ávila, Castiliano e «Di Lara», únicos também com tempos na casa do minuto exacto.

O programa da tarde abriu com a primeira corrida da Categoria Nacional, em que Luis Miranda Botelho travou animado despique com Serra Caetano acabando por ser o vencedor.

A corrida para a Categoria Internacional só veio confirmar o que atrás foi dito, René Arnoux revelou-se sempre o mais rápido, seguido dos seus compatriotas Carra e Rose, que dominaram a corrida.

«Di Lara» foi um bom competidor, obtendo o quarto lugar, seguido de Armando Valentim. O melhor espanhol seria Galán, que se colocou em 6.º lugar. Em consequência de avaria e despique Castiliano Júnior e

Ávila, não puderam assim classificar-se em melhor e merecida posição, apesar de terem chegado a andar colocados atrás dos franceses.

A partida para a segunda corrida da Categoria Nacional não foi dada logo após a volta de lançamento, por os concorrentes não se encontrarem nas posições iniciais da grelha. Na volta seguinte a bandeira baixou, mas pouco depois a organização decidiu que a partida não fôra regular e mandou suspender a corrida para se dar nova partida. Ainda que a pista estivesse molhada, Serra Caetano conseguiu colocar-se na frente, continuando com a oposição de Miranda Botelho. O terceiro a passar a meta foi Luis Dias Jorge. A chuva constituiu o maior problema para os concorrentes, alguns dos quais foram obrigados a parar.

Após a volta de lançamento, os pilotos da Categoria Internacional mantiveram impecavelmente as posições da grelha, e logo após a partida, Arnoux começou mais uma vez a distanciar-se, seguido mais atrás pelos outros dois franceses mais rápidos, Carra e Rose.

Castiliano voltou mais uma vez a ter problemas, pois sofreu um despique, «Di Lara» sofreu a ser o melhor português, o mesmo sucedendo com o espanhol Galán.

A terceira corrida da Categoria Nacional revestia-se de especial interesse, pois Luis Miranda Botelho e Serra Caetano encontravam-se empatados, resolvendo aqui qual seria o primeiro. A partida foi novamente dada apenas à segunda passagem, e ficou praticamente resolvida após o despique de Miranda Botelho, que se atravessou na pista depois de passar por cima do filtro de carburador que ou-

tro concorrente deixara cair. Este incidente tirou-lhe todas as possibilidades de luta para a primeira posição, obtida mais uma vez por Serra Caetano.

Na terceira corrida Internacional assistiu-se a um verdadeiro «show» dos franceses. Arnoux andou mais uma vez na frente, mas a dada altura deixou-se aproximar por Carra e Rose, deixando mesmo passar Carra, que cortou a meta na primeira posição depois de rodarem em conjunto, revelando um espírito de equipa notável.

Ávila, foi, desta vez, o melhor piloto português.

As classificações finais foram as seguintes:

CATEGORIA NACIONAL: 1.º, Serra Caetano; 2.º, Luis M. Botelho, 3.º, Fernando D.

Osório; 4.º, Henrique Santos; 5.º, Luis D. Jorge; 6.º, António Cowr; 7.º, Paulo Wildr; 8.º, Francis P. Stokes; 9.º, João T. Gomes; 10.º, Domingos Sacoto; 11.º, Alfredo Fernandes; 12.º, Vítor Abreu.

CATEGORIA INTERNACIONAL: 1.º, René Arnoux; 2.º, Serge Carra, 3.º, Gerard Rose; 4.º, «Di Lara»; 5.º, José Manuel D'Ávila; 6.º, Armando Valentim, 7.º, Alfonso Galán; 8.º, José Rocha; 9.º, Ortiz Pérez; 10.º, Juan Muñoz, 11.º, Castiliano Júnior; 12.º, Félix Seijas; 13.º, Mello Breyner; 14.º, Fernando Hernandez.

CONVITE

J. MENDES COELHO, L.^{DA}

CONVIDA OS SEUS CLIENTES E AMIGOS E O PÚBLICO EM GERAL A VISITAR A EXPOSIÇÃO DOS NOVOS MODELOS FORD

—CONSUL E GRANADA—

NO SEU SALÃO, À

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A

—ABERTO ATÉ ÀS 24 HORAS—



AUTOMOBILISMO: SCHENKEN VENCEU

O australiano Tim Schenken venceu ontem em Hockenheim, a penúltima prova do Campeonato da Europa de Fórmula 2, ao cobrir os 217.235 km. correspondentes às 32 voltas àquele circuito em 1.7.22, à média de 193,4 km/hora. Em segundo lugar classificou-se Mike Hailwood, com mais 18s. do que o vencedor que, deste modo, assegurou já o título de campeão.

A seguir a estes dois pilotos classificaram-se Ronnie Peterson e o brasileiro Wilson

Fittipaldi. Emerson Fittipaldi foi obrigado a desistir à 9.ª volta por avaria mecânica.

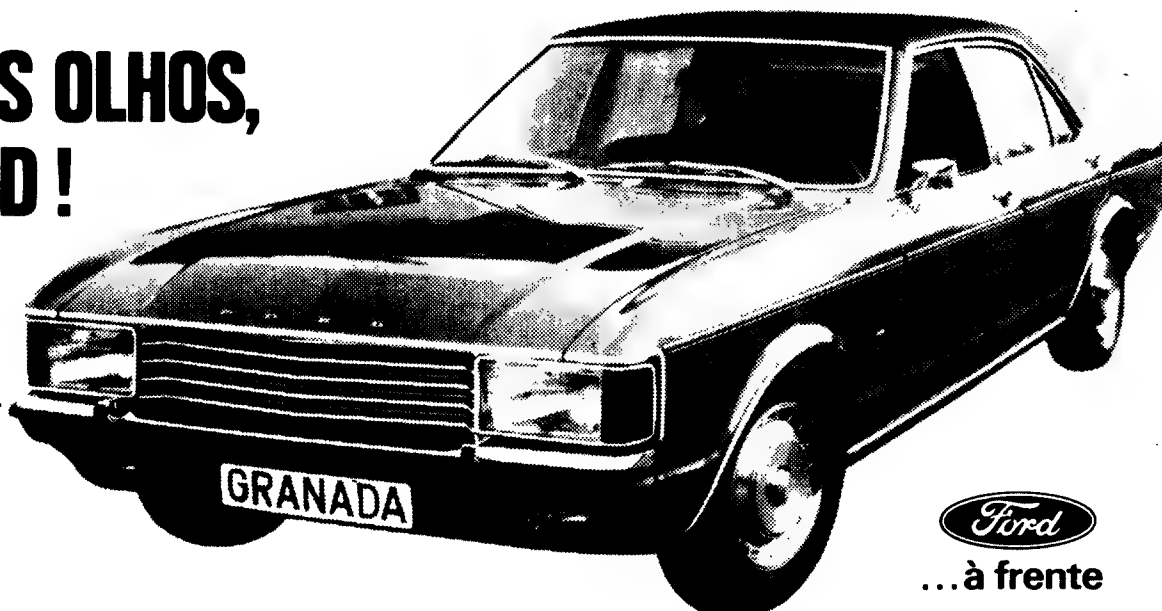
As classificações finais foram as seguintes: 1.º, Tim Schenken (Brabham); 2.º, Mike Hailwood (Surtees) 1.07.40.6; 3.º, Ronnie Peterson (March) 1.07.42.8; 4.º, Wilson Fittipaldi (Brabham) 1.07.43.1; 5.º, Graham Hill (Brabham) 1.07.56.5; 6.º, Brambilla (March) 1.07.59.7; 7.º, Pescarolo (Brabham) 1.08.13.8; 8.º, Hunt (March) 1.08.18.1; 9.º, Niki Lauda (March) 1.08.30.3; 10.º, Jabouille (March) 1.08.49.

VEJA, COM OS SEUS PRÓPRIOS OLHOS, AS NOVAS "ESTRELAS" DA FORD!

EM EXPOSIÇÃO NO NOSSO STAND, A PARTIR DE 2 DO CORRENTE, OS GRANDES EUROPEUS GRANADA E CONSUL.

LINCURI

Av. da República, 32



...à frente

DI/ESTRANGEIRO

VIETNAME: Os americanos receiam ofensiva de Hanói este mês

SAIGÃO, 2 (R.) — O general Alexander M. Haig, assistente especial de Henry Kissinger, chegou ontem com os chefes militares norte-americanos no Vietname e, segundo círculos geralmente bem informados, deve esclarecer hoje o presidente Nguyen Van Thieu sobre certos aspectos das suas últimas negociações de paz.

O general Haig chegou a Saigão, mas os círculos diplomáticos e militares norte-americanos pouco disseram acerca do programa da sua visita.

Todavia, sabe-se que o assistente especial de Kissinger se avistou com o general Fredrick C. Weyand, comandante das forças dos Estados Unidos no Vietname, com o general John Vogt, comandante da 7.ª Força Aérea, e com o embaixador Ellsworth Bunker.

O presidente Van Thieu disse aos jornalistas no sábado, que não tinha ainda conhecimento dos resultados das últimas negociações secretas havidas em Paris entre Kissinger e o negociador norte-vietnamita Le Duc Tho.

O presidente manifestou-se também preocupado quanto a possíveis compromissos assumidos nessas negociações quando, num discurso que proferiu, regeitou firmemente a sugestão da formação de um Governo tripartido do Vietname do Sul, no quadro de uma solução política da guerra.

Durante a sua permanência em Saigão, o general Haig deve informar Van Thieu das previsões acerca da guerra; para o último mês antes da eleição presidencial nos Estados Unidos. O nível da actividade militar em terra tem sido baixo, mas os ser-

viços secretos continuam a prever uma nova ofensiva das forças de Hanói durante este mês, com o possível objectivo de influenciar a marcha das eleições americanas.

O sector onde continua a ser intensa a actividade militar é o da região do Litoral do norte do país, onde as tropas comunistas continuam a ocupar duas capitais de distrito.

Pilotos da aviação sul vietnamita afirmaram terem morto 70 norte vietnamitas em ataques efectuados no sábado contra objectivos perto de uma das duas cidades, na provincia de Quang Tinn.

O comandante do exército do Vietname do Sul disse, em Saigão, que as tropas mataram 57 comunistas em dois combates do delta do Mekong, a sul desta capital.

Entretanto, bombardeiros «B-52» da força aérea norte-americana efectuaram, desde a manhã de ontem, sete missões contra objectivos em redor de Dong Hoi, cidade norte-vietnamita situada pouco acima da zona desmilitarizada.

A EXPLOSAO A BORDO DO «NEWPORT DAYS»

Verificou-se violenta explo-

são numa das torres de artilharia do maior cruzador da marinha de guerra norte-americana, quando o navio bombardeava posições comunistas no Vietname.

O acidente ocorreu ontem e dele resultou terem morrido 19 marinheiros e terem ficado feridos 10.

O acidente foi considerado o maior desastre verificado a bordo de um navio da marinha de guerra dos Estados Unidos, desde que começou a actual ofensiva norte-vietnamita, há seis meses.

O cruzador, o «Newport News» bombardeava posições comunistas situadas pouco abaixo da zona desmilitarizada que divide os dois Vietname, encontrando-se cerca de 13 milhas ao largo da costa. Segundo um informador da marinha, os danos causados pela explosão parece terem-se limitado a torre de artilharia, uma das três de que dispõe o navio, em cada uma das quais estão instaladas três baterias de canhões de fogo rápido de 8 polegadas.

O «Newport News» desloca 21.500 toneladas e tem uma tripulação de 1.300 oficiais e marinheiros.

DINAMARCA: SIM OU NAO À CEE?

COPENHAGUE, 2 — (R) — Manifestantes dinamarqueses protestaram ontem contra a entrada do seu país para o Mercado Comum, numa das maiores manifestações que até hoje realizaram no país, mas as consultas efectuadas à opinião pública permitem prever que os pró-europeus contarão com uma confortável maioria no referendo nacional que se realiza hoje.

Cerca de 50 mil a 80 mil manifestantes, na sua maior parte gente nova, juntaram-se na principal praça de Copenhague, onde se realizou um comício de protesto organizado por cerca de 80 grupos hostis ao Mercado Comum, entre os quais se incluem desde o Par-

tido Comunista até nacionalistas da extrema direita.

Segundo observadores que assistiram ao comício, nunca se viu reunida tão grande multidão em Copenhague desde que, em Janeiro, faleceu o rei Frederico da Dinamarca.

Todavia, os resultados de três consultas à opinião pública, publicados na véspera do referendo, permitiu prever que o eleitorado dinamarquês fará, com que o seu país se torne o nono membro da Comunidade Económica Europeia. Calcula-se que se pronunciem a favor da adesão da Dinamarca ao Mercado Comum, pelo menos 55 por cento dos eleitores.

PEQUIM EM FESTA

PEQUIM, 2 (F.P.) — A cidade transformou-se, no domingo, numa imensa quermesse, em que reinou atmosfera familiar quase totalmente isenta de aspectos políticos ou militantes, para celebrar o 23.º aniversário da fundação da República Popular da China.

Centos de milhares de operários, camponeses e soldados, vindos, com as mulheres e os filhos, de autocarro, bicicleta ou camião, espalharam-se pelos seis parques nacionais da capital, acotovelando-se em redor das barracas de venda de frutas,

blocos e gelados, e divertindo-se com jogos que fazem lembrar os das festas de aldeia europeias, no meio de grande alegria.

Entretanto, na imensa praça Tien An Men, as imponentes tribunas vermelhas dos desfiles de antanho pareciam ainda mais vazias, contornadas por milhares de pessoas indiferentes, que se encaminhavam para os parques onde vinha música e alegria.

Muita coisa mudou na China de Mao.

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento. Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196



A COLUMBIA FILMES

apresenta um filme



O Detective Harry Callahan. Não trata de casos de crime Ele esmaga-os!

Clint Eastwood em **A FÚRIA DA RAZÃO**

-DIRTY HARRY-

um filme de DON SIEGEL

GRUPO D - 18 anos

CLINT EASTWOOD in "DIRTY HARRY" A Malpaso Company Production Co-Starring HARRY GUARDINO • RENI SANTONI • ANDY ROBINSON • JOHN LARCH and JOHN VERNON as "The Mayor" • Executive Producer Robert Daley • Screenplay by Harry Julian Fink & R. M. Fink and Dean Reisner • Story by Harry Julian Fink & R. M. Fink Produced and Directed by Don Siegel • PANAVISION® • TECHNICOLOR®

Amanhã estreia no **MONUMENTAL**

comprando propriedades

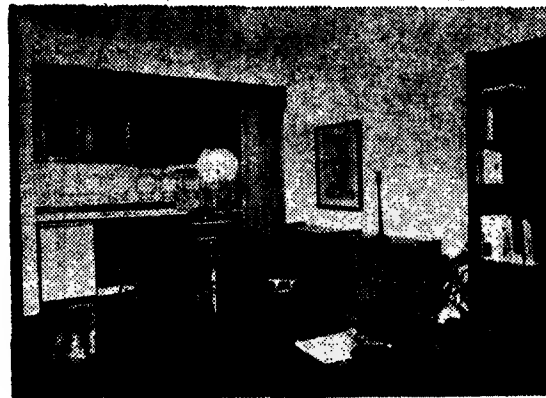
em J.Pimenta SARL

o seu dinheiro valoriza-se



APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE

200 CONTOS



PARA. UMAS FÉRIAS ECONÓMICAS E INESQUECÍVEIS PREFIRA OS NOSSOS APARTAMENTOS TURÍSTICOS

J.Pimenta, SARL

Informações: Lisboa-Pr.Marquês de Pombal,15-Telefs 45843-47843 Queluz-Edificio Sede-Ax.António Enes,25-Telef 952021/2



DI/ESTRANGEIRO

PARIS, 2 — (R.) — O jornal conservador «L'Aurore» afirma hoje que conspiradores americanos contrataram um mercenário francês para assassinar o presidente Kennedy durante a sua visita a Paris em 1961.

O artigo assinado por Philippe Bernert diz que o assassino contratado foi José Luis Romero, antigo elemento da Legião Estrangeira que tinha aderido à OAS, a organização clandestina antigaulista que tentou impedir a independência da Argélia.

O jornal não diz porque motivo os conspiradores queriam matar o presidente Kennedy, que acabou por ser assassinado em Dallas dois anos mais tarde, mas indica que se tratava de elementos violentamente anticomunistas.

Romero, que vive actualmente algures na América do Sul, esteve na semana passada em Paris onde contou a sua história ao escritor Camille Gilles, o

Conspiração contra o presidente Kennedy em 1961

qual já publicou vários livros sobre a guerra da Argélia e está a preparar agora um outro sobre os assassínios da OAS.

«L'Aurore» diz que Romero é um espanhol nascido em Madrid em 1926, filho de um revolucionário que se refugiou em França no fim da Guerra Civil espanhola. Romero entrou para a Legião Estrangeira e combateu na Indochina e mais tarde na Argélia onde conheceu um diplomata americano chamado Mike que mostrava simpatia pela ideia da Argélia francesa.

Depois de Romero ter aderido à OAS, acrescenta o jornal, foi contactado em Argel por agentes secretos americanos enviados por Mike, os quais lhe

propuseram que assassinasse o presidente Kennedy em Maio de 1961 durante a sua visita à França.

Romero, a quem ofereceram dois milhões de francos, aceitou partindo para França com documentos falsos e parte do dinheiro pago adiantadamente.

Uma vez em Paris, Romero contactou com um homem que lhe deu o plano do atentado contra Kennedy que devia ser feito de forma a julgar-se que tinha sido um atentado contra

o presidente De Gaulle que falhara. Os dois estadistas deviam atravessar juntos de automóvel as ruas de Paris e nessa altura Kennedy seria abatido, mas aos olhos de todos teria sido um atentado da OAS contra De Gaulle que falhara atingindo Kennedy acidentalmente.

Romero, porém, começou a pensar nas consequências do seu gesto e recordou-se que a morte «acidental» do presidente americano seria de qualquer forma atribuída à OAS, que já tinha

feito várias tentativas para assassinar De Gaulle. Decidiu então telefonar aos seus chefes da OAS a manifestar-lhes as suas dúvidas e eles disseram-lhe que desistisse do projecto.

Romero escapou-se então aos agentes secretos americanos, que o vigiavam constantemente — possivelmente para o liquidarem quando tivesse cumprido o seu papel — e fugiu para a Suíça, onde tinha depositado o resto do dinheiro em seu nome. Depois de levantar o dinheiro

dirigiu-se para o Congo, combateu ainda como mercenário no Catanga e finalmente fixou-se na América do Sul a criar gado.

«L'Aurore» diz que Romero possui como prova da sua história, guardados num cofre forte, três passaportes falsos que os americanos lhe deram, as cartas de Mike, o diplomata, e o plano que lhe fora fornecido pelo seu contacto em Paris com itinerário pormenorizado do cortejo presidencial.

Tortura de prisioneiros no Ulster

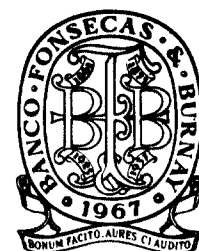
ESTRASBURGO, 2 — (R.) — A Comissão Europeia dos Direitos Humanos concluiu que, em larga medida, as acusações dos irlandeses de que os britânicos torturam os prisioneiros na Irlanda do Norte são justificadas.

A Comissão vai agora, durante alguns meses, estudar atentamente os factos e tentar encontrar uma solução.

Reunida desde segunda-feira, a Comissão ouviu as alegações dos irlandeses e dos britânicos e informou os representantes de ambas as partes com o objectivo de esclarecer a posição de uma

e de outra. A conclusão anunciada ontem foi o resultado das reuniões à porta fechada entre a Comissão e as duas partes.

Um comunicado distribuído anunciava que os 12 membros da Comissão decidiram que «certas queixas são inadmissíveis, mas outras merecem futuras investigações», para apuramento dos factos. Os membros da Comissão efectuaram uma votação secreta, cujos resultados não foram anunciados. No entanto, segundo círculos geralmente bem informados, não houve unanimidade.



BANCO FONSECAS & BURNAY

Em 25 de Julho abriu a sua nova Agência de VAGOS

Em 27 de Julho abriu a sua nova Agência de SEVER DO VOUGA

Em 2 de Agosto abriu a sua nova Agência de FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

Em 4 de Agosto abriu a sua nova Agência de ESPOSENDE

Em 7 de Agosto abriu a sua nova Agência de BRAGA

Em 10 de Agosto abriu a sua nova Dependência de LISBOA — AVENIDAS NOVAS (Av. 5 de Outubro)

Em 4 de Setembro abriu a sua nova Agência de GOLEGA

Em 6 de Setembro abriu a sua nova Agência de PORTIMÃO

Em 11 de Setembro abriu a sua nova Dependência de LISBOA — PRAÇA DO CHILE (Av. Almirante Reis)

Em 25 de Setembro abriu a sua Agência de PEDRÓGÃO GRANDE

E agora...

TEM O PRAZER DE PARTICIPAR
A INAUGURAÇÃO

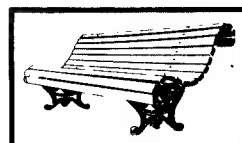
(EM INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS)

DA SUA NOVA AGÊNCIA DE

WISEU

RUA FORMOSA, 3

FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente



Externatos

AV. DA REPÚBLICA, 83-52
TEL. 77 90 47 - 76 96 20

CRISFAL

LICEU — CICLO PREPARATÓRIO
MANHÃ — TARDE — NOITE

INGLÊS

É A LÍNGUA MAIS ESTUDADA
EM TODO O MUNDO

ESTUDE A
NO

«AMERICAN LANGUAGE INSTITUTE»
DO CENTRO CULTURAL AMERICANO

- Aulas com reduzido número de alunos
- Moderno método de ensino americano
- Professores de nacionalidade americana
- Aulas para principiantes
- Inglês especializado para estudantes avançados

Matrículas: 18 de Setembro — 12 de Outubro

Abertura das aulas: 9 de Outubro

Horário da Secretaria: 10/13 h. — 15/20 h.
de 2.ª a 6.ª

AV. DUQUE DE LOULÉ, 22, 3.º — TEL. 4 15 35

DL/ DESPORTOS

NACIONAIS DA 1ª DIVISÃO

A jornada n.º 4 apenas apresentava um jogo «de dimensão»: Vitória de Setúbal-F. C. Porto. Porque, interessava saber se o grémio azul-branco justificava perante os sadinos a vitória mercedíssima alcançada frente ao «leader» do campeonato espa-

nhol, ou se, ao contrário, continuavam os problemas que pare-

DUELO REAL PARA A LUZ

ce estarem na base dos resultados menos felizes alcançados pela turma portista nos jogos do

campeonato primodivisionário. Pois o resultado que se verificou no Bonfim é de molde a que se pense que, ou não temos F. C. Porto em luta pelos primeiros lugares da nossa prova maior, ou terá de haver profunda remodelação em toda a «vida» do grande clube nortenho. Sofrer três golos de uma equipa como a do Vitória de Setúbal, não deslustra. O que aflige é a autêntica sensação de descalabro que se retira da maneira de actuar da turma comandada por Riera...

Dos outros jogos, pouco a dizer. Eles não desmentiram as previsões. A derrota do Leixões, no seu terreno, frente a uma C.U.F. inchada pela sua vitória europeia, não escandaliza. Um Beira-Mar de jogo e equipa incriveis permitiu que a turma de Alcântara averbasse o seu primeiro ponto na prova: mas o Atlético continua a primar pela incipiência de processos. Sporting somou dois pontos e ficou-se por aí: o jogo que efectuou contra o Guimarães foi espelho em que se pôde ver como



Laurindo: finta magistral

sucedeu a rotunda derrota que lhe foi imposta pelos homens do Hibernian.

O Benfica soma e segue: que se há-de dizer de uma turma que ao fim da quarta jornada conseguiu já 22 golos e apenas viu uma vez violada a sua baliza?

Também não é de admirar a vitória do Barreirense sobre a equipa da cidade de Faro. Quatro golos contra um, sim, a razão de espanto: quem diria?

O Estádio do Restelo deu as seguintes indicações: 1.ª, estreia auspiciosa de um árbitro (Inácio Almeida); 2.ª, a dúvida sobre se poderá ir longe a turma do União de Tomar, recheada como está de jogadores que acusam veteranias e onde apenas o sector defensivo actua decididamente; 3.ª, um Belenenses à conquista de um lugar entre os maiores do nosso futebol, mas de uma forma que nos parece errada: é que os seus jogadores

actuem mais com o coração do que com a cabeça.

Para além disto, ainda mais qualquer coisa: Silva Morais e Cardoso, culpados no primeiro golo, abreviaram a derrota tomarense e o paraguaio Gonzalez é autêntico ouro no azul.

O Boavista bateu o Montijo por 3-0. No entanto, a actuação da turma visitante foi de molde a justificar resultado mais nivelado. Mas onde esteve a diferença? No facto de a defesa montijense ser demasiado pesada em relação à agilidade dos avançados contrários e no saber de Aymoré Moreira que «ditou» a forma de actuar dos seus pupilos. Porque, em jogo jogado, as equipas estiveram muito iguais. Só que é com golos que se constrói qualquer vitória. E parece que os rapazes do Montijo esqueceram esse factor...

O resto da jornada foi como dissemos: Benfica e Sporting (invictos), jogam no domingo. Belenenses e Setúbal estão logo atrás. Com quatro pontos, um molhinho: Guimarães, Montijo, Cuf, Boavista e Tomar. Nos degraus cá de baixo, o resto da procissão: Barreirense e Beira-Mar (com 3 pontos), Porto, Farense, União de Coimbra e Leixões (2) com o Atlético (um ponto) a pensar na subida.

JESUS DA CUNHA

REGISTO

ATLETISMO: no Torneio Popular dos Bairros de Lisboa, organizado pelo Benfica, o juvenil António Henriques bateu o máximo nacional do salto com vara, transpondo 3,60 m.

XADREZ: depois de perder com a Pérsia (1-3) Portugal desfronçou a Nova Zélandia. Um n.º no fim e o primeiro colocado 2-2 no fim de jogo.

ANFEBOL: para o Torneio Limex, Belenenses, Benfica e Porto venceram, respectivamente, Beira-Mar (5-12), Vitória de Setúbal (21-15) e Guimarães (16-7).

FUTEBOL: o Congresso federativo aprovou diversas alterações ao Regulamento das Relações entre clubes e futebolistas.

CICLISMO: Joaquim Agostinho, Leonel Miranda e José Madeira foram os primeiros no Circuito de Torres, que o Sporting venceu.

TAÇA DE PORTUGAL: passaram a nova eliminatória Alba, Académica, Penafiel, Fafe, Vilanovense, Naval, Braga, Leça, Avintes, Espinho, Torres Novas, Peniche, Alcobaça, Covala da Piedade, Almeirim, Seixal, Marinhense, Lusitano de Évora, Odivelas, Almada, Alhandra, Têm que desempatam: Covilhã-Varzim, Esperança-Leiria, Paio Pires-Casa Pia.

CURSOS INTENSIVOS

INSCRIÇÕES LIMITADAS

CICLO PREPARATÓRIO — num ano

5.º ANO — num ano

7.º ANO: Port., Ing., Alem., Lat.,

Fil., Org., Mat., Hist., Geog.

Familiares de alunos Descontos Especiais Militares

LABORATORIOS PROPRIOS

1.º TURNO: das 15.30 às 17.30 h. Professores diferentes para cada disciplina,

2.º TURNO: das 18.30 às 20.30 h.

3.º TURNO: das 20.30 às 23.30 h.

Rua Joaquim Bonifácio, 8, 2.º (a 2 m. do Metro-Anjos)

Telefs.: 561897-561268 — Informações das 15.30 às 21.30 h.

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
BENFICA	4	4	—	—	22	1 8
Sporting	4	4	—	—	10	1 8
«Os Belenenses»	4	3	1	—	8	4 7
V. Setúbal	4	3	—	1	14	5 6
V. Guimarães	4	2	—	2	7	4 4
Montijo	4	2	—	2	5	5 4
C. U. F.	4	2	—	2	7	8 4
Boavista	4	2	—	2	7	8 4
Un. de Tomar	4	2	—	2	4	7 4
Barreirense	4	1	1	2	5	9 3
Beira-Mar	4	1	1	2	4	13 3
F. C. Porto	4	—	2	2	1	5 2
Farense	4	1	—	3	5	10 2
Un. Coimbra	4	1	—	3	2	8 2
Leixões	4	1	—	3	3	11 2
Atlético	4	—	1	3	3	8 1

Próxima jornada: Leixões-Boavista; Montijo-Beira-Mar; Atlético-União de Coimbra; Benfica-Sporting; Guimarães-Barreirense; Farense-«Os Belenenses»; Tomar-Setúbal e C. U. F.-Porto.

EXTERNATO JOSÉ RÉGIO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

CICLO PREPARATÓRIO LICEU

Familiares de alunos-DESCONTOS ESPECIAIS-Militares

R. Joaquim Bonifácio, 8, 2.º (a 2 m. do Metro-Anjos)

Telfs.: 561897-561268 — Informações das 15.30-21.30

BOM APETITE



ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TELEF. 79 01 68

ESPECIALIDADES DIARIAS

DOMINGO AO ALMOÇO, ORQUESTRA

PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M 14 anos)

RESTAURANTE E BAR

DO

HOTEL ALVORADA

ESTÓRIA

COZINHA PRIVATIVA

VARIAVIA

Completos serviços

para todas as ocasiões

Telef. 2900.0 (Frente do castelo)



TONI DOS BIFES

Av. Praia da Vitória, 50-E

Telef. 53 60 80

AMANHÃ

SALSICHA ESTUFADA COM

COUVE LOMBARDA

4.ª FEIRA

ITIPICA C/ ENTRECOSTO

RESTAURANTE

POMBALINO

ALMOÇOS JANTARES

E CRIAS

TODOS OS DIAS

A FAMOSA PAELHA

A VALECIANA

TACOS DE CARROS

(quente do jardim)

Telef. 2433878

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

TINTURARIA CAMBOURNAC

Telefone: 32 64 15 — L. Anunciada, 11

76 03 93 — Av. João XXI, 28 - A

68 90 76 — R. Ferreira Borges, 149 - C

78 08 19 — E. Benfica, 367 - A

83 38 11 — Av. Alm. Reis, 28 - B

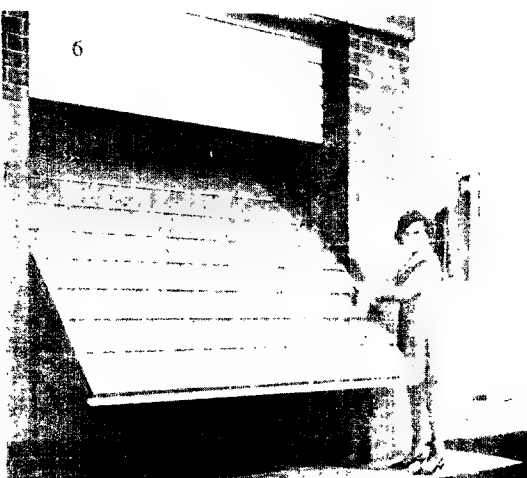


LIMPEZA A SECO

SERVIÇO DE RADIO — TELEFONE

Serviço gratuito de recolhas e entregas no domicílio

ENTREGAS DE UM DIA PARA O OUTRO



BOLTON

PORTAS BASCULANTES PARA GARAGEM

3 ANOS DE GARANTIA

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540

NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

DL/DESPORTO

BEIRA-MAR, 1 - ATLÉTICO, 1

MAIS DEFEITOS QUE VIRTUDES

Bem evidente se tornou, na forma e no jeito como iniciou a partida, que a turma do Beira-Mar desejava, rapidamente, superar o Atlético e, depois, esquecer a goleada da Luz e conquistar o seu público, que compareceu em número razoável. Ao futebol cêrzo, bem pensado e executado dos alcantarenses, respondiam os da casa com um sentido mais profundo, com despatches longos da sua defesa e acutilância dos homens do ataque. Passada a explosão inicial, o Beira-Mar ficou-se nas «encolhas» e o Atlético pode vir para a frente, mercê do excelente labor do seu trio centrocampista (por onde andaram Colorado e Inguila durante a partida?) e César teve de remediar os lapsos (grandes) de Marques e Soares, que se encostavam um ao outro, não sincronizando os seus movimentos. Eles que, na época finda, deram autênticos «shows», nesse pormenor. Bem poderá o técnico dos aveirenses queixar-se que a saída de Lázaro veio alterar tudo, pois o extremo-esquerdo estava a jogar bem e a levar pelo seu corredor todo ou quase todo, o perigo para a defesa dos Alcântara. Certo, mas, que dizer do recuo de Eurico e da entrada de Almeida para a extrema, saindo (pelo desacerto da sua exibição) o longilíneo Inguila? Ramim

não quis (ou não pode) jogar nesta variante: e o Atlético continuou a ser dono e senhor do meio-campo e a perturbar mais vezes do que seria de esperar o guardião César, que sofreu escandalosamente o golo, mas que se redimiria de maneira soberba em dois lances, salvando a sua turma da derrota. Mas não se pense que o Beira-Mar, sem convencer tanto como o seu adversário, não mereceu amplamente a vitória. Mereceu-a, pois. Teve mais remates à baliza, procurou (por caminhos e formas várias) o golo, teve-o muitas vezes à sua mercê e só o não obteve porque, depois do fulgor do primeiro tempo, Cleo eclipsou-se no reatamento e Alemão viveu muito refugiado, para cá da área do Atlético.

Curioso foi ver-se que, logo que o Beira-Mar (no princípio e após os golos), carrêgou no acelerador, os forasteiros deram o flanco valendo-lhes Zeca com a sua experiência (a orientar os seus companheiros) e o seu bom jogo a travar os adversários. Uma dúvida nos assaltou: o Beira-Mar não foi constante no seus movimentos, por carência de forças ou porque lhe faltou ligação (Ai, aquele meio-campo!), para coordenar toda a sua movimentação.

JOSÉ NAINA

VITÓRIA, 3 - F.C.PORTO, 0

GATO PRESO PELO RABO

COMENTARIO por NEVES DE SOUSA



Esta agarrou Armando: Torres e Valdemar são testemunhas.

Carregando apenas um nadinha no acelerador, sem necessitar (sequer) de fazer força, o Vitória triunfou com inaudita facilidade sobre o mais descolorido «team» portista que nos últimos anos tem descido até estádios do campeonato. Desculpem-nos os seus adeptos: mas, realmente, foram estes rapazes que vimos no Bonfim que bateram o Barcelona? A bola por lá não seria quadrada?

É que (perdoe-se o desabafo) há muitas temporadas que nenhum «team» com aspirações ao título surgia em campo com rapaziada igual: um guarda-redes que não corta um cruzamento (Armando), um defesa que apenas se preocupa em «dar» no adversário e não constrói uma jogada de ataque (Gualter), um gorduchinho a «stopper» que seria reprovado até em «corporativos» (Valdemar), outro «bolinha» na linha da frente que não acerta um só pontapé na borracha (Lemos) e, sem qualquer piri-piri, um Malaguetta que corre para fora da relva em vez de entrar na frente para o golo. Um dor de alma: sobretudo para quem vê que, ao lado desta gente, estavam Rolando e Pavão (dois grandes jogadores, enquadrados em outro bloco, evidentemente), um Abel enérgico e decidido que só não tinha consigo o talento de Flávio, um Celso e um Oliveira

que, para o fim do jogo, vendo que não valia a pena, até pareciam tão maus como o Valdemar.

Este é o «plantel» que corresponde a um clube com pergaminhos dos mais altos do futebol português e que, ainda por cima, tem agora embaixada, para outras latitudes, Riera, que se passa? Diga só: Flávio não jogou por birra ou porque o «mandaram» lesionar-se? Manhica e Vieira Nunes perdem para o rotundo Valdemar? Bené continua no «estaleiro»? Que se passa, Riera?

As histórias do jogo es-

tão feitas nos três tentos e na exibição conseguida pelo Vitória: de facto uma equipa que triunfará sempre de qualquer grupo que, no Bonfim ou nas Antas, se exiba como o fez ontem o F. C. Porto. Valerá, porém (e uma vez mais) citar que toda aquela simplicidade de manobra, todo aquele sentido posicional, toda a leveza no trato da bola e no endosse ao melhor companheiro é fruto de trabalho: de um labor que nasceu há muitos anos, quando os associados do Vitória passaram a preocupar-se mais com o espectáculo fei-

to pelos seus jogadores que com a conquista de troféus ou lugares cimeiros. Porque, no coração, eles é que estão certos: só consegue atingir o título o clube que faça espectáculo e tenha bons jogadores. O Vitória pode, neste ciclo de Pedroto, jogar mesmo para isso: porque dá «show» e porque tem profissionais com talento e honestidade.

Ontem, nem todos foram chamados a exame: Vaz (por exemplo) nem aqueceu. E, embora na defesa Carriço merecesse palmas, a verdade é que os deslizes do trio Rebelo-Cardoso-Mendes foram mais resultantes de nada de complicado terem para resolver que, propriamente, consequência da sua insegurança momentânea. Octávio pontou muito bem o jogo, na primeira parte; depois, sem pulmões, deveria ter sido substituído. Câmpora, que passou a reger a orquestra na segunda metade, mostrou que não é homem para isso: nem para substituir Matine. O seu lugar é na frente: o caso (agora) é com o seu técnico, José Maria e J. João brincaram os ratinhos do Norte: e Torres até se deu ao luxo de funcionar como «back» e rematador, tudo na mesma jogada! Por último, palmas para Duda: é bom mesmo. O seu golo fica como pequenina obra-prima: e só não vale 20 valores porque não é vantagem bater em gato preso pelo rabo.

LEIXÕES, 2
- CUF, 3

Errar é perder

Os dois primeiros golos cufistas poderiam, facilmente, ter sido evitados: especialmente o de Juvenal, só possível porque a defesa matosinhense ficou parada, a reclamar «fora de jogo» que ninguém mais via. Se, no tento inicial, os leixonenses deixaram Monteiro liberto e Fonseca não saiu a interceptar o cruzamento, no outro igualmente grande parte das culpas pertenceu ao guarda-redes que é ainda benfiquista. Ficando pregado ao chão, abdicou de todas as suas armas de defesa. Bem: mas isto não é justificação para a derrota, pois os «européus» do Barreiro jogaram o suficiente para vencerem, graças ao seu excelente meio-campo e à resoluta presença defensiva de Rodrigues e Vítor Marques. Depois, há que mencionar Juvenal, com golpes (velozes) que faziam imediatamente baquear a defesa contrária. Porém, Horácio e Neca atiraram, na primeira metade, bolas rente aos postes, com Conhé no solo. Mas, essa infelicidade (conjugada com a dianteira apanhada pela CUF) tranquilizou os pupilos de Caiado: a quem depois somente se pediu que segurasse o resultado. O «penalty» consentido por Rodrigues ainda animou as hostes de Matosinhos: mas foi sol de pouca dura porque, logo a seguir, a desvantagem de dois golos voltava a pesar sobre si. Os cufistas viram, ainda, mais um tento nas suas balizas: mas o andamento inicial já definira que triunfaria no embate.

L Í N G U A S

INGLÊS, FRANCÊS, ALEMÃO E PORTUGUÊS



UM DOS NOSSOS QUATRO LABORATÓRIOS

PORQUÊ APRENDER CONNOSCO?

- Pertencemos a uma organização de dimensões mundiais e temos vasta experiência do ensino em Portugal.
- Utilizamos os métodos mais modernos e estamos sempre em dia.
- Os nossos professores são da nacionalidade e altamente diplomados no ensino de línguas.
- Consideramos que os contactos professor/aluno são fundamentais e criamos um programa intensivo de actividades sócio-culturais.
- Somos 100 % profissionais e os nossos resultados falam por si. (Exames facultativos das Universidades de Cambridge, Toulouse, Institut Français, Goethe Institut, Trinity College e International House).

INSCRIÇÕES JÁ ABERTAS

- LISBOA:** CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES INTERNATIONAL HOUSE
Rua Marquês Sá da Bandeira, 16
T. 5 14 96; 53 40 54; 53 40 62
- COIMBRA:** INSTITUTE OF LANGUAGE STUDIES INTERNATIONAL HOUSE
Rua Antero de Quental, 135
T. 2 29 71
- BARREIRO:** CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES INTERNATIONAL HOUSE
Av. Alfredo da Silva, 57
T. 207 36 22



DL/DESPORTOS

NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO



SPORTING, 2 - VITÓRIA DE GUIMARÃES - 0

ÁRBITRO "VERDE" MATA DEFESA EM LINHA

Wilson arriscou e perdeu. Veio a Alvalade com uma rígida defesa em linha e foi batido pela inexperiência de um árbitro (ainda verde nestas andanças da primeira divisão (e por um golo fortuito; na marcação de um livre directo, em que o guarda-redes (possivelmente) não fez tudo quanto estava ao seu alcance.

Já o ano passado, em Setúbal (então com mais êxito) viramos o Vitória minhoto aplicar idêntico esquema: defesa de quatro em linha, meio campo super povoado por, quase sempre, quatro elementos. E contra-ataques por intermédio dos rápidos e imaginativos Tito e Jorge Gonçalves. Só que perdeu ainda que o futebol do Sporting

tenha sido pobre de mais para um candidato. E foi logrado. Exactamente num fora de jogo deixado passar pelo árbitro e pelo fiscal de linha, junto do peão. São os riscos inerentes a quem prefere jogar assim, usando a todo o transe da arma do fora de jogo.

De resto, admira como o Vitória, tendo (como tem) individualidades de nível igual ou superior ao Sporting, não se apresenta com mais ambições. Jogar para defender e contra-atacar, pode dar efeito: mas, dentro da normalidade não resulta, desde que o opositor não seja de todo cego e descuidado. O Sporting não o foi, soube persistir no ataque com (apenas) três elemen-

tos, soube guardar na defesa quatro jogadores, soube manter na intermédio um terceiro que quebrou, é certo, mas aguentou enquanto pode e o suficiente para não deixar afundar o barco. Daí a derrota para os visitantes. Daí a vitória para os visitados. Ainda que através de uma exibição frouxa, ainda que por intermédio de golos Wagner e Yazalde) fortuitos: De livre e em fora de jogo. O suficiente para que, até ao embate da Luz (a jogar assim, ai do Sporting!) os «leões» se vistam de comandantes, com os mesmos pontos dos campeões. O que dá mais entusiasmo e grande casa cheia.

DANIEL REIS

UNIÃO DE COIMBRA, 0 - BENFICA, 4

FALTAM MANGAS SOBRA PANO POR AMOR SEJA TAL ENGANO

A chuvada que se abateu sobre Coimbra, poucas horas antes do jogo, cessou alguns minutos antes das 15, como que numa vassalagem prestada pelos elementos à grande festa do pontapé na bola.

Localidade que receba a equipa do Benfica, na sua missão de conquistar os pontos que dão campeonatos, pode não assistir a espectáculo compensador mas nem por isso deixa de embebeirar em arco e vir para a rua em ar festivo. Realmente, a «Lusa Ateneas» não viu o Benfica de sempre efectuar exibição à altura de permagins recentes. Viu (sim) onze jogadores de camisa encarnada a passearem «classe» pela parva triste (e empapada) de um estádio de recordações. A dar-lhes as boas-vindas esteve o modesto União, unido e pouco mais, lento e desinspirado, de futuro inquietante ou pouco menos. A turma do Luz jogou a passo, claramente ao Deus dará, com plena confiança nos recursos de primeiríssima dos seus profissionais. Para o público é pouco. Por isso falhou o espectáculo.

Arranjem os anéis mais distantes (os de Saturno se quiserem) para quem não assine a cartilha do compromisso que a verdade é só uma: esta equipa do Benfica, possuindo (no campo, no «banco» e na «prateleira») os melhores

jogadores de Portugal, não voltará, antes que arrepie caminho, a coleccionar prestígio por esse mundo fora. Perder-se-á (assim) o resultado da reunião sob o mesmo tecto daqueles que formam (talvez) a maior geração de executantes de toda a história do futebol português. Má herança, confraria, feio pecado que não cairá em saco roto.

Fora de tudo isto deve (em minha opinião) ficar o funcionário inglês que, se não é competente para dirigir o «timão» que lhe pusem nas unhas é, pelo menos, trabalhador e dedicado à causa dos seus proventos. O pé-de-meia lusitano consegue-o ele (como qualquer de nós) o pão para a boca, à custa da intimidade e da intolerância de quem fala a linguagem do desacordo. Absolva-se Hagan da pequenez e das vistas curtas: é tudo por amor de seu amo, tal como a marca dos

discos. Vamos ver quem reza por ele quando tocar a marchinha da encomenda fúnebre.

O jogo não teve história para além dos golos. Todos facilitados, acrescente-se. Uma referência especial para o de Toni, um «monumento» de execução.

A turma de Coimbra promete muitos sustos aos seus adeptos. Luís Pinto é mais lento que as locomotivas do suprimido ramal do Vouga e Barros uma sombra de um passado bem passado. Na frente, não há quem caminhe para o golo: e, a meio da nau, ninguém se entende. Os suplentes Zeca e Fonseca não substituem ninguém: são ainda piores do que os que saíram. Melhor sorte mereciam os adeptos do União que apoiaram a sua equipa como raramente temos visto. Mas, agora nada feito:

Continua na página seguinte



BARREIRENSE, 4 - FARENSE 1

SINAL DE MELHORIA NO ONZE DO BARREIRO

Numa tarde chuvosa, assistiu-se no campo D. Manuel de Melo a uma boa partida de futebol, na qual a nota mais relevante foi a exibição com que os pupillos de Carlos Silva agradeceram a assistência. Os 4-1 que o marcador acusava no fim, vem assim abrir novas perspectivas para a turma barreirense, que havia iniciado o campeonato da pior maneira: conquistando somente 1 ponto em 3 jogos.

Durante quase todo o encontro o onze da margem sul do Tejo tanto técnica como taticamente foi superior a um Farense que apresentou pouca ou nenhuma ligação entre os seus sectores, com os jogadores a não saber o que fazer quando tinham a bola nos pés e, acima de tudo, a serem completamente aniquilados quando era necessário jogar em antecipaço.

No Barreirense tudo saiu certo, pois aquilo que vinha a faltar há muito tempo, (inexistência quase total de homens da área) surgiu agora com a entrada de Nelson Faria para pontade-lança. Carlos Silva jogou a cartada e ela resultou em chelo, pois a dupla Nelson Faria-Serafim, com o habilidoso

Piloto na esquerda, é realmente de temer.

A primeira parte fulgurante dos barreirenses não conseguiram os jovens (?) algarvios corresponder com a calma que se impunha, pois quando os avançados da casa entravam no último reduto adversário, assistia-se a um total descontrolo que, como último recurso, recorriam a cargas faltosas, que o sr. Henrique Silva algumas vezes deixou passar em claro.

Na 2.ª parte as coisas não se passaram de maneira diferente e se os homens de Faro vieram mais frequentemente junto da baliza de Abrantes, isso deve-se unicamente à falta de pernas de alguns barreirenses, pois acusaram o ritmo imprimido durante o 1.º tempo.

No entanto, o predomínio territorial continuava a pertencer aos homens do Barreiro que marcaram mais dois golos.

Henrique Silva falhou, porque além de não ter assinalado uma grande penalidade a favor do Barreirense, não usou sempre do mesmo critério na marcação das faltas.

JOAQUIM GALRITO

LEIXÕES, 2
CUF, 3

LEIXÕES — Fonseca: Celestino, Adriano, Raul e Teixeira, Eliseu (Nicolau) e Esteves; Vaqueiro, Vitor (Geraldão), Horácio e Neca.

C.U.F. — Conhé: José António, Rodrigues, Vitor Marques e Esteves; Arnaldo e Vitor Gomes; Manuel Fernandes, Fernando, Monteiro (Eduardo) e Juvenal.

Árbitro: Joaquim Freire, de Aveiro.

Golos: Monteiro, Juvenal, Celestino, Manuel Fernandes e Horácio.

SPORTING, 2
GUIMARÃES, 0

SPORTING — Damas: Pedro Gomes, Laranjeira, Bastos e Carlos Pereira; Fraguito, Manaca e Wagner; Marinho (Dinis), Yazalde e Nelson.

VITÓRIA DE GUIMARÃES — José Maria; Costeado, Manuel Pinto, José Carlos e Osvaldinho; Ernesto, Custódio Pinto e Silva; Jorge Gonçalves, Tito e Nino (Ibraim).

Árbitro: Raul Nazaré, de Setúbal.

Golos: Wagner e Yazalde.

SETÚBAL, 3
F. C. DO PORTO, 0

VITÓRIA DE SETÚBAL — Vaz; Rebelo, Car-

EQUIPAS

doso, José Mendes e Carriço; Octávio e Câmpora (Arcanjo); José Maria, José Torres (Guerreiro), Duda e Jacinto João.

F. C. PORTO — Armando; Gualter, Valdemar, Rolando e Guedes; Pavão e Oliveira; Celso, Abel, Lemos (Júlio) e Malagueta (Ricardo).

Árbitro: César Correia, de Faro.

Golos: Câmpora, Duda e Valdemar (na própria baliza).

UNIÃO DE COIMBRA, 0
BENFICA, 4

UNIÃO DE COIMBRA — Melo; Jerónimo, Barros, Luís Pinto e Leopoldo; Luís Carlos e Nisa (Fonseca); Vitor Gomes (Zeca), Reis, Damião e João Machado.

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto, Messias e Adolfo; Jaime Graça e Toni; Nenê, Jordão, Eusébio e Simões.

Árbitro: Fernando Leite, do Porto.

Golos: Jordão, Toni, Eusébio e Adolfo.

BARREIRENSE, 4
FARENSE, 1

BARREIRENSE — Abrantes; Romão, Carlos Mira, Luís Mira e Patrício; João Carlos e José João; Nelson (Cruz), Serafim, Faria e Piloto.

FARENSE — Rui Paulino; Pena, Almeida, Valdir (Fernandes) e Assis; Florival e Sérgio; Adilson, Jorge Félix, Mirobaldo e Sobral (António Luis).

Árbitro: Henrique Silva, de Lisboa.

Golos: Serafim, Piloto, Adilson e Luís Mira, dois, de grande penalidade.

BELENENSES, 2
UNIÃO DE TOMAR, 0

BELENENSES — Mourinho, Murça, Calado, Freitas e Cardoso; Quaresma, Quinto e Godinho; Laurindo, Luís Carlos e Gonzalez.

UNIÃO DE TOMAR — Silva Morais, Kiki, João Carlos, Cardoso e Fernan-

des; Raul, Manuel José e Caetano (Pavão); Pedro, Bolpta (Beto) e Camolas.

Árbitro: Inácio de Almeida, de Setúbal.

Golos: Luís Carlos, os dois.

BEIRA-MAR, 1
ATLÉTICO, 1

BEIRA-MAR — César; Ramalho, Marques, Soares e Severino; Inguila e Colorado; Eurico (Almeida), Cléo, Alemão e Lázaro (Adé).

ATLÉTICO — Gaspar; Esmeriz, Zeca, Candeias e Norberto; Baltasar (Pedras) e Nogueira; Belchior, Zuzinho, Leitão e Raul (Tui).

Árbitro: Armando Paraty, do Porto.

Golos: Baltasar e Colorado.

BOAVISTA, 3
MONTIJO, 0

BOAVISTA — Vitor Cabral; Bernardo da Velha, Mário João, Amândio e Franco; Barbosa e Branco; Moinhos, Moura, Acácio (Aleixo) e Celso (Tui).

MONTIJO — José Martins; Celestino, Moreira, Sabino e Simplicio; Espírito Santo e Bambo; Francisco Mário (Evaristo), Gijo, Rachão e Afonso (Rangel).

Árbitro: Saldanha Ribeiro, de Leiria.

Golos: Celso e Moinhos, dois.

GOLOS

Continuação da página anterior

é aguentar o barco e fugir à tempestade.

Do apitador Leite nem vale a pena falar: é um «atraso de vida», uma autêntica «anedota». A propósito: vai uma? João Machado é empurrado dentro da área por um defesa benfiquista e arrasta na queda a bola que sai pela linha final. Ai surge «mestre» Leite: «canto» contra... o Benfica. Giro, não é?

Mas, mais interessante aonda, deve ter sido a conversa de Artur Jorge e Rui Rodrigues, ao intervalo, com amizades do tempo do dito amadorismo. Falariam na chuva que nesse momento voltava a cair?

Doutras águas, pela certa.

ALEXANDRE PAIS

O Benfica em viagem

A fim de participar no torneio de futebol integrado nas comemorações das Bodas de Ouro do Sport Luanda e Benfica, partiu hoje para Angola o principal plantel do grande clube da Luz.

A caravana encarnada, que deverá chegar a Luanda pouco depois das 22 horas, é composta pelos seguintes elementos: drs. Flávio de Oliveira e Borges Coutinho e eng. Matos Chaves, respectivamente presidentes da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal; Fernando Neves, chefe da Secção de Futebol, Ilídio Fulgêncio e Ítalo Santos, da Direcção; Jimmy Hagan, o médico dr. Sousa Pinho e o massagista Hamilton Marques; jogadores: José Henrique, Bento, Malta da Silva, Humberto, Messias, Rui Rodrigues, Adolfo, Toni, Jaime Graça, Simões, Vítor Martins, Matine, Néné, Artur Jorge, Jordão e Eusébio.

O programa do «Torneio Quadrangular» é o seguinte: amanhã, às 20 e 30, o Benfica defronta a sua filial luandense; no outro jogo da noite actuam o Sporting de Luanda e o Textáfrica de Moçambique. Na quinta-feira, jogam os vencidos da primeira jornada às 20 e 30, seguindo-se o encontro da final.

O Benfica regressa à metrópole no dia seguinte, devendo embarcar de madrugada e chegar ao Aeroporto da Portela no princípio da manhã.

CAMPO DE OURIQUE NO PALÁCIO DE BELÉM

A Direcção do Clube Atlético de Campo de Ourique desloca-se hoje ao Palácio de Belém a fim de entregar ao sr. Almirante Américo Thomaz a medalha n.º 1 das Bodas de ouro.

O sr. presidente da República receberá os dirigentes da popular colectividade às 14 e 15.

TOTOBOLA

Leixões - CUF	2
Beira Mar - Atlético	2
U. Coimbra - Benfica	2
Sporting - Guimarães	1
Barcelense - Farense	1
Belenenses - U. Tomar	1
Setúbal - Porto	1
Corunha - Valência	X
Granada - Bétis	X
Barcelona - R. Madrid	1
Gijón - R. Sociedad	1
Castellón - Málaga	1
Burgos - Celta	X



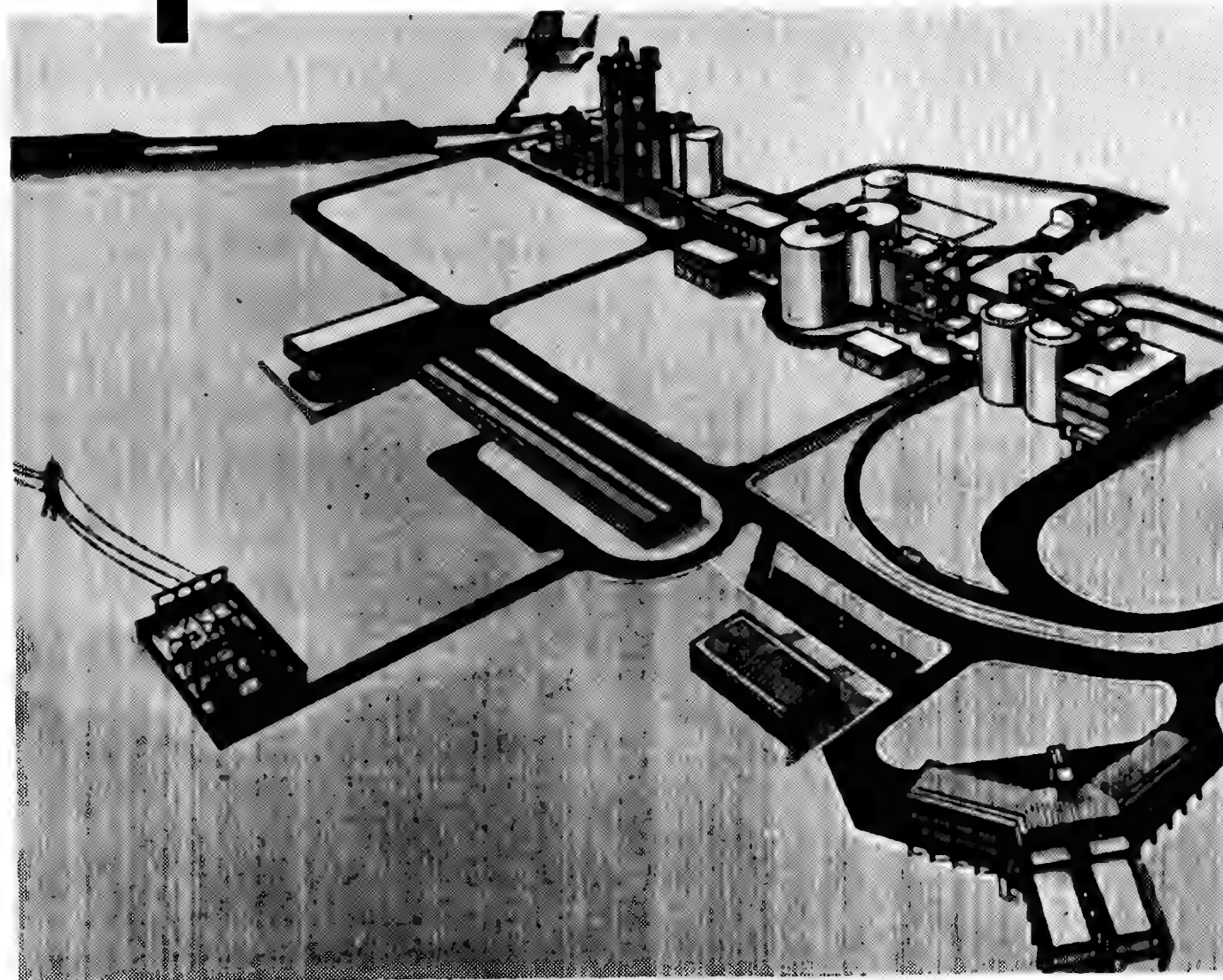
CISUL COMPANHIA INDUSTRIAL DE CIMENTOS DO SUL, S.A.R.L.

Sede Social: Avenida Júlio Dinis, n.º 4, 1.º-esq.º LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 40000 PARA 150000 CONTOS

AUTORIZADO POR PORTARIA DE 24 DE JULHO DE 1972 DA SECRETARIA DE ESTADO DO TESOURO

PUBLICADA NO «DIÁRIO DO GOVERNO» DE 5 DE AGOSTO DE 1972, III SÉRIE, N.º 182



PERÍODO DE SUBSCRIÇÃO: 2 a 4 de Outubro de 1972

Emissão de 110 000 Acções, de valor nominal de 1000\$00 cada. Este aumento efectuar-se-á nas seguintes condições:

- 1 — Subscrição com reserva de preferência para os actuais accionistas: 80 000 Acções, na proporção de 2 por cada 1 já possuída, ao preço de 1000\$00 cada.
- 2 — Subscrição oferecida exclusivamente ao público em geral: 30 000 Acções, ao preço de 1000\$00 cada, sujeita a rateio, o qual será feito até 20 dias depois do fecho da subscrição. As importâncias correspondentes às Acções não atribuídas no caso de rateio, serão devolvidas a partir de 24 de Outubro p. t.
- 3 — Condições de pagamento: Liquidação integral no acto da subscrição.
- 4 — Características das Acções: As Acções vencem o juro intercalar de 5% ao ano, durante o período de 3 anos a contar da data da publicação do rateio.
- 5 — Direitos especiais inerentes às Acções: Todos os accionistas, os actuais e os subscritores desta emissão, beneficiarão de preferência, na proporção das Acções que possuírem, em futuros aumentos de capital.
- 6 — Espécies de Títulos: As Acções a emitir poderão ser representadas por títulos de 1, 5, 10, 50 e 100 Acções, nominativas ou ao portador, consoante escolha a indicar no boletim de subscrição.
- 7 — Locais de subscrição: A subscrição das Acções destinadas ao público far-se-á no período acima referido em todos os Balcões dos Estabelecimentos de Crédito, abaixo indicados, os quais tomaram firme a respectiva emissão: BANCO FONSECAS & BURNAY/BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS/CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
- 8 — Entrega dos títulos definitivos: Prevê-se que a entrega dos títulos definitivos representativos das Acções atribuídas seja efectuada até ao fim de 1972.

O prospecto circunstanciado, com os elementos respeitantes à Empresa e a esta emissão, poderá ser obtido nos locais de subscrição.

Lisboa, 29 de Setembro de 1972

O Conselho de Administração

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect. Compra	Venda
Cons. 2 3/4	440\$	440\$
Cons. 3	488\$	488\$
Cons. 3 1/2	558\$	558\$
Centenários	1.280\$	1.280\$
Tes. 5 % 57	1.001\$	1.001\$
Tes. 5 % 59	1.000\$	1.000\$
Extern. 1.ª s.	622\$	622\$
Extern. 1.ª c.	624\$	624\$
Extern. 3.ª s.	780\$	800\$
Extern. 3.ª c.	780\$	800\$
Caut. 3.ª s.	185\$	—

FUNDOS PÚBLICOS

	Efect. Compra	Venda
A. Lx. 6 %	940\$	940\$
C. M. L. 5 3/4	—	945\$
C. P. 5.5 % 67	—	980\$
C. P. 5.5 % 68	—	980\$
C. P. 5.5 % 69	—	980\$
Corr. 5 3/4	940\$	—
Metr. 5 3/4	980\$	—
Tur. 5 3/4	1.010\$	1.005\$
C. P. 6 3/4	—	1.030\$

ELECTRICAS

	Efect. Compra	Venda
G. 5 % 58	—	850\$
G. 5 % 59	—	820\$
G. 5 % 62	—	—
G. 5 % 63	—	—
G. 5 % 64	—	—
G. 5 % 65	—	980\$
G. 5 % 66	—	980\$
G. 5 % 67	1.000\$	995\$
G. 5 % 68	—	1.005\$
G. 5 % 69	—	830\$
H. E. C. 5 %	—	730\$
H. E. C. 6 %	935\$	935\$
H. E. D. 5 %	—	940\$
H. E. D. 6 %	—	—
H. E. N. P. 5 %	—	930\$
H. E. S. E. 5 %	—	980\$
H. E. S. E. 6 %	—	800\$
H. E. Z. 5 %	—	950\$
N. Elc. 5 %	—	800\$
N. Elc. 6 %	—	930\$
Termoelec. 5 %	—	725\$
U. E. P. 5 %	—	750\$
U. E. P. 6 %	—	920\$

DIVERSAS

	Efect. Compra	Venda
A. P. T. 5 % 56	—	895\$
A. P. T. 5 % 58	—	895\$
Lianave 6 %	—	930\$
Nitratos 60	—	850\$
Pat. 2.ª 3.ª	1.030\$	1.025\$
Sacor 7 %	—	970\$
Sacor 5 %	—	—
Sid 5 % 2.ª	—	—
Sid 5 % 3.ª	—	—
Sid 5 % 4.ª	—	—
Socel 5 %	—	910\$
U. Fabril 67	—	945\$
U. Fabril 68	—	940\$

ULTRAMARINAS

	Efect. Compra	Venda
Carbonil. 5 %	—	400\$
Rev. 5 % 57	—	670\$
Rev. 5 % 59/60	—	550\$
Moçamb. 5 %	—	400\$
Sonefe 5 %	—	815\$

ACÇÕES

De Bancos

	Efect. Compra	Venda
Agricultura	5.440\$	5.420\$
Alentejo	1.485\$	1.485\$
Angola	4.010\$	4.010\$
Cred. Predial	4.800\$	4.850\$
Esp. Santo	10.800\$	10.750\$
Formento	5.260\$	5.250\$
F. & Burnay	—	51.000\$
N. Ultr. m.	—	5.350\$
N. Ultr. c.	6.520\$	6.500\$
Portugal n.	—	4.700\$
Portugal p.	—	6.000\$
P. Atlântico	11.200\$	11.150\$
Totta & Acores	6.150\$	6.150\$
Algarve	2.000\$	1.990\$
Borges & Irmão	8.800\$	8.800\$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	25-9-72	29-9-72	2-10-72
GERAL	192,0	193,0	193,5
METROPOL	196,1	197,5	198,1
ULTRAM	162,2	159,7	160,1

De Seguros

	25-9-72	29-9-72	2-10-72
Alentejo	173\$	172\$5	173\$5
Bonança	—	49.000\$	—
Imperio	—	22.000\$	25.000\$
Mundial	1.370\$	1.360\$	1.375\$
Soberana	2.600\$	2.500\$	2.700\$
Tranquilidade	—	—	—

Electricas

	25-9-72	29-9-72	2-10-72
C. P. E. P.	1.095\$	1.095\$	1.097\$
C. P. E. n.	1.080\$	1.080\$	1.085\$
E. Beiras	—	1.720\$	1.750\$
G. Elec. c.	328\$5	328\$5	329\$
H. E. A. A.	160\$	160\$	160\$5
H. E. N. P.	—	235\$	250\$
H. E. S. E.	—	—	—
U. E. P.	188\$	188\$	190\$

Ultramarinas

	25-9-72	29-9-72	2-10-72
Ag. Casseque	—	1.000\$	1.020\$
Ag. Incomati	—	—	2.550\$
Ag. S. T. e P.	—	—	—
Ag. Angola	1.200\$	1.200\$	1.210\$
Ang. Agric.	—	—	—
Boror	—	—	—
Boror Com	—	—	—
Buzi	—	78\$	78\$
Cabinda	120\$	120\$	125\$
Com. Lobito	—	66\$5	67\$5
D. A. T. 100	1.860\$	1.820\$	1.870\$
H. E. Revue	—	500\$	—
I. do Princ.	—	300\$	500\$
Moçambique	—	165\$	170\$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	380\$	385\$	390\$
Zambezia	—	59\$	60\$

Diversas

	25-9-72	29-9-72	2-10-72
Ag. Lx. ant.	—	430\$	470\$
Ag. Lx. — 34	—	450\$	500\$
Ag. Lx. — 36	—	405\$	450\$
Cel. Guadiana	—	7.300\$	7.500\$
C. Leiria p.	17.500\$	17.000\$	18.000\$
C. Tejo p.	1.220\$	1.210\$	1.240\$
F. Rapada	—	137\$	139\$
Fornos Elct.	—	4.050\$	4.200\$
P. Celulose	4.700\$	4.650\$	4.750\$
Siderurgia p.	—	2.700\$	2.800\$
Siderurgia n.	—	3.500\$	—
Socel	7.970\$	7.970\$	7.980\$
Cidla	3.000\$	3.000\$	3.050\$
C. U. F.	—	530\$	540\$
Intar	—	950\$	970\$
Nitratos	—	950\$	970\$
Petroquímica	3.480\$	3.380\$	3.500\$
Sacor	3.300\$	3.200\$	3.400\$
Tab. Portugal	7.200\$	7.100\$	7.300\$
Tabaqueira	700\$	700\$	720\$
U. F. Azoto	—	240\$	250\$
Empor	—	980\$	1.050\$
Ind. Aliança	3.450\$	3.450\$	—
I. P. Colón	1.800\$	1.780\$	1.800\$
Nac. Naveg.	—	1.000\$	—
Naveg. (Col.)	—	900\$	950\$
P. Pesca	1.220\$	1.220\$	1.230\$
Malur	—	1.150\$	—
R. Marconi	—	1.000\$	1.300\$
TAP	—	810\$	850\$
Compal	—	11.850\$	11.800\$
Salvor	—	—	—
Penina	—	—	—
Grão-Pará	—	—	—
Lianave	—	—	—

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	—	—	—
F. I. D. E. S.	—	—	—

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul — Rands	28\$50	31\$50
Alemanha — Marco	8\$25	8\$55
América	—	—
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$80
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$80	27\$40
Argentina — Peso Novo	—	—
Austria — Schilling	1\$16	1\$21
Belgica — Franco	\$58	\$62
Brasil — Cruzeiro	\$350	\$430
Canadá — Dólar	27\$00	27\$70
Dinamarca — Coroa	3\$75	\$405
Espanha — Peseta	\$42,3	\$44,3
França — Franco	\$635	\$665
Holanda — Florim	\$815	\$845
Inglaterra — Libra	65\$00	67\$50
Italia — Lira	\$043	\$0465
Marrocos — Dhran	\$600	\$650
Noruega — Coroa	\$395	\$425
Suécia — Coroa	\$655	\$685
Suiza — Franco	7\$05	7\$30
Ouro	—	—
Inglaterra — Libra Isabel	47\$600	50\$600
Inglaterra — 1/2 Libra	38\$600	40\$600
Ouro fino Barra	56\$00	60\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara, 15, Telef. 320015
Rua do Ouro, 52, Telef. 320094

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

Série Policial
Randall e Hopkirk
A série de hoje será interpretada nos principais papéis pelos artistas Mike Pratt, Kenneth Cope e Annette Andre

2.º Programa (22.00)

Noite de Cinema
«Caçada Trágica» Interpretado pelos artistas Gregory Peck, Joan Bennett e Robert Preston



SIEMENS ESTORIL

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa	1.º Período
12.45 Desenhos animados	13.00 ABC
13.00 Feminino singular	13.15 Uma rapariga endiabrada
13.15 Uma rapariga endiabrada	13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Um dia com... Um programa de Marinho Simões	14.15 Logo à noite
14.15 Logo à noite	14.20 Fecho
2.º Período	19.00 Orientação de monitores do Ciclo Preparatório TV
19.30 Telejornal - 2.ª Edição	19.45 Quinzena Juvenil
20.15 Cartaz TV	20.30 Povo que canta
21.00 Aventuras na terra do Arco Iris	21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 Randall e Hopkirk	22.50 Teatro 10
23.55 Telejornal	24.00 Meditação e Fecho

2.º Programa	20.30 Uma rapariga endiabrada
21.00 Um dia com...	21.30 Telejornal - 1.ª Edição
22.00 Noite de cinema - Caçada Trágica	23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa	1.º Período
12.45 Desenhos animados	13.00 ABC
13.15 Sarrilhos no ar	13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 O livro à procura do leitor	14.15 Logo à noite
14.20 Fecho	2.º Período
19.00 Orientação de monitores do Ciclo Preparatório TV	19.30 Telejornal - 2.ª Edição
19.45 TV Infantil	20.00 Flipper
20.30 Momento desportivo	21.00 Tempo Internacional
21.30 Telejornal - 3.ª Edição	22.00 Noite de cinema - Aniki-Bobó
23.00 Telejornal	23.05 Meditação e Fecho

2.º Programa	20.30 Sarrilhos no ar
21.00 Desenhos animados	21.15 O livro à procura do leitor
21.30 Telejornal - 3.ª Edição	22.00 Carta de Espanha
22.15 Paul Temple	23.10 Vivendo o Futuro
23.03 Fecho	—



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6227

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era geralmente fraco e o céu estava muito nublado.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	20.º
P. DOURADAS	14.º
COIMBRA	19.º
PORTALEGRE	17.º
LISBOA	19.º
FARO	21.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade

Máxima 17,6.º

Penhas da Saúde

Mínima 7,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 17,6.º
Atmosfera 18,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.03 3,2 m	5.56 1,7 m
12.28 3,5 m	18.45 1,4 m

Dia 3

1.08 3,4 m	6.59 1,5 m
13.27 3,7 m	19.34 1,2 m

Dia 4

1.58 3,6 m	7.45 1,3 m
14.14 3,9 m	20.13 1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo e vento fraco.



AMANHÃ

NASCE ÀS 7.32
OCASO ÀS 19.22



DIA 29 / DIA 7 / DIA 15 / DIA 22

rádio

EMISSORA 1.º Programa

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

JULGAMENTO DO DR. SANTOS SILVA

Começa a ser julgado, na sexta-feira, de manhã, no Terceiro Juízo Criminal do Porto o conhecido democrata e advogado dr. Santos Silva, que no dia 31 de Agosto de 1971, agrediu um agente da Polícia Judiciária, o qual agredira seu filho, Eduardo Brochado Santos Silva, já falecido.

VISITA DE EXPORTADORES À ESCANDINÁVIA BALANÇO MUITO POSITIVO PARA UMA INICIATIVA DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Depois de uma estadia de 11 dias nas capitais da Dinamarca, Suécia, Noruega e Finlândia, regressou ao nosso País o primeiro grupo de exportadores portugueses de produtos «não tradicionais», que se deslocou à Escandinávia em visita de estreitamento de relações com novos mercados.

Acompanhou esta «missão», o dr. José Manuel Passeiro, administrador do Banco Nacional

Ultramarino, entidade a quem coube a organização da visita e o esquema de contactos.

RESULTADOS

«SUPER-POSITIVOS»
Pouco tempo depois da chegada a Copenhaga, foram imediatamente iniciados os trabalhos do grupo, seguindo-se reuniões em Estocolmo, Oslo e Helsínquia, antecipadamente preparados pelos Bancos correspondentes do B.N.U. naquelas capitais, com o apoio, de inextinguível valia, dos delegados do Fundo de Fomento de Exportação. Mercê dessa excelente organização — que todos foram unânimes em enaltecer — foi possível aos novos exportadores estabelecerem cerca de 500 contactos com representantes dos vários mercados escandinavos.

A visita teve o melhor acolhimento em toda a parte — disse-nos o director de uma firma nortenha — e foi bem demonstrativa das possibilidades de expansão de muitos dos nos-

apenas que «limar algumas arestas» que, experiências anteriores com produtos portugueses menos habilitados, lá deixaram. Mas penso que o desfazer dessas ideias (aliás, só existentes num ou noutro caso) até será incentivo para os produtores nacionais que tenham os olhos postos, realmente, nos mercados estrangeiros.

Por outro lado, um industrial de mármore de Vila Viçosa, deu-nos uma ideia do montante desses negócios:

«Na Suécia recebi, realmente, uma encomenda interessante, por parte de uma firma de móveis: 8000 tampos de mesa, num valor de cerca de 4000 contos. Mas noutros locais — em especial a Finlândia, onde os produtores italianos do ramo são praticamente desconhecidos — firmei excelentes transacções no valor de muitos milhares de escudos.

Deve esclarecer-se, no entanto, que a venda imediata, não

mente satisfeito com os resultados obtidos.

DEPOIS DA GRÃ-BREITÂNHA

A ESCANDINÁVIA...

Não são de estranhar declarações como as que registámos no Aeroporto da Portela, à chegada deste grupo de exportadores «não tradicionais».

Longe vão os tempos em que os exportadores portugueses se confinavam às cortiças, ao Vinho do Porto, às conservas e a pouco mais! Não que esses produtos hajam perdido o seu valor. Mas o que acontece, porém, é que muitos novos produtos são hoje já exportáveis, necessitando apenas, para apanharem o tal «comboio da Europa», que sejam conhecidos e promovidos nos mercados externos.

Foi sempre esta a ideia do Banco Nacional Ultramarino que, antes desta visita deste grupo de exportadores «não tradicionais» à Escandinávia, já havia patrocinado a ida de outros

GIUSEPE BASTOS • VASCO MORGADO GRUPO D/ 18 ANOS

NO TEATRO MARIA VITÓRIA

APRESENTAM DENTRO DE DIAS

A SUPER REVISTA POPULAR

CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO...

COM:

SALVADOR

IVONE SILVA

NICOLAU BREYNER

ANABELA

BARROSO LOPES

VÍTOR MENDES • CARLOS QUEIROZ

A ATRACÇÃO NACIONAL

CIDÁLIA MOREIRA

A ATRACÇÃO INTERNACIONAL

VERA SANDERS

A FRENTE DUMA GRANDE COMPANHIA

com UM ESCULTURAL BALLET INTERNACIONAL

DESIGN — MOBILIÁRIO

Curso de Design de Mobiliário

Na A. I. P., de 16 a 20 de Outubro

Organizado pelo Fundo de Fomento de Exportação, vai realizar-se na Associação Industrial Portuguesa, na F. das Indústrias em Lisboa, um curso de design para o sector de mobiliário, de que será monitor o Prof. David Pye, do Royal College of Art.

Pelo que representa como actualização e contacto com as mais recentes concepções europeias no campo do mobiliário, reveste-se este curso do maior interesse e oportunidade.

Se, de algum modo, está relacionado com Design — mais concretamente com o design aplicado a mobiliário — não hesite: contacte, informe-se, inscreva-se. O curso é para si — contamos consigo.

Inscrições até 3 de Outubro no F. F. E. em Lisboa — Rua Camilo Castelo Branco, 2, 3.º, telefones 4 79 28 / 5 91 56 — Delegação no Porto — Rua Gonçalo Cristóvão, 128, 1.º esq.º, telefone 38 02 14 — Porto.

Nota: O curso será falado em inglês com tradução simultânea para Português

fundo de fomento de exportação



Os exportadores portugueses à sua chegada a Lisboa

os produtos, que só não têm maior penetração porque são totalmente desconhecidos.

A aceitação que nos dispensaram foi total decorrendo, sempre, as nossas relações, dentro da maior cordialidade e simpatia, nas mais francas bases comerciais.

Sobre o volume de negócios fechados, penso que ascenderá a muitas dezenas de milhares de contos e, por aqui, se poderá estimar quanto esta visita foi proveitosa não só de imediato, como a longo prazo, havendo

era o fulcro desta viagem: a promoção, os contactos e a abertura de negociações estavam realmente mais no âmbito da ideia inicial. Isto nos referiu um representante de uma importante firma da capital.

Na verdade, o objectivo principal desta visita era estabelecer uma ponte geral que, agora, ao nível individual, nos permita estabelecer as situações comerciais mais convenientes aos produtos de cada um.

Confermando, porém, o êxito que esta iniciativa teve, (e que suplantou as melhores previsões) e a extraordinária dinâmica com que o Banco Nacional Ultramarino a organizou, muitos foram os meus colegas exportadores que receberam já encomendas no valor de milhares de contos.

Pela minha parte e da firma a que pertenço, estou perfeita-

à Grã-Bretanha, onde possui um escritório de representações.

Então como agora — e em estreita colaboração com os delegados do Fundo de Fomento de Exportação — a deslocação foi um êxito altamente proveitoso bem sintetizado nas palavras que o gerente de uma empresa de confecções do Porto nos confiou:

«As possibilidades de colocação de produtos portugueses no estrangeiro, não é só possível, como também é, mesmo, procurada.

Os exportadores portugueses apresentaram uma vasta gama de produtos, dos mais variados ramos (pratas, calçado, mármore, cápsulas, bicicletas, motociclos, vestuário, cordoaria, pequenos motores de várias aplicações, etc.), em representação de indústrias que cobrem várias regiões do País.

MOVIMENTO DIPLOMÁTICO

Foram promovidos a conselheiros de embaixada dos serviços externos os primeiros secretários drs. Carlos Macieira Ary dos Santos, que continua em serviço na Embaixada de Portugal em Atenas e Fernando José Reino, que se mantém na situação de destacado da Presidência do Conselho e prestando serviço nas Delegações Permanentes de Portugal junto da C. E. E., da C. E. C. A. e da Euratom em Bruxelas.

O dr. António Guilherme Lopes de Oliveira Cascais, segundo secretário de embaixada em serviço na Secretaria de Estado foi promovido a primeiro secretário de embaixada dos serviços externos.

Reunião final em Copenhaga

COPENHAGA, 29 — Com um jantar final a que presidiu o dr. José Manuel Passeiro, terminaram os trabalhos da primeira visita de exportadores portugueses à Escandinávia, patrocinada pelo B. N. U.

O interesse manifestado localmente e os resultados obtidos excederam todas as expectativas, tendo a Imprensa norueguesa, dinamarquesa, e outros se referido com muito agrado a esta inédita iniciativa de um dos principais Bancos portugueses, para o aumento de intercâmbio comercial entre Portugal e a Escandinávia.

Após terem visitado esta cidade, Oslo, Estocolmo, Helsínquia e, de novo, Copenhaga, os elementos da missão regressaram a Lisboa.

OS ESCOLTADORES DE ESCRAVOS

Os estrangeiros que procuram trabalho em França vão beneficiar de uma melhor protecção. As novas responsabilidades que a reforma da política de imigração põe a cargo dos empregadores farão cessar as práticas dos «escoltadores de escravos»?

Menton — O agente da Polícia diz: «Porque se fala dessa maneira, este ano, das passagens clandestinas nas fronteiras? Palavra de honra, talvez porque havia um jornalista no local quando se descobriu o primeiro camião.» E um facto. O «tráfico de escravos», principalmente entre Tende e Menton, deu que falar durante o Verão. Cinquenta e oito malianos por aqui, doze senegaleses por ali, amontoados num camião de máquinas de coser ou ingenuamente passageiros da carreira de autocarros Limone - Nice... Outros a pé, abandonados pelo seu táxi ou pelo seu passador... Todos eles serviram para arranjar títulos aos jornais.

Indiferente, o guarda,

Por
JEAN RAMBAUD

Exclusivo
«LE MONDE» «DL»

que há vinte anos navega na borda desta «fronteira - passador», encolhe os ombros. Patrulhador sem ilusões, sempre viu isto. Antigamente, eram os italianos e, depois, por vagas, os jugoslavos — sobretudo os sérvios —, os húngaros, os albaneses, muitos outros... «Evidentemente, tom por tom, o europeu era menos visível do que o negro!»

Na verdade, os passadores dramatizam de bom grado a aventura para valorizar os seus

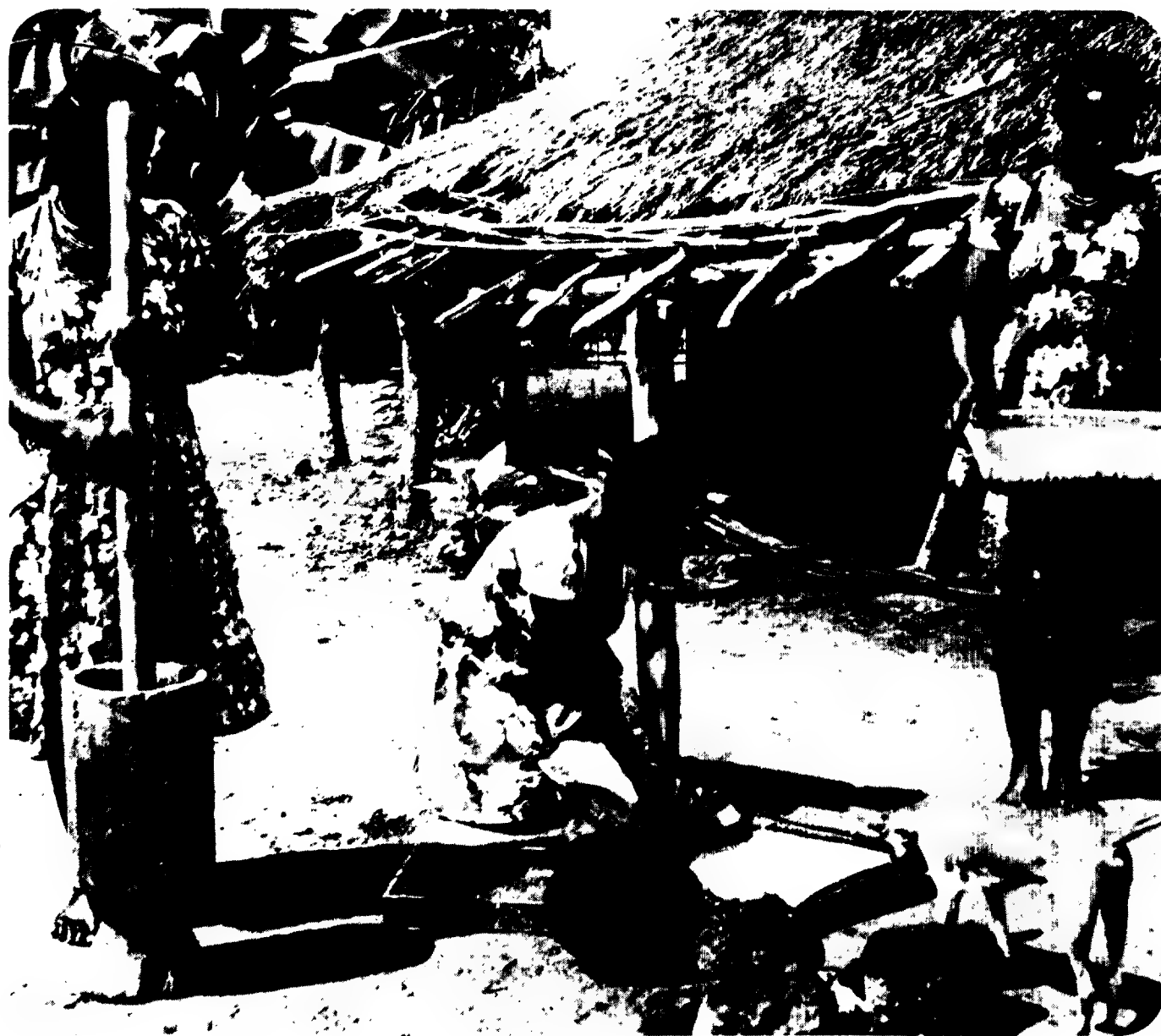
serviços: quem quer que aceite fazer 10 ou 15 quilómetros a pé em caminho de montanha, pode passar sem deixar história entre postos e patrulhas. Não se vigiam como as alamedas do bosque de Bolonha, os desfiladeiros, as cordilheiras de montanhas, os vales, as ravinas... E menos ainda no Verão, em que seria preciso suspeitar do mais simples caminhante. «Se os clandestinos soubessem...» Passariam de mãos nos bolsos pelas sentinelas tranquilas ou, como alguns, em calções de banho pelas praias frequentadas da costa. Os seus verdadeiros problemas não estão aí.

Porém, os clandestinos não sabem. Em Menton todos se recordam da época da «passagem da morte» em que foi vítima tanta gente vinda do leste. Da povoação italiana de Grimaldi, bastaria, ao que parecia, descer direito a Menton, cujas luzes, de noite, parecem muito próximas: no fim do trilho, o precepício inesperado fez mais de cem vítimas em alguns anos. Os passadores têm belos dias.

TAPETES DO ORIENTE E ATENTADOS

Todos sabem que os «organizadores de viagens» para malianos a caminho do Eldorado de Gennevilliers são abomináveis sardos que montaram há um ano verdadei-

Continua na página seguinte



OS ESCOLTADORES DE ESCRAVOS

Continuação da página anterior

ras redes de espoliação progressiva. Encontra-se mesmo motoristas de táxi piemonteses que não hesitam em «carregar» para Paris, contra o pagamento de 150 000 liras (prometendo voltar a esperar pelos seus clientes do outro lado da fronteira — após breve «passagem» a pé — preferem voltar tranquilamente a Milão). Mas, os franceses? Estando o Eldorado do seu lado, que espécie de clientela podem esperar? Ora, acontece que cada um tem «a sua própria América». Para certos marroquinos que transitam pela França, é a Itália. O movimento em sentido «inverso» começou com a criação em Brescia e em Turim de indústrias de fabricação de tapetes «orientais». Proceder à

sua venda por intermédio de autênticos marroquinos era, em suma, fornecer aos turistas certificados de garantia. Então, meu Deus, porque isto era bom para os negócios, os cérebros transalpinos fechavam de bom grado os olhos.

Os passadores franceses e italianos, embora trabalhando «por atacado», nem sequer viram baixo uma razão para baixar os preços. Porém, os tempos mudaram. O número dos marroquinos tornou-se demasiado elevado em relação ao número de tapetes (*made in Italy*) vendáveis. Turim e Brescia já não tinham necessidade de vendedores ambulantes de fato completo, mas apenas portadores, para as necessidades da causa, de *djellabas*...

No mesmo instante, começou-se a falar. No

dia seguinte ao atentado de Skirhat, «observadores atentos» puderam notar entre os candidatos a mercadores de tapetes a presença de oficiais subalternos, até mesmo oficiais do exército marroquino. Iam servir de moldura aos emigrantes e reagrupar em Itália todos os oponentes ao regime de Hassan II? Fala-se de complicações internacionais. Os controles tornaram-se mais severos... e as passagens de fronteira mais caras. Então, no passado mês, o novo atentado fez nascer novas esperanças. Ia-se ver chegar um novo contingente marroquino, pronto a pagar bons preços? Parece que estas esperanças foram decepçantes... embora se tenha visto «passar» algumas pessoas em marcha militar.

«TROCARIA MARROQUINO POR MALIANO»

Os passadores, por seu turno, são (talvez) ingênuos mas, enquanto esperam, desenrola-se uma muito curiosa operação em que os marroquinos e malianos servem de moeda de troca.

E preciso saber, com efeito, que para poder reenviar um maliano para além dos Alpes, os franceses têm que provar que o clandestino veio efectivamente de Itália. De quem é a falta, é coisa que aos italianos não interessa absolutamente nada. Que fariam eles destes pobres diabos, a partir de então entregues a si próprios? Se estes infelizes, sem um centavo na algibeira, tivessem a tentação de roubar o que quer que fosse — cesteiro que faz um cesto, faz um cento — tal como, não resta dúvida, fazem em França? (Assim, acontece

que se encontra pela montanha documentos e bilhetes de passagem rasgados que provam uma passagem por Itália).

Mas, eis que a corrente inversa permite um mercado tácito. «Não querem mais marroquinos? Seja. Então, fiquem lá com os malianos.» A coisa pode, também, entender-se em sentido contrário. «Se eu aceitar um marroquino, você fica com um maliano?»

Pois, isto faz-se... E odioso. Porém, tudo isto, ao fim e ao cabo, não passa de anedota e de «pitoresco». O tempo dos passadores está um pouco ultrapassado. E os «controladores de fronteira» já não decidem, por si, do tamanho das malhas das suas redes. Esta gentinha ou estes mendigos organizados não passam de pequenos rebentos. E a um nível completamente diferente que o essencial se passa e saltou-se demasiado depressa sobre a analogia quando se precipitou sobre o termo «mercadores de escravos».

Era antigamente, o tráfico de escravos! Era mais simples, mais importante e mais honesto, se é possível dizê-lo. Europeus ou árabes compravam negros — ou apanhavam-nos —, transportavam-nos e vendiam-nos. Hoje, é bem mais subtil. Os negros do Mali e do Alto Volta — depois do norte-africano e do português — põem-se, eles próprios a caminho. (E pagam, também eles, da sua algibeira — caro — a viagem.) Sonharam «no país» — aonde o rendimento anual é de 400 ou 500 francos — tornar-se um dos seus nababos que varrem as valetas da cidade luz por 800 francos por mês! Sonharam ser um destes heróis que en-



viam para a aldeia natal estas ordens de pagamento merfíficas... que chegam verdadeiramente. E a aldeia ou a tribo não hesitou em fazer a colecta a favor do aventureiro que, para o bem de todos, ousa afrontar a Viagem e a Cidade gigante. Que carta de Paris confessaria a vida humilhante e dura num clima hostil? Pior ainda, como poderia ela ser suficientemente desesperada para fazer desaparecer o efeito das ordens de pagamento miraculosas?

SALVO CONDUTO

Então, porque «eles» assim o querem, porque sonham com isso... Não se pode ser inumano a ponto de lhes fechar verdadeiramente as fronteiras, que diabo! Por outro lado, é muito prático ter mão de obra que não é cara, que se pode contratar e dispensar à vontade, ameaçada a todo o instante de expulsão, empilhável em instalações precárias... e ignorantes durante um bom espaço de tempo ainda dos direitos sindicais que os emigrados mais antigos — incluindo argilos e portugueses — começaram já a conhecer bastante bem.

Não se trafica, convenhamos! São eles que

se oferecem, que insistem. Há regulamentos, acordos, contingentes para limitar o seu número. Mas, não! Eles forçam as fronteiras e, recambiados três vezes, passam à quarta. («Fazem-nos pena», diz o guarda fronteiriço).

Perante tanta insistência, acaba-se por dar aos «ganhões», em Nice, um «salvo conduto» para os distritos com mão de obra deficitária. Eles que se desenvencilhem, que encontrem um patrão, o qual se encarregará de lhes obter uma licença de estadia, se derem satisfação. Mas que não se queixem desde logo! Nem do pagamento, nem das condições de trabalho, nem dos «bidonvilles».

Quanto aos problemas que, a maior ou a menor prazo, estas migrações maciças virão a fazer surgir inevitavelmente no sistema, Luís XV havia encontrado, a propósito do futuro e do dilúvio, uma resposta definitiva.

Os pequenos escoltadores de voluntários — escravos de não têm que se inquietar. A «fronteira-passador» ainda tem bons dias à sua frente.

E nem todos os países têm, como os britânicos, a sorte ou o azar de dispor de um canal para «filtrar» os seus indiano-ugandeses.



defenda-se da poluição alimentar!

DIESINE

ALIMENTO LACTEO SEM GORDURA NEM SAL
SOB CONTROLE BIOLÓGICO E BACTERIOLOGICO
E CONTROLE DE RADIOACTIVIDADE RESIDUAL

bastam 2 copos por dia!

SAPATARIA

Madeira

ALMADA

NOVAS INSTALAÇÕES — Rua Bernardo Francisco da Costa, 22-D — Telefone 270554

GERÊNCIA E PROPRIEDADE DE ANTÓNIO MADEIRA

Diplomado em Promoção de Vendas, Relações Públicas e Publicidade

Apresenta os NOVOS MODELOS
de SAPATOS, CARTEIRAS e LUVAS

OUTONO-INVERNO-72

Em RIGOROSOS EXCLUSIVOS para todo o Concelho de Almada

PREÇOS FIXOS • PREÇOS DE LEI

A ILHA DE MYKONOS

—paraíso a perder-se

Por WILLIAM TUOHY

Exclusivo «THE LOS ANGELES TIMES»/«DL»

MIKONOS-GRECIA

Quando aqui cheguei pela primeira vez», disse a rapariga americana com cabelos de sol, «a ilha fez-me lembrar como deveria ser o mundo antes das coisas começarem a estragar-se».

A observação resume a história de Mikonos, o complexo sentimento que se tem por esta pequena ilha do mar Egeu.

Mikonos é a ilha do Mediterrâneo mais «mais», para-gem obrigatória dos viajantes daquelas bandas. As praias de Mikonos acolhem uma curiosa mistura de «jet-setters» em iates excursionistas nos vapores de carreira e «hippies» no seu vaivém entre Ibiza e o Nepal.

«É o Saint-Tropez das ilhas gregas», diz a rapariga dos cabelos flamejantes.

Em Mikonos nas belas praias de areia branca, o «monokini» está muito em voga e em duas das praias que são o paraíso e o super-paraíso, a polícia turística volta a cara para o lado quando as pessoas passam despidas.

Assim, o nosso barquinho pode vogar próximo de um rochedo frente à praia e darmos nós de caras com uma rapariga nua assemelhando-se muito a uma ninfa ou a uma sereia, saídas directamente da mitologia grega.

Mas onde está o especial encanto de Mikonos? Porque foi ela eleita dentre todas as ilhas gregas?

«A grande diferença de Mikonos é a simplicidade», diz outra rapariga americana muito viajada e com muito estilo que vive parte do ano em Gstaad (Suíça). «Aqui só há três cores básicas e todas intensas: o beije da paisagem rochosa, o branco das casas caiadas, e o azul do céu e do mar».

A cor do Egeu é de um azul profundíssimo que se percebe tenha inspirado a adjectivação de Homero: «o mar escuro como um vinho». A cor matiza-se a partir de um azul rico, de safira, para tomar um leve tom de esmeralda na orla da praia.

As cidades de Mikonos são de um branco que encandeia, pintado todas as Primaveras com ruas labirínticas e uma sólida cubista, harmonia de formas que cativaram arquitectos como Le Corbusier e Philip Johnson.

O mar, observado entre o intenso branco das casas, chega a tomar um tom rubro no Mediterrâneo.

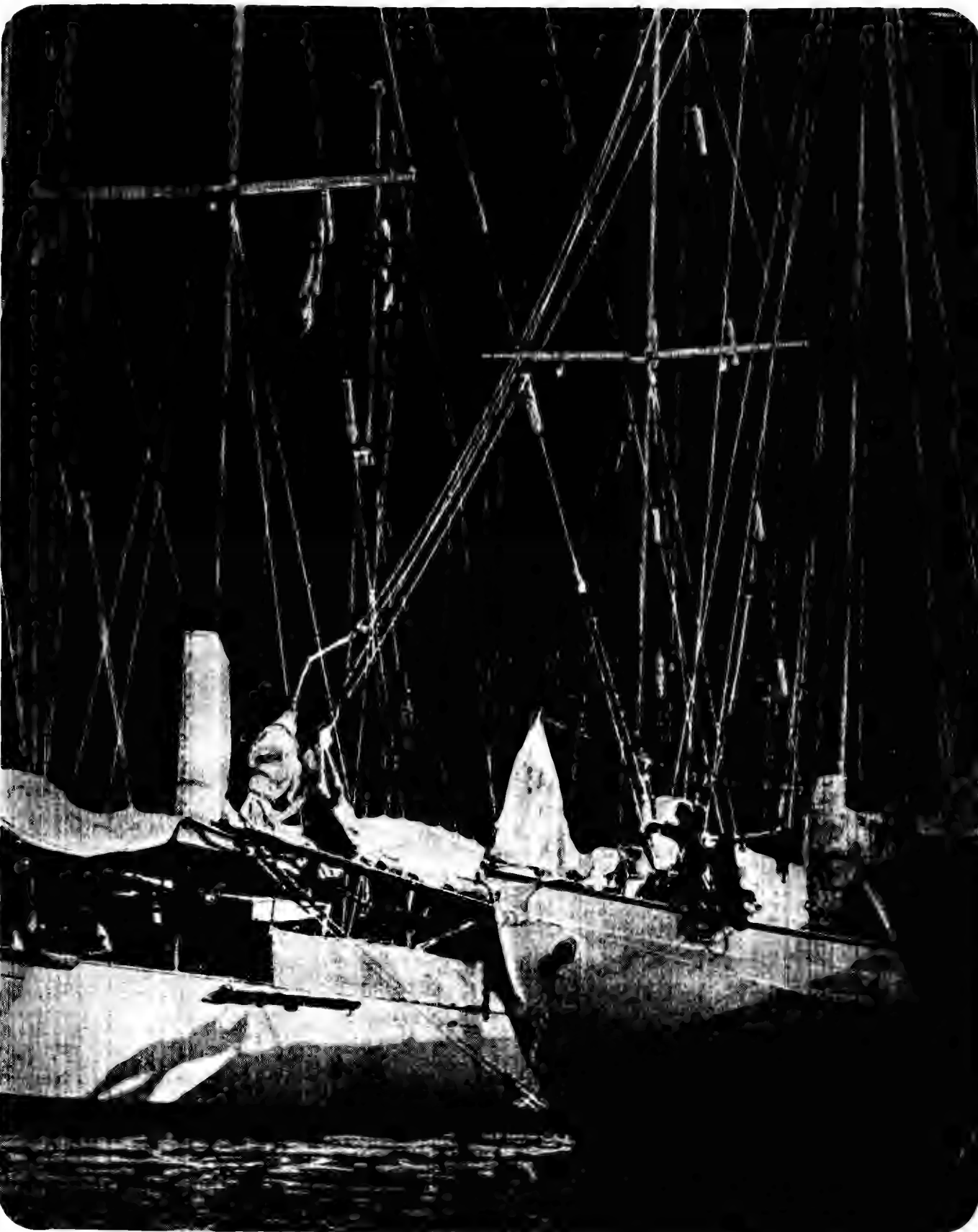
As ruas sinuosas das aldeias atribuem-se na lenda ao desejo de atrapalhar os piratas turcos e de não os deixar encontrar a saída da para o porto. Mas a razão mais plausível para essa construção especial é torná-la barragem para o vento «meltemi» que sopra do norte durante todo o verão. Os fortes ventos favorecem a ilha com muitos moínhos, mas sopram por tão longos períodos que acabam por irritar as pessoas.

As praias em Mikonos são superlativas. Há um ditado conta o advogado ateniense Sócrates Vekris, que diz «que há enseadas em Mikonos onde nem Deus vos pode ver».

Outra atracção são os preços relativamente baixos, aliás como no resto da Grécia em comparação com outros países europeus.

Mikonos ostenta soberba, grande profusão de bares «bistros», «boutiques». Os bares e discotecas incluem o «chic», «As nove musas», «O moínho» cujo «largo» está pejado de «hippies».

«Ao contrário do que se



passa em ilhas mais tranquilas», diz Alikí Verkis «há aqui muita vida social. Os atenienses vêm cá passar o fim de semana e os bares estão abertos até às três e quatro da manhã».

Muitas das casas velhas foram transformadas em pequenas lojas que vendem artesanato local, blusas de algodão e sandálias de couro. Ilha e cidade parecem dever a sua importância antes de mais à proximidade das famosas ruínas de Delfos, e depois à sua situação. (Mikonos serviu de centro naval durante a ocupação turca).

Primeiro foram os turistas franceses que descobriram Mikonos, depois os atenienses

seguido-se-lhes os italianos e os americanos.

Mas se Mikonos é um éden para alguns, as perturbações chegaram ao paraíso.

Mikonos está envolvida nos problemas clássicos dos lugares mais procurados por esse mundo fora: as multidões, e a deterioração da qualidade que era o que de princípio atraía.

«Mikonos tem pouco de cada coisa e nunca chega para as encomendas», diz Piero Aversa, um pintor italiano que passa o Inverno na Flórida e durante o Verão dirige um bar muito popular em Mikonos. «Quartos a menos, água a menos, estradas a menos e transportes a menos».

Durante os meses de ponta, no Verão, a população os 6.000 habitantes de Mikonos aumentam para 20.000...turistas.

«Um dia saíram 500 pessoas de um «ferry boat» com as reservas feitas «diz Kathy Ludwig, 24 anos, americana que trabalha no serviço de caixa do «Piero», «mas a maior parte deles teve de tomar o «ferry boat» de volta, ou dormiram na

praia».

Muitos pescadores locais deixaram de pescar e apressam-se a transformar as

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao-Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

LIVROS — SALDOS

AGRICULTURA — DIREITO — ECONOMIA
MEDICINA — TÉCNICOS, ETC.
— A PARTIR DO DIA 2 DE OUTUBRO —
MOREIRA & ALMEIDA — R. ANCHIETA, 7.

suas casas em bares e boutiques.

«De certo modo», diz Valerie Youman, o número de bares e o género em que caíram está a tornar-se sor-dido».

Nos últimos anos o número de táxis na ilha subiu de três para sete. Estes, e uma meia dúzia de autocarros são o único meio de transporte para as praias da ilha, à excepção de carreiras de barco dispendiosas. Assim os autocarros que fazem o serviço das praias andam mais superlotados do que os das grandes cidades à hora de ponta.

Quando o vento Meltemi não sopra, a ilha torna-se insuportavelmente quente e húmida como neste Verão com temperaturas que atingem 38 graus centígrados, mesmo depois do pôr-do-sol.

Com o aumento das multidões a reputação de boa comida que a ilha tinha caiu a pique. Agora a cozinha o mais que pode ser, é neutra.

Os «hippies» também nada acrescentam para o encanto da ilha, pelo menos na opinião da gente local. Como diz Kostos, o homem do barco: «São sujos e não gastam dinheiro».

«Mikonos encontra-se num momento decisivo do seu desenvolvimento» continua Piero Aversa. «Pode travar a expansão e conservar o seu encanto, reconquistando as pessoas que se tinham sentido atraídas antes; ou pode tomar o caminho do Sul da Espanha, das construções pretensiosas e pires das torres superlotadas e das espeluncas onde se come peixe frito e batatas fritas».

PARA O SEU CABELO

«Os Institutos científicos Capilares «SAINT-ANTOINE», DE PARIS, especializados no cuidado e conservação do cabelo, comunicam que em Lisboa se situam na Avenida da República, 2, 7.º andar (junto ao Saldanha), com o telefone 56 02 72, encontrando-se aberto ao público todos os dias úteis das 10.30 às 12.30 e das 15 às 19.30 horas».

Em 30 minutos de exame sem nenhum compromisso diremos se o nosso método pode ser eficaz no seu caso.

Para consulta sobre os métodos a seguir podem os interessados apresentar-se nas horas acima mencionadas ou marcar por telefone.

Os Institutos SAINT-ANTOINE DE PARIS estão montados de forma às senhoras e aos senhores clientes não perderem tempo.

Para os clientes de fora de Lisboa podem preparar-se aplicações a fim de serem aplicadas nas suas casas.

Cientificamente os processos dos Institutos SAINT-ANTOINE DE PARIS são os mais avançados para resolver o problema do cabelo ao ramo da COSMETOLOGIA.

Em Portugal:
LISBOA — Av. da República, 2 — Tel. 56 02 72.

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 819, 5.º Esq. — Tel. 3 60 10

Em Espanha:
MADRID — BARCELONA
SARAGOÇA — SEVILHA
MÈME METHODE A
NEW YORK — LONDON
— PARIS — BRUXELAS
— MILAN



CRISE NO CAMBOJA

PHNOM PENH. — «A situação é quase crítica, como habitualmente», afirmou um diplomata ocidental tentando resumir a situação no Camboja.

A gravidade, fatalidade e ceticismo implícitos neste comentário reflectem bem o estado de espírito dos diplomatas e dos funcionários governamentais em Phnom Penh.

«O moral é extremamente baixo», prosseguiu o diplomata. «E o mesmo em toda a parte — a convicção de que tudo está perdido, de que já nada há a fazer».

In Tam, um político que disputou sem êxito a presidência ao Marechal Lon Nol nas eleições realizadas há três meses, foi entrevistado recentemente por um jornal local. Perguntado: «A imprensa estrangeira parece não alimentar quaisquer esperanças quanto à República «khmer». Qual é a sua opinião?»

In Tam respondeu simplesmente: «Sou da mesma opinião». Mais tarde, anunciou que se ia demitir do cargo de chefe do partido democrático e partir para a Tailândia durante dois meses a fim de se submeter a tratamento médico.

É praticamente impossível encontrar uma pessoa que se mostre optimista acerca do futuro do Camboja. Um funcionário do Ministério da Informação, que existe ostensivamente para explicar e defender a política governamental, revelou a jornalista estrangeira que estava completamente desiludido com o Governo. «Tem de haver uma revolta radical, mas desconheço quem se poderá encarregar de o fazer», disse ele.

O entusiasmo provocado pela queda, em Março de 1970, do regime do príncipe Norodom Sihanouk dissipou-se com o actual mal-estar. Um jornal de Phnom Penh, «Khmer Angkor» escrevia em 7 de Setembro: «Todos nos recordamos da satisfação que sentimos em 1970 quando derrubámos a monarquia e passámos a depositar as nossas esperanças numa nova era de liberdades, justiça e todos os outros princípios democráticos. Infelizmente, a euforia não só se dissipou como está a ser substituída por uma alarmante sensação de vazio e ausência de propósito».

A actual crise é tripla: económica, política e militar. Os

problemas económicos giram à volta da escassez de arroz, responsável pela recente pilhagem do mercado central de Phnom Penh. Muito embora a penúria tenha sido temporariamente atenuada pelo fornecimento de arroz americano e tailandês, os observadores estão convencidos de que a situação é séria a longo prazo.

No aspecto político, quase ninguém revela o mínimo entusiasmo pelo presidente Lon Nol, cuja saúde melhorou recentemente mas que se encontra ainda parcialmente incapacitado devido a um ataque cardíaco. A opinião geral é que Lon Nol não dispõe dos meios susceptíveis de lhe permitirem não perder de vista os problemas do país. Considerado honesto, encontra-se rodeado de colaboradores frequentemente apontados como corruptos.

Quando as primeiras eleições presidenciais cambojanas se realizaram, em Junho, Lon Nol saiu oficialmente vencedor, com 55 por cento dos votos numa corrida de três candidatos. Os diplomatas estrangeiros admitem agora, em particular, que, provavelmente, ele apenas obteve 35 a 40 por cento dos votos, sendo possível que In Tam tenha efectivamente ganho as eleições. A diferença entre os cálculos oficiais e particulares da percentagem de Lon Nol resultou naturalmente de uma fraude eleitoral.

Houve muitos observadores que, nessa altura consideraram a eleição presidencial um importante passo no declínio gradual do prestígio de Lon Nol. Agora, disse um funcionário governamental americano, «parece inevitável que a popularidade do Governo diminui ainda mais desde as eleições».

Os principais factores do permanente declínio de Lon Nol foram as eleições para a Assembleia Nacional realizadas recentemente, das quais os candidatos da oposição se acabaram por retirar após terem sido falseadas para que eles dispusessem de poucos lugares, e a escassez do arroz.

Todavia, embora o prestígio de Lon Nol não seja grande, ainda não surgiu um «leader» da oposição susceptível de constituir uma alternativa razoável para o actual presidente. In Tam declarou desejar afastar-se

da vida pública, e Keo An, o professor universitário que se candidatou à presidência ao mesmo tempo que preconizava o regresso ao Camboja do Príncipe Sihanouk deposto e terminou num surpreendente terceiro lugar, desapareceu da política tão repentinamente como aparecera há alguns meses.

O primeiro-ministro Son Ngov Thanh, único «leader» que conta com adeptos decididos revelou também que deseja abandonar a política. Embora possa ser apenas um estrategema, nada fez até agora susceptível de indicar que está interessado em aumentar o seu poder.

O antigo primeiro-ministro Sirik Matak formou um novo partido político, chamado «Republicanos Independentes», e parece estar a tentar atrair aqueles que votaram a favor de Keo An na eleição presidencial, mas falta-lhe o apoio das massas.

É provável que a situação militar, em permanente deterioração, constitua o aspecto mais grave. Um diplomata ocidental calcula que o Governo cambojano controla unicamente 15 a 20 por cento do território nacional, enquanto que outros 10 a 15 por cento são disputados ou se encontram desocupados. O resto, diz ele, está nas mãos dos comunistas. Estes afirmam que controlam 85 por cento do território cambojano.

A luta que actualmente se trava na estrada n.º 1, que se estende desde Phnom Penh à província de Tay Ninh, no Vietname do Sul, desenrola-se agora num ponto situado a alguns quilómetros a leste da intersecção da estrada e do Rio Mekong. Os funcionários governamentais receiam que, se os norte-vietnamitas e as forças «khmers» vermelhas conseguirem avançar até ao rio Mekong, passem a dispor de uma óptima posição para perturbarem o tráfico fluvial entre Phnom Penh e o Delta do Mekong.

Por outro lado, embora alguns soldados se batam com bravura, o exército cambojano perdeu o pouco brio que possuía. A luta que actualmente se trava, diz um diplomata ocidental, «é como a Itália contra a Alemanha. Ninguém tem quaisquer dúvidas sobre o desfecho, mesmo com um exército italiano entusiástico contra um exército alemão indiferente».

«Admite-se geralmente em Phnom Penh que, se o exército norte-vietnamita concentrasse os seus esforços na tomada desta cidade poderia fazê-lo sem dificuldade».

Um dos aspectos mais desoladores tem sido a desmedida corrupção dos comandantes militares. «As unidades militares estão a tornar-se entidades independentes», afirmou outro diplomata. «A unidade que assegura a protecção da ponte não deixa ninguém passar com um saco de arroz a menos que pague uma portagem. Isso acontece muitas vezes».

Não surpreende que com as três crises — económica, política e militar — profundamente relacionadas, se fale cada vez mais de um golpe de Estado em Phnom Penh. Alguns órgãos da informação têm falado de um golpe de Estado durante as últimas semanas sem que a sua publicação tenha sido suspensa. Os políticos referem-se igualmente a esta eventualidade sem dizerem quem seria o seu autor.

Um observador estrangeiro comentou: «No entanto, para levar a efeito um golpe de Estado, é preciso fazer algo de enérgico. Nestas condições, porque é que isso aconteceria aqui? Os cambojanos limitam-se a aguardar que aconteça alguma coisa». Mesmo que se verificasse efectivamente um golpe de Estado, é difícil saber qual seria a sua utilidade. «No Camboja seria um «coup de théâtre» e não um «coup d'Etat», disse ainda o mesmo observador.

Unido à actual situação, muitos cambojanos preferem fugir do país a tomarem uma atitude enérgica. Os preços dos vistos de saída ilegais aumentaram recentemente.

Muitos políticos reagiram evitando comprometer-se decididamente com um homem ou uma ideologia. As lealdades mudam constantemente de alvo. Um diplomata europeu declarou: «É a maneira «khmer»... Pode-se ser a favor e contra o Governo simultaneamente, beneficiando-se de ambas as coisas».

Todos estes factores levaram o referido diplomata a concluir que aquilo que está a acontecer agora é nem mais nem menos do que a desintegração gradual da sociedade «khmer», processo existente já no século dezanove mas adiado pelo colonialismo

francês e pelo seu sucessor, cuidadosamente escolhido, o príncipe Norodom Sihanouk.

Característica deste declínio tem sido a autoridade cada vez mais frouxa do Governo central. Num recente editorial do jornal «Partido Republicano» podia-se ler: «Há um Governo central, mas este não dispõe do mínimo controlo sobre as províncias. Cada região do país tornou-se quase autónoma. Supressão, contrabando, corrupção, etc., prevalecem no Camboja».

Dado que o Governo cambojano se mostrou incapaz de impedir que os seus vizinhos vietnamitas, mais fortes, se apoderassem de uma grande parte do território nacional, as notícias de um possível cessar-fogo em toda a Indochina não causam a mesma excitação aqui que em Saigão. O político da oposição Douc Rasy declarou: «Se houver um cessar-fogo no país, teremos de reconhecer a posição vantajosa do inimigo».

Um diplomata estrangeiro acrescentou: «A guerra será ganha ou pelo Vietname do Norte, ou pelo Vietname do Sul, mas em qualquer dos casos, o Camboja ficará a perder».

No meio de toda esta situação dramática, parece haver alguns aspectos positivos, embora nenhum deles atribuível ao Governo cambojano. Em primeiro lugar, há razões para crer que os ataques aéreos americanos causaram pesadas baixas às forças comunistas do Camboja, sendo possível que as tenham impedido de atingir o rio Mekong ao longo da estrada n.º 1.

Em segundo lugar, sabe-se que tem havido graves incidentes entre «khmers» vermelhos e forças norte-vietnamitas. Segundo um funcionário governamental americano, têm-se registado choques armados com mortos de ambos os lados. Como é evidente, este facto afecta a capacidade das forças comunistas de lutarem contra o Governo do Camboja.

Finalmente, e ainda segundo o mesmo funcionário americano, «os cambojanos têm uma capacidade tremenda para aguentarem uma situação intolerável. Assim, o país vai ganhando tempo».

JACQUES LESLIE



VIETNAME — O «yo-yo» já não faz parte da guerra do Laos.

Pela primeira vez em dez anos desde que o Laos se tornou parte no conflito revolucionário indo-chinês, os combates se desenrolam nesse país — também rodeado de terra, deixaram de ser uma série de avanços e recuos cíclicos dos dois campos. As frentes mantêm-se estacionárias.

As tropas norte-vietnamitas — e o Pathet Lao, que ao princípio concentravam os ataques na estação seca, e se retiravam quando vinham as chuvas, não fizeram nada disso este Verão. Não obstante o facto de os comunistas se terem visto obrigados a aplicar certo número de tropas concentradas no Laos a ofensiva comunista em três frentes no Vietname do Sul o resto das unidades mantêm-se nas suas posições.



VIETNAME: Abastecimento irreprimível

SAIGÃO — Nesta capital, todo e qualquer perito digno deste nome consegue, regra geral, apresentar diagramas e esquemas para explicar a maioria das diferentes situações — uma vez o «problema» definido.

O bloqueio do Vietname do Norte, porém, resiste a semelhantes análises. «Bem vê», explicou um destes peritos, despeitado, «temos aqui um grande problema. Calculamos que receba aproximadamente três vezes aquilo que recebia na verdade, mas tínhamos calculado durante algum tempo que não recebia muito, o que significa que recebe agora aproximadamente três vezes quase nada.»

Este perito não estava a agradecer. Reconhecia a dificuldade da avaliação do considerável esforço feito pelos norte-vietnamitas para aliviar o bloqueio imposto pelo presidente Richard Nixon em 9 de Maio. A opinião oficial americana em Saigão insiste em que os esforços norte-vietnamitas não alcançaram até agora o êxito esperado. Todavia, a administração admite igualmente que Hanói multiplica os seus esforços, beneficiando simultaneamente do auxílio da China e da Rússia.

Dão-se sem hesitação três exemplos destes esforços:

1 — É agora quase certo que os engenheiros e operários norte-vietnamitas terminaram praticamente a instalação de dois «pipelines» destinados ao petróleo proveniente da China. Ambos são quase paralelos à via-férrea do nordeste que liga, numa distância de aproximadamente 40 quilómetros, Hanói à cidade chinesa mais próxima, Pinghsiang, depósito fronteiriço da via-férrea, cuja população é de 7000 habitantes.

Por outro lado, um destes «pipelines» de 10 cm de diâmetro foi desdobrado durante a maior parte do percurso, o que significa que existe praticamente um terceiro «pipeline» durante quase toda a sua extensão, com o objectivo evidente de utilizar as mesmas centrais de bombeamento.

2 — A ponte aérea semi-clandestina dos aviões soviéticos. A dar crédito a determinadas fontes, pelo menos 15 destes grandes aviões de transporte teriam desembarcado 30 toneladas de abastecimentos a que fora dada prioridade no aeroporto

civil de Hanói, o qual, até agora, não foi alvo de bombardeamentos. O seu verdadeiro número é decerto mais elevado. Os peritos fazem notar que a tonelagem não parece ser importante, mas que estes carregamentos desempenham um importante papel — 30 toneladas de velas de ignição, por exemplo, podem contribuir para o bom funcionamento de grande número de camiões durante muito tempo.

3 — Uma ponte naval chinesa que não cessa de aumentar, e que se concentra, como é evidente, no abastecimento em alimentos e munições. A maior parte faz-se nos juncos e barcos de pequena tonelagem que utilizam, com maior ou menor facilidade, passagens marítimas protegidas por centenas de ilhas situadas ao longo da zona costeira, no ponto em que a China e o Vietname no Norte se encontram. Esta «passagem marítima interior» estende-se até Haiphong, onde as minas americanas têm impedido o movimento de navios, mas onde as pequenas embarcações pouco profundas, de casco de madeira, podem passar — um draga-minas de Pequim constitui o melhor exemplo.

O aspecto mais dramático desta ponte marítima é, porém, a actividade que se verifica ao largo da costa norte-vietnamita, a menos de 80 quilómetros ao norte do teatro, da guerra travada na província de Quang-Tri. Os navios costeiros da China comunista, de 3000 a 5000 toneladas, encontram-se ancorados fora do limite de 15 quilómetros, e transbordam as suas cargas para os juncos ou lanchões que farão a perigosa viagem em direcção à costa à vista dos canhões americanos. A carga é, por vezes, embrulhada herméticamente em plástico (sacos de arroz, por exemplo), e flutua, arrastada pelas marés.

Estas operações tiveram início em Junho deste ano, com um ou dois barcos. A administração afirma que existem actualmente três, os quais transferem a sua carga nesta zona, com cerca de uma dúzia de navios chineses fazendo a viagem dos portos principais rumo à zona pouco profunda da ilha de Hon La.

Os comunicados militares americanos, que se esquecem delicadamente de mencionar o

facto de o abastecimento provir de navios chineses ancorados no limite dos 15 quilómetros, relatam diariamente factos misteriosos, tais como «20 sacos de arroz destruídos» na região da ilha de Hon La.

Em todas as regiões — bem como noutras zonas afectadas pelo bloqueio — os norte-vietnamitas intensificaram os seus esforços sempre que possível.

Os comboios de camiões deslocam-se durante a noite, conseguindo ainda chegar junto das divisões de combate de Hanói, nos arredores de Quang-Tri.

«Conseguirão sempre fazer passar alguns camiões de noite», admitiu um oficial de alta patente. «Mas não se trata do aspecto fundamental da guerra actual.»

Todavia, os peritos fazem notar que, desde o início do bloqueio, nenhum petroleiro penetrou no porto de Haiphong, e que o fornecimento por estrada de tambores de 190 litros provenientes da China constitui apenas uma solução de emergência. As fontes americanas divergem quanto à questão do estado dos «pipelines» da China. Embora estes pareçam acabados na sua maior parte, duvida-se ainda de que existam centros de bombeamento em número suficiente para que eles possam funcionar eficazmente.

Alguns oficiais pensam que se terá a prova definitiva dentro dos próximos meses. Durante este período, as chuvas que inundam agora a pista Ho Chi Minh, em direcção ao Vietname do Sul, terão cessado.

Como habitualmente, os movimentos nesta estrada foram interrompidos durante os meses mais maus da estação da monção. Porém, quando as chuvas tiverem terminado, Hanói deverá revelar a sua posição, ao enviar novamente a quantidade anual de tropas e de munições em direcção ao Sul, utilizando comboios de 5000 camiões. Se houver um detector electrónico americano nesta estrada, tais movimentos serão imediatamente confirmados. E, se não se notar qualquer declínio, tornar-se-á evidente que os esforços dos norte-vietnamitas conseguiram embarcar as estatísticas americanas e sul-vietnamitas.

GEORGE MCARTHUR

EXPECTATIVA NA GUERRA DO LAOS

mais avançadas.

É o que se passa em geral ao longo da frente de 1000 km. Parece que a ordem de imobilidade dada por Hanói poderia basear-se na possibilidade de negociações destinadas a pôr fim à guerra da Indochina. A actual frente tornar-se-ia então a linha de cessar-fogo.

Embora seja evidente que a NVA ganharia politicamente se se aguentar o general Von Pao, considerado como o comandante laociano mais agressivo, não fez nenhum esforço para retomar a Planície dos Jarros ao norte, e não tentou repelir os comunistas dos seus quartéis-generais de Lon Chen a 100 km. ao norte do Vietname. No sul, o plano estratégico de Bolovens, completamente perdido pela primeira vez este ano, continua sob o controle da NVA e a cidade de Pakse está em perigo.

As tropas comunistas mantêm o seu avanço. Resta apenas um terço do Laos sob o controlo do Governo. Mas, enquanto o exército real retém ainda as cidades do rio do Mekong, calcula-se que os dois terços da população laociana, de 3 milhões de habitantes apoiam pelo menos nominalmente o rei do Laos na capital de Luang Prabang, assim como o seu primeiro-ministro e todo o Governo.

Ponderaram-se várias hipóteses para explicar a incapacidade ou a relutância dos generais laocianos em procederem ao que naturalmente deveria fazer-se neste momento do ano — seguir as pegadas das tropas da NVA e das unidades Pathete Lao na retirada para os seus quartéis-generais da estação das chuvas.

Os conselheiros americanos,

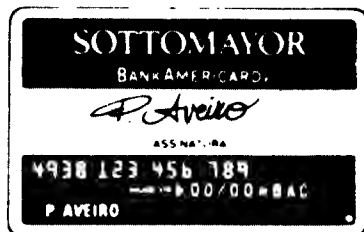
tentando apresentar esta imobilidade como acção positiva, declaram que os generais laocianos não querem atacar sem a protecção aérea americana de que geralmente gozam — e que toda a aviação militar americana está ocupada nos bombardeamentos do Vietname do Norte. Os oficiais da aviação refutam a afirmação de que a sua esquadilha de 400 caças nas bases da Tailândia foi reduzida e declaram: «Estamos prontos a todo o momento, a proteger as operações de combate do Laos».

A explicação mais plausível parece ser o projecto de um reagrupamento de forças do exército leal laociano durante a estação das chuvas arma que «será mais poderosa do que nunca» quando retomar o combate.

JACK FOISIE



compre na BAIXA compre melhor

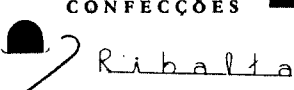


SEJA PRÁTICO! COMPRE COM O CARTÃO SOTTOMAYOR

AS CASAS ASSINALADAS COM =

A C E I T A M - N O

modas e confecções

 A BRUXA MODAS OUTONO-INVERNO Rua da Trindade, 36-C Telef. 328765	MODAS  Gama RUA DOS FANQUEIROS, 141-143 — Lisboa-2 Telef.: 32 78 26	 Ducal Prudêncio & Pereira, Lda. CAMISAS GRAVATAS Rua Aurea, 190-192 — T. 327089	CONFECÇÕES  Ribalta para Homem e Senhora LANIFÍCIOS NOVIDADES Tel. 87 42 53 Rua dos Fanqueiros, 199	 Florex PRONTO A VESTIR CONFECÇÕES DE LUXO Rua dos Fanqueiros, 97-101 Tel. 36 24 62	 meia lua PRONTO A VESTIR MALHAS PARA SENHORA e HOMEM Rua dos Fanqueiros, 261 Tel. 36 12 54
 Casa Enrico Santos MALAS * PASTAS * LUVAS RUA DA PRATA, 234-236 — LISBOA — Salão de exposição e vendas no 1.º andar	 Phoebe CAMISEIROS CHAPELEIROS PRONTO A VESTIR Rua Aurea, 287 Telef. 369153/3221122	Loja da América MALHAS * NOVIDADES * CONFECÇÕES NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR Rua do Ouro, 206-208 — LISBOA			

artigos diversos

GALERIA  SÃO DOMINGOS T. NOVA S. DOMINGOS, 30-32	PASTELARIA «Benard» R. Garrett, 101	 A. M. SILVA (ARMEIRO) RUA DA BÊTESGA, 1 — TELEF. 361313/4/5	A MELHOR CASA DE BRINQUEDOS KERMESSE DE PARIS R. 1.º de Dezembro, 127 Telef. 35031	DISCOS  Fabricantes e editores VALENTIM DE CARVALHO, CI SARL
LENTES ZEISS ORMA 1000 (in- quebráveis) CURVAL (Essel Paris) RAUCH & LOMB, ETC. LENTES DE CONTACTO  Oculista Setenta e Oito Exatidão rápida e perfeita de todo o material médico ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRÁTIS (Apertado com as mais modernas máquinas) Praça dos Restauradores, 78 — Telef. 32 83 98 — LISBOA	BORDADOS DOS AÇORES ARTESANATO E ARTIGOS PARA BRINDE GRANDE VARIEDADE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS CASA REGIONAL DA ILHA VERDE RUA PAIVA DE ANDRADA, 4 (L. do Chiado)	PASTELARIA MARQUES R. Garrett, 72	ALCATIFAS DA FÁBRICA AO PÚBLICO VENDAS DIRECTAS Rua Augusta, 84 — T. 323637	
 INAUGURAÇÃO DO LVIS XV OUTONO DE LUXO Telef. 32 42 59 RUA AUGUSTA, 209-211 — LISBOA	 COSTA BRANCO ARTIGOS DE DECORAÇÃO BALANÇAS — MÉNAGE LISTAS DE CASAMENTO Rua da Assunção, 75 — Tel. 325935	JOQUE NO CAMPIÃO		



CASA AFRICANA

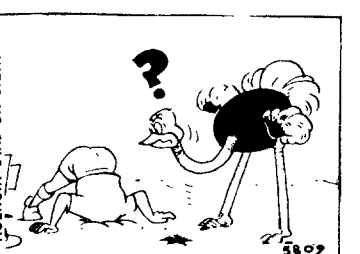
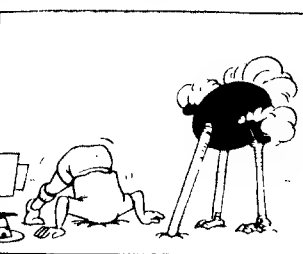
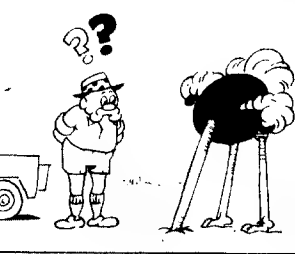
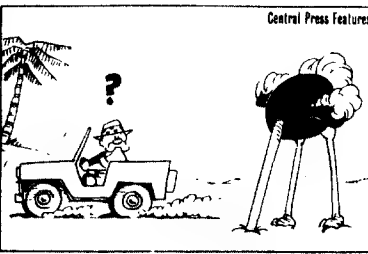
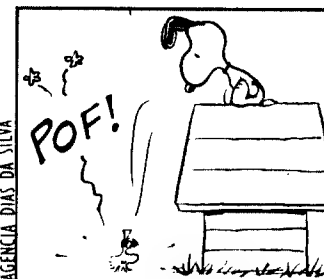
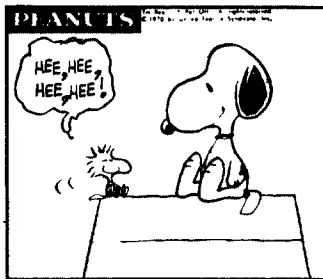
161 RUA AUGUSTA 171

1872 CENTENÁRIO 1972

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM TODAS AS SECÇÕES



Aqui temos Elizabeth Taylor e Richard Burton desempenhando talvez o papel mais detestável da sua vida: é a idade madura, o limiar da velhice, o adeus à beleza e ao vigor...



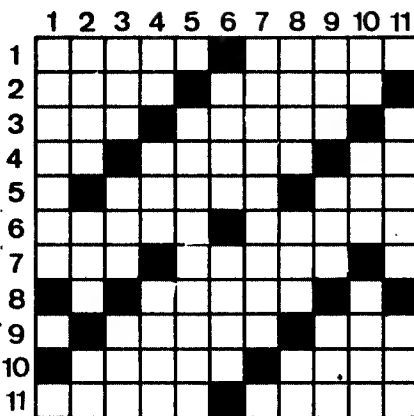
PROBLEMAS DE CRUZADAS

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10212

HORIZONTALS:

1. Além. Pinheiro.
2. Sofreguidão. Capricho.
3. Rei lendário de Tróia. Triste.
4. Sódio (s.q.). Aragem. Preposição.
5. Carvão incandescente. Camareira.
6. Limpe com vassoura (Inv. 9). Congelar.
7. Fecho as asas para descer mais depressa. Anjo da guarda entre os felizes do Rio de Janeiro.
8. Cidade do antigo Egipto nos confins da Etiópia.
9. Fendeis. O mesmo que bonzo.
10. Destinos. Favorece.
11. Desfrutes. Cabelos.



VERTICAIS:

1. Acabais.
2. Grude. Curso de água natural e abundante. Nome de Buda na China.
3. Espádua. Papa de umbu, alimento nas regiões do sertão (Bras). Causa.
4. Vê. Com. da Itália. Secura.
5. Planta da família das sileneáceas também chamada cravina. (pl).
6. Em mais alto grau. Regras.
7. Vistas.
8. O mesmo que ainda. Cidade dos Países Baixos. Preposição.
9. Ninho. Renque. Nome de astro.
10. Tempo do verbo haver. Claridade. Charneca.
11. Comer à ceia. Seguias.

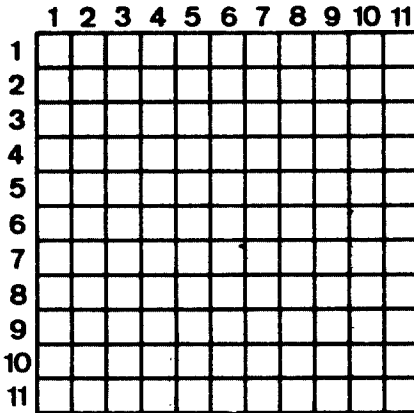
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6368

HORizontais:

1. Encolerizas. Espécie de capitão, netre os antigos povos da Indochina.
2. Tira de couro a que vai preso o cão de caça. Osso do braço.
3. Derribar. Em Macau, bolo de arroz, cuja preparação entram resíduos da destilação do vinho ou de aguardente.
4. Artigo indefinido. Circ. do distrito da Zambézia (Moçambique).
5. Medida argelina usada na venda dos cereais e que vale 48 litros. Acrescente.
6. Unhas. Delicada.
7. Associação ou confraria cristã na Índia. Pelos de certos animais. Prefixo que designa afastamento.
8. Província industrial da Bélgica.
9. Luz da. Nome de flor.
10. Cidade da Alemanha. Vaqueiras.
11. Vãs. Fundador do Islamismo.



VERTICAIS:

1. Tenebrosa. Província setentrional da Pérua, nas costas do mar Cáspio.
2. Enguia. Sadio. Nome da 6.ª LETRA DO ALFABETO HEBRAICO.
3. Retrocer. Cidade da Alemanha.
4. Requite ou cordão metálico que guarnece, pela frente, uma peça de vestuário, de um lado a outro da abotoadura. Superfície plana delimitada.
5. Nome de mulher. Naquele lugar. Nosso Senhor. (abrev.)
6. Nome de mulher.
7. Espécie de avestruz (Bras). Membro de ave. Preposição.
8. Metem em mala. Dá urros.
9. Província da Arábia Saudita. Cacete. (Prov.).
10. Fava pequena usada como condimento (Bras). Ilha do estado da Baía. Figura que simboliza o povo americano.
11. Triturar. Queime.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10211

HORizontais:

1. Um. Sopas. Já.
2. Rim. Mal. Bar.
3. Raer. Mine.
4. Ortopedista.
5. Saima. Arões.
6. Lar.
7. Nunca. Gotas.
8. Irias. Árabe.
9. Croa. Orar.
10. Has. Vem. III.
11. Os. Sarar. Só.

VERTICAIS:

1. Urros. Nicho.
2. Miara. Urras.
3. Meti. Nios.
4. Rom. Caá.
5. Om. Palas. Vá.
6. Pape. Per.
7. Al. Darga. Má.
8. Mir. Oro.
9. Biso. Tari. 9
10. Jante. Abais.
11. Áreas. Sério.

PROVÉRBO: Um mal nunca vem só.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6267

HORizontais:

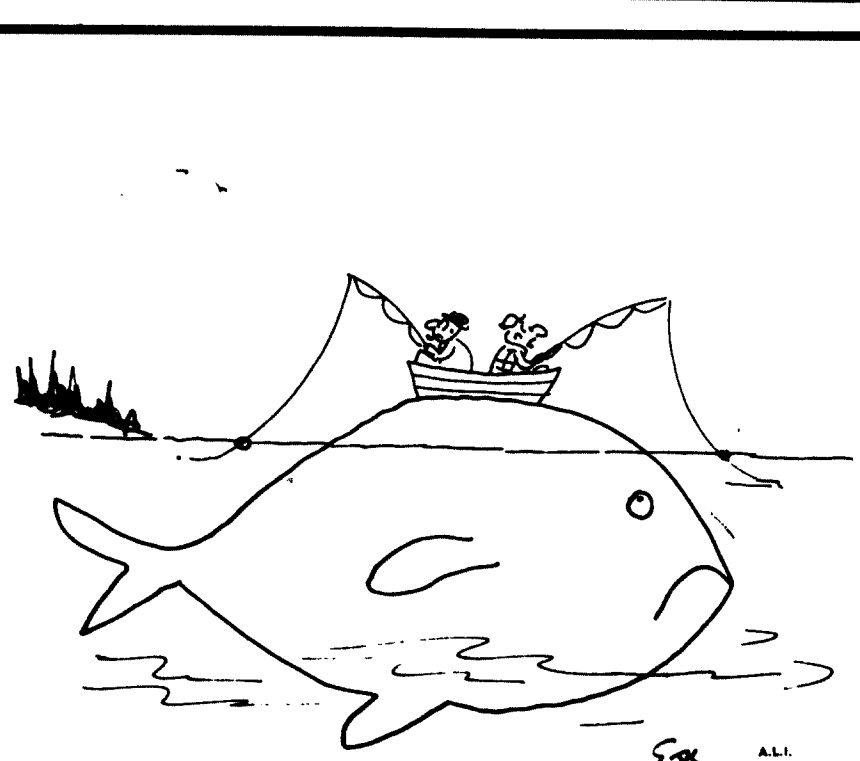
1. Afã. Aer. Avá.
2. Secam. Emden.
3. Lama. Mais.
4. Bendito.
5. Abisara. Te.
6. Sem. Ara. Ari.
7. Luar. Raxa.
8. Fira. Riga.
9. Açó. Cem. Lás.
10. Oh! Crime. VI.
11. Negro. Curar.

VERTICAIS:

1. As Cãs. Faon.
2. Fel. Beliche.
3. Acab. Muro.
4. Amei. Aa. Cr.
5. Amansar. Cró.
6. Dar. Rei.
7. Remirar. MMC.
8. Mata. Ar. Eu.
9. A Adio. Axil.
10. Vês. Tragava.
11. An. Lei. Asir.



— Não sei em qual de nós ele está interessado, Branquinha, mas o melhor é pormo-nos ao fresco!



se queres a minha opinião, acho que não há um só peixe vivo no lago!

FULCROS DO DEBATE ENTRE NIXON E MCGOVERN

WASHINGTON — Sempre que o partido no poder perdeu uma eleição presidencial nos Estados Unidos no decurso da última geração, estava em causa uma importante questão de carácter militar.

O General Dwight Eisenhower bateu o democrata Adlai Stevenson, sucedendo ao Presidente Harry Truman, com a ajuda da sua promessa de ir pessoalmente à Coreia em busca da paz. John F. Kennedy prejudicou o seu rival republicano, o vice-presidente Richard Nixon, com a acusação de que os republicanos estavam a permitir que o fosso dos mísseis aumentasse. O programa não especificado de Nixon para a paz no Vietname ajudou-o a derrotar H. Humphrey, relutante em romper com a política de guerra do presidente Lyndon B. Johnson.

Presentemente o senador George McGovern está a transformar a controvérsia sobre a defesa na pedra de toque de outra campanha presidencial. Uma campanha à escala nacional revelou que a sua promessa de reduzir drasticamente as despesas com a defesa constitui o

dados estacionados em bases estrangeiras, reduzir o número de homens no activo, afrouxar o ritmo de modernização das forças estratégicas e rejeitar a aquisição de novas armas actualmente em fase de aperfeiçoamento.



A administração Nixon discorda de McGovern praticamente em todas as questões por ele abordadas. Numa atitude reveladora da gravidade com que encara o desafio, Nixon serviu-se do primeiro discurso da sua campanha para denunciar o programa de defesa de McGovern.

Para já, é evidente que o debate entre os candidatos sobre

a defesa. É ilusório julgar a vontade nacional pela importância dos recursos reservados à defesa. É ruinoso e inútil fabricar armas como «trunfos» destinados a serem usados em negociações com a União Soviética.

Nixon — O orçamento da defesa deste ano, como percentagem das despesas federais, atinge o seu nível mais baixo desde antes da Segunda Guerra Mundial. Já se têm verificado cortes substanciais desde o ponto culminante da guerra do Vietname, mas as economias foram já absorvidas por 6200 milhões de dólares em inflação e 16 300 milhões de dólares no aumento dos vencimentos do pessoal militar.

Se os Estados Unidos fizeram reduções importantes nas suas forças armadas como McGovern preconiza a União Soviética não terá qualquer incentivo para negociar acordos de limitação mútua dos armamentos. Os cortes recomendados por McGovern resultariam apenas num aumento de 3 por cento de outras despesas públicas, ou poderiam significar uma redução de 3 por cento nos impostos, ou ainda um aumento de 1 1/2 por cento nos salários



McGovern procura o apoio do aparelho tradicional...



Nixon cultivando as novas gerações...

seu mais forte argumento contra a administração Nixon.

Em resumo, o candidato do partido democrático disse que, por volta de 1975, perto de 30 000 milhões de dólares poderão ser economizados no orçamento do Pentágono, reduzindo as despesas, que já andam pelos 75 000 milhões de dólares, para 54 800 milhões.

Com esse objectivo, propõe-se repatriar milhares de sol-

a defesa nacional não se limitará a uma questão central, incidindo pelo contrário sobre várias:

DESPESAS

McGovern — Os Estados Unidos não podem verdadeiramente alterar as suas prioridades no sentido das necessidades domésticas urgentes sem cortes substanciais nas despesas com

líquidos.

TROPAS

McGovern — Repatriaria 170 000 dos 300 000 soldados americanos estacionados na Eu-

apenas para grandes amadores e fotógrafos profissionais

A CAMARA SUPREMA

à venda somente nos especialistas NIKON

ropa. Os restantes 130 000 seriam suficientes para constituir uma importante contribuição militar no começo de um conflito e simbolizarem o compromisso americano não só na Europa, mas também no Médio Oriente. A redução contribuiria substancialmente para aliviar os problemas da balança de pagamentos dos Estados Unidos.

O exército seria reduzido de 13 divisões de combate para 10, e os «marines» de três para duas. A força aérea variaria os seus efectivos reduzidos em três unidades aéreas tácticas, a marinha sete e os corpos da marinha um.

Nixon — As tropas americanas não podem ser retiradas da Europa, a menos que seja assinado um acordo prevendo igualmente a redução das forças do Pacto de Varsóvia. Uma retirada unilateral dos Estados Unidos seria o fim de todas as probabilidades de um acordo com a União Soviética nesse sentido e suscitaria uma crise de confiança entre os aliados dos Estados Unidos.

As substanciais reduções nas forças armadas deixariam os Estados Unidos inadequadamente preparados para a guerra limitada e não nuclear, colocando-os na perigosa posição de confiarem mais nas suas forças de dissuasão nucleares. McGovern, embora admitindo que a China e a União Soviética continuarão a mostrar-se hostis aos Estados Unidos, é demasiadamente optimista nos seus cálculos sobre a situação mundial. Comete também o erro de julgar — com optimismo — as intenções destes adversários potenciais em vez de as suas possibilidades.

para substituir o sistema «Polaris-Poseidon». Retiraria também os restantes 54 «Titan II» (ICBM) do arsenal do Comando Aéreo Estratégico.

Nixon — Os Estados Unidos devem não só prosseguir a instalação de ogivas múltiplas, mas também apressar o desenvolvimento do novo submarino «Trident», para a próxima década, quando os «Polaris» se tiverem tornado obsoletos e, talvez, susceptíveis de detecção pelas forças antisubmarinas soviéticas.

Exclusivo

«THE LOS ANGELES TIMES»/«DL»

BOMBARDEIROS

McGovern Reduziria a actual força de cerca de 500 «B-52» e «F-111» para 200 e interromperia o desenvolvimento do bombardeiro estratégico «B-1» destinado a substituir o «B-52».

O «B-1», na opinião de McGovern, não representa um progresso suficiente em relação ao «B-52», além de custar cerca de 35 milhões de dólares por unidade.

Preconiza o estudo de um avião de tipo diferente, um aparelho estratégico susceptível de permanecer a alguma distância dos alvos e atacar com mísseis.

Nixon — O «B-1», constitui um dos projectos a que os planos de defesa da administração concedem maior prioridade. Dado que os «B-52» do modelo mais recente têm actualmente 10 anos de idade, a administração considera vital um novo bombardeiro para os anos 80 e seguintes.

O «B-52» estava inicialmente projectado para atacar os alvos

a grande altitude, mas um radar extremamente aperfeiçoado e mísseis terra-ar aconselharam que a aproximação se fizesse a baixa altitude. O «B-1» foi projectado tendo em consideração este facto. Destina-se também a descolar em metade do tempo necessário para um «B-52» dando ao «B-1» muito mais probabilidades de sobreviver a um ataque de surpresa pelos submarinos soviéticos armados de mísseis.

AVIAÇÃO

McGovern — Além de reduzir o número de porta-aviões, McGovern cancelaria o projecto da marinha relativamente ao avião «F-14». A marinha considera o «F-14» objecto de controvérsia por causa dos elevados custos, o seu custo de batalha para o futuro, destinado a substituir o «F-4 Phantom».

Em lugar do «F-14», McGovern recomenda um avião mais simples e menos dispendioso, equipado principalmente com armamento ar-terra, e que não se destine a travar combate a curta distância com os jactos inimigos.

Simultaneamente, preconiza o abandono do novo caça «F-15», da força aérea e a sua substituição por um avião menos complicado possivelmente outra versão simplificada do «F-4».

Recomenda igualmente o abandono do caça de apoio aéreo e descolagem vertical do corpo da marinha.

Nixon — O «F-14» é vital para a marinha porque o seu sistema de mísseis «Phoenix» lhe permitirá atacar bombardeiros inimigos, navios e mísseis a longa distância, afirma o presidente. O «F-4», embora seja o melhor avião de caça jamais concebido, representa uma tecnologia que foi ultrapassada pelos acontecimentos, dizem membros da administração. Por outro lado, insistem em que o «F-15» é necessário caso a força aérea deva conservar a superioridade nos céus, quando o «Mig-23» ou «Foxbat», for lançado na luta.

Externato
Sebastião da Gama
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO

Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531

(Em frente da Cervejaria Portuguesa)

Díário de Lisboa



HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS



PARTICIPE NA NOVA INICIATIVA

QUE O "DIÁRIO DE LISBOA" VAI LEVAR A CABO

COM O PATROCÍNIO DO CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

A nova iniciativa do «Diário de Lisboa» não é um concurso porque se destina unicamente a distribuir 1.800.000\$00 de livros pelos leitores do jornal sem que eles tenham de concorrer uns contra os outros. Trata-se, por outras palavras, de uma iniciativa concebida em moldes inéditos porque os leitores do jornal, para se habilitarem aos prémios instituídos, apenas tem de se inscrever como leitores do «Diário de Lisboa», e de provar no caso de lhes ser atribuído um prémio que continuaram a ler regularmente o jornal. Como se vê não há nada de mais simples do que participar nesta

iniciativa que tanto interesse está a despertar em todo o País e que é considerada extraordinária tanto pelo valor dos prémios instituídos como pela sua qualidade.

Nunca, em Portugal, se levou a cabo uma iniciativa com a dimensão e os objectivos desta que o «Diário de Lisboa», agora promove com o patrocínio do Crédito Predial Português e a colaboração de alguns dos principais editores portugueses.

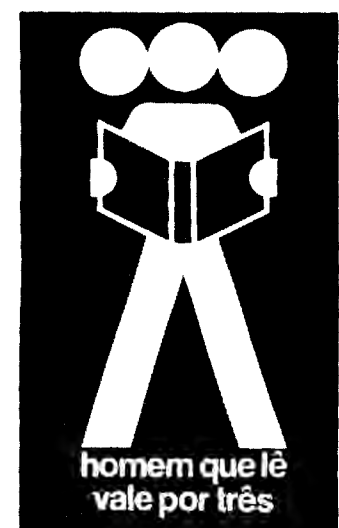
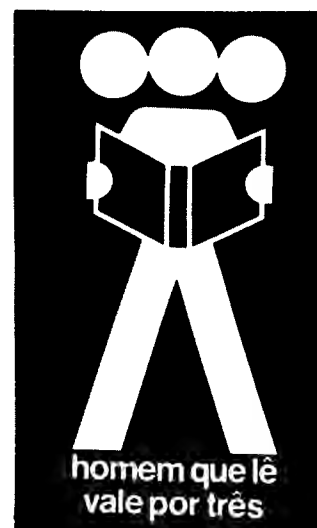
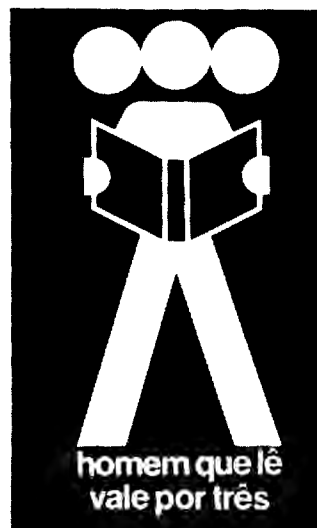
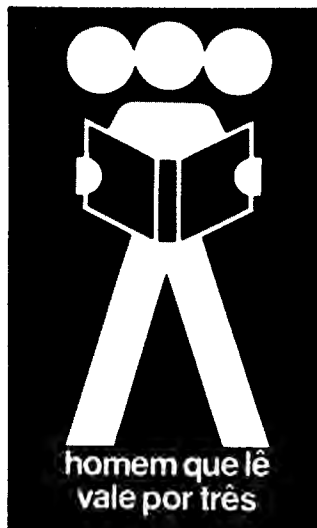
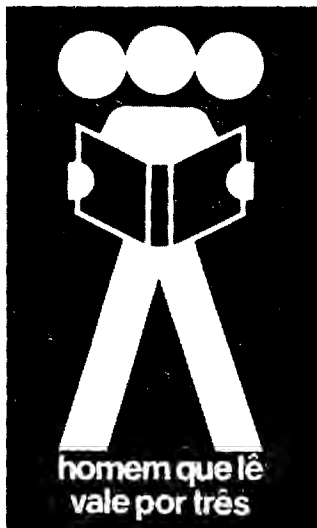
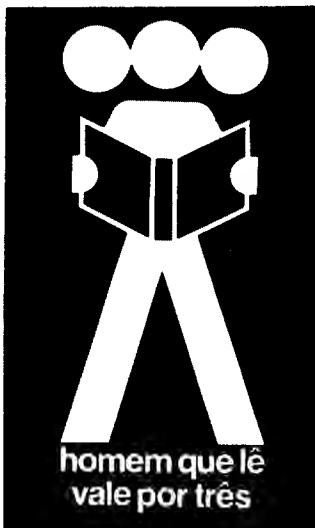
Nunca, em Portugal, tanta gente teve a possibilidade de enriquecer a sua vida de uma forma tão positiva com tão pouco esforço.

A aquisição de uma biblioteca é, para muitos, um

sonho ainda irrealizável que esta iniciativa vai possibilitar contribuindo assim para o elevamento do nível de vida dos portugueses. Mil leitores do «Diário de Lisboa» vão adquirir colecções de valiosíssimos livros cuidadosamente seleccionados. — V. pode ser um deles!

Mil leitores do «Diário de Lisboa», vão enriquecer as suas vidas e as vidas dos seus introduzindo livros nos seus lares ou aumentando, sem qualquer dispêndio, as suas bibliotecas. — V. pode ser um deles!

Mil portugueses vão ficar mais ricos e, portanto, maiores devido a este concurso em que todos podem participar — V. pode ser um deles!



REGULAMENTO DO CONCURSO

1.º — O concurso destina-se a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes em Portugal Continental, Insular e Ultramarino que estejam ou venham a estar inscritos nos nossos arquivos, como «Leitores do Diário de Lisboa» (salienta-se que encerramos o concurso da segunda fase com 78.048 leitores inscritos e catalogados em nossos arquivos por ordem alfabética). Os leitores que ainda não tenham inscrição e o queiram fazer, terão que enviar pelo correio ou entregar pessoalmente nos nossos serviços, o cupão de identificação, a publicar com frequência no nosso jornal, onde obrigatoriamente, deverá inscrever: Nome, morada e localidade onde reside e facultativamente: profissão e telefone. Também facultativamente o concorrente poderá juntar ao seu cupão de identificação um selo de 1\$00 (um escudo) que se destinará ao envio de um cartão que o identifica como «Leitor do Diário de Lisboa».

a) — Os leitores já inscritos, que tenham mudado de residência, devem preencher novo cupão, com a sua nova morada e enviá-lo aos nossos serviços administrativos à rua Castilho, 185, 1.º, Lisboa.

2.º — Esta terceira fase da iniciativa compreenderá um sorteio, a realizar na seguinte data: 14 de Dezembro de 1972, com tantos concorrentes premiados, quantos os prémios

instituídos e com quatro suplentes para cada premiado. O sorteio realizar-se-á às 18 horas do dia acima indicado.

3.º — Sem prejuízo do que fica estabelecido na alínea a) do Art. 1.º o leitor já inscrito, não deve enviar nova inscrição, pois para o efeito do sorteio, somente se considerará um único cupão na respectiva ordem alfabética. No caso de qualquer leitor mandar mais de um cupão, só será considerado o que primeiro deu entrada nos nossos serviços e portanto já colocado na ordem alfabética.

4.º — A verificação do item 3.º será feita através de um cadastro geral dos concorrentes por ordem alfabética e que terão uma NUMERAÇÃO A ENCARNADO, INTERNA para o efeito do sorteio, nada tendo esta numeração com o número de identificação de «leitor do Diário de Lisboa».

5.º — Estabelece-se que o leitor, para poder entrar na posse do prémio que lhe couber em sorteio, terá que, obrigatoriamente, coleccionar os «cabeçalhos» da primeira página do «Diário de Lisboa» contendo o título do jornal e a respectiva data, em quantidade correspondente ao total de publicações efectuadas pelo «Diário de Lisboa» no período do concurso, ou seja, de 9 de Outubro de 1972 a 22 de Novembro de 1972. Será permitida uma margem de faltas, de

6 (seis) «cabeçalhos» dos publicados durante o concurso.

6.º — A verificação a que se refere o item 5.º, será feita por um delegado do jornal na residência dos premiados ou nos serviços administrativos do «Diário de Lisboa», pois todos os concorrentes premiados serão informados por carta com aviso de recepção e terão de apresentar ao delegado do jornal na sua residência ou entregar nos nossos serviços pelo correio ou pessoalmente os «cabeçalhos» correspondentes ao período do concurso dentro dos seguintes prazos: a contar da data do recebimento da comunicação de que foi premiado:

a) — Portugal Continental 5 dias; Insular 10 dias; Ultramarino 15 dias.

7.º — No caso de um ou mais concorrentes premiados, não terem coleccionado o número suficiente de «cabeçalhos» (considerando-se o número de faltas permitidas no item 5.º) ou não os enviarem aos nossos serviços dentro dos prazos estabelecidos na alínea a) do item 6.º o prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio, desde que este evidentemente, possua e apresente o número de «cabeçalhos» determinados e dentro dos prazos igualmente estipulados na alínea a) do item 6.º. Se este primeiro suplente não satisfizer as condições obrigatórias, o primeiro

suplente será eliminado e o prémio passará para o segundo suplente e assim sucessivamente até ao quarto suplente, seguindo-se o mesmo critério de apuramento acima referido.

8.º — Um leitor concorrente somente poderá receber um prémio, não havendo portanto repetição de premiados. A ordem da extração dos prémios, inicia-se com o primeiro prémio e assim sucessivamente até ao último.

9.º — O sorteio realizar-se-á através de esferas numeradas de 0 a 9 (Zero a nove) contidas em dois recipientes a esse fim destinados contendo um, a unidade, dezena e centena e o outro a unidade, dezena e centena de milhar, deles se extraíndo tantas esferas quantas as necessárias para a formação de números que identificarão os cupões premiados.

10.º — Com os cupões nos nossos arquivos de «Leitor do Diário de Lisboa» estão em ordem alfabética, a fim de não haver repetição de nomes, serão estes para efeito de sorteio numerados a encarnado internamente a partir do número 1.001 (mil e um) e da primeira à última letra da ordem alfabética do nosso arquivo.

11.º — As operações de apuramento dos concorrentes (através dos cupões existentes e dos recebidos durante a iniciativa) será feita nos serviços administrativos do «Diário de Lisboa», à Rua Castilho, 185-1.º

Lisboa.

12.º — Estas operações de apuramento deverão verificar-se nos cinco dias anteriores à realização do sorteio e sempre às 18 horas.

13.º — Os prémios, deverão ser reclamados no prazo de seis meses, a contar da data da realização do sorteio, nos serviços administrativos do «Diário de Lisboa», diariamente das 9,30 às 12,30 e das 14,30 às 17,30 horas, com excepção dos sábados e domingos.

14.º — No caso dos prémios não serem reclamados ou não tenham feito a devida prova de entrega no prazo estipulado, propõe-se que os mesmos que não constituídos por obras literárias e colecções de livros, oferecidos graciosamente pelos seus editores, sejam entregues ao Exm.º Governador Civil, que os destinará a um estabelecimento de assistência, dentro de 30 dias a contar do termo daquele período.

15.º — A publicidade do concurso será feita através do «Diário de Lisboa», Rádio Renascença, Rádio Club Português e Cartazes.

16.º — A requerente obriga-se a fazer anunciar, nas páginas do «Diário de Lisboa» o nome e morada dos premiados, bem como o último dia do prazo em que os prémios devem ser levantados, logo após a sua determinação, repetindo o anúncio entre o 10.º

e o 5.º dias imediatamente anteriores ao final do prazo referido, relativamente aos premiados que até lá não tenham levantado os seus prémios.

17.º — A requerente compromete-se a apresentar nesse Governo Civil até ao terceiro dia útil seguinte ao prazo referido no item 13.º a declaração dos premiados, com assinatura reconhecida notarialmente, comprovativa do recebimento dos prémios.

18.º — A requerente compromete-se a apresentar nesse Governo Civil, a confirmação por escrito, com a antecedência de cinco dias úteis em relação às operações respectivas, as datas destas e, bem assim a identificação do seu representante nas mesmas operações.

19.º — Os leitores podem inscrever-se até ao dia 18 de Novembro de 1972, a 4 dias do encerramento do concurso, mandando os cupões de inscrição embora para terem direito a receber prémios que lhes couber por sorteio, tenham que apresentar o número de «cabeçalhos» exigidos no item 5.º.

20.º — A requerente compromete-se a não aumentar o preço do jornal por motivo da realização deste concurso.

21.º — As despesas que possam vir a verificar-se pelas transferências dos prémios para os premiados, são de conta destes.

TUDO A GANHAR NADA A PERDER

Participando na nova iniciativa do «Diário de Lisboa», V. não perde tempo a preencher cupões ou a recortar jornais.

Participando na nova iniciativa do «Diário de Lisboa», V. pode ganhar uma colecção de livros valiosos que poderia levar anos a juntar.

Participando na nova iniciativa do «Diário de Lisboa», V. contribui activamente para o enriquecimento do seu lar aumentando a sua biblioteca ou criando as bases de uma futura biblioteca.

Participando na nova iniciativa do «Diário de Lisboa», V. contribui activamente para o enriquecimento do seu filhos habituando-os a ler e a contar com livros.

Participando na nova iniciativa do «Diário de Lisboa», V. enriquece a sua vida porque se habilita a adquirir livros — os amigos fiéis que o acompanharão todos os dias.

Participando na nova iniciativa do «Diário de Lisboa», V. aumenta os seus horizontes porque se habilita a

adquirir livros que o ajudarão a compreender melhor os homens e o mundo.

Participando na nova iniciativa do «Diário de Lisboa», V. tornar-se-á mais rico porque se habilita a adquirir livros que o auxiliarão a interpretar os acontecimentos e a compreender o que se passa à sua volta.

Participando na nova iniciativa do «Diário de Lisboa», V. não fará qualquer dispêndio porque apenas terá de coleccionar os cabeçalhos do seu jornal.

O QUE VOCÊ TEM DE FAZER PARA SE HABILITAR AOS PRÊMIOS

A nova iniciativa do «Diário de Lisboa» destina-se aos leitores habituais deste jornal que estejam inscritos como leitor do «Diário de Lisboa», nos seus arquivos. Para um leitor do jornal se inscrever como leitor do «Diário de Lisboa», basta-lhe preencher o cupão que abaixo publicamos, recortá-lo e enviá-lo a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa.

Em troca do envio deste cupão devidamente preenchido, o remetente receberá o seu «bilhete de identidade de leitor do «Diário de Lisboa», que serve de comprovativo da inscrição e que deverá ser usado para identificar o leitor no caso de lhe ser atribuído um prémio.

Uma vez na posse do seu «bilhete de identidade», o leitor fica automaticamente habilitado aos prémios, bastando-lhe coleccionar os cabeçalhos dos jornais que saírem durante o período da iniciativa para os enviar ao jornal, ou para os mostrar a um seu funcionário, conforme o que lhe for pedido. No que se refere a esta colecção, esclarece-se que o regulamento do concurso concede aos participantes uma tolerância de seis exemplares. Para

este efeito, portanto, considera-se que as colecções estão completas desde que lhes não falem mais de seis cabeçalhos dos jornais saídos durante o período de duração da iniciativa.

Como é do conhecimento geral, os leitores já inscritos como leitores do «Diário de Lisboa», no decorrer das iniciativas anteriores do jornal, não carecem de voltar a inscrever-se para participarem nesta.

Uma vez inscrito, o leitor do «Diário de Lisboa» nunca mais perde essa qualidade e fica automaticamente habilitado a participar em todas as iniciativas do jornal sem que tenha de voltar a preencher qualquer cupão. Chamamos, porém, a atenção dos leitores que se encontrem nesta situação para o facto de que esta regra não se aplica aos que tiverem mudado de residência desde a sua inscrição. Estes, para não perderem os seus direitos de leitores do «Diário de Lisboa», deverão preencher novamente cupões de inscrição indicando as suas novas moradas e indicando no cupão que este se destina a substituir o antigo.



LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

3.ª FASE

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____ TEL: _____

PROFISSÃO: _____

Os leitores já inscritos que tenham mudado de residência, para concorrerem a esta 3.ª fase, têm obrigatoriamente de renovar a sua inscrição preenchendo este cupão e indicando que ele se destina a substituir o anterior. Para o fazerem basta-lhes indicar a sua morada antiga na linha que segue

Os Leitores que ainda não estejam inscritos preenchem somente a parte de cima.

ATENÇÃO

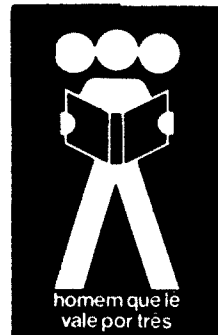
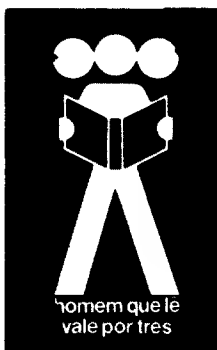
1.º Se já se inscreveu como leitor do «Diário de Lisboa» no decorrer de qualquer das iniciativas que este jornal já dedicou aos seus leitores e não mudou de residência desde a sua inscrição, não deve preencher este cupão porque já é leitor do «Diário de Lisboa» e já está, portanto, habilitado aos prémios instituídos para a nova iniciativa desde que, a verificar-se a hipótese de ser premiado, tenha em seu poder

uma colecção dos cabeçalhos dos jornais que saírem durante o período de duração da iniciativa.

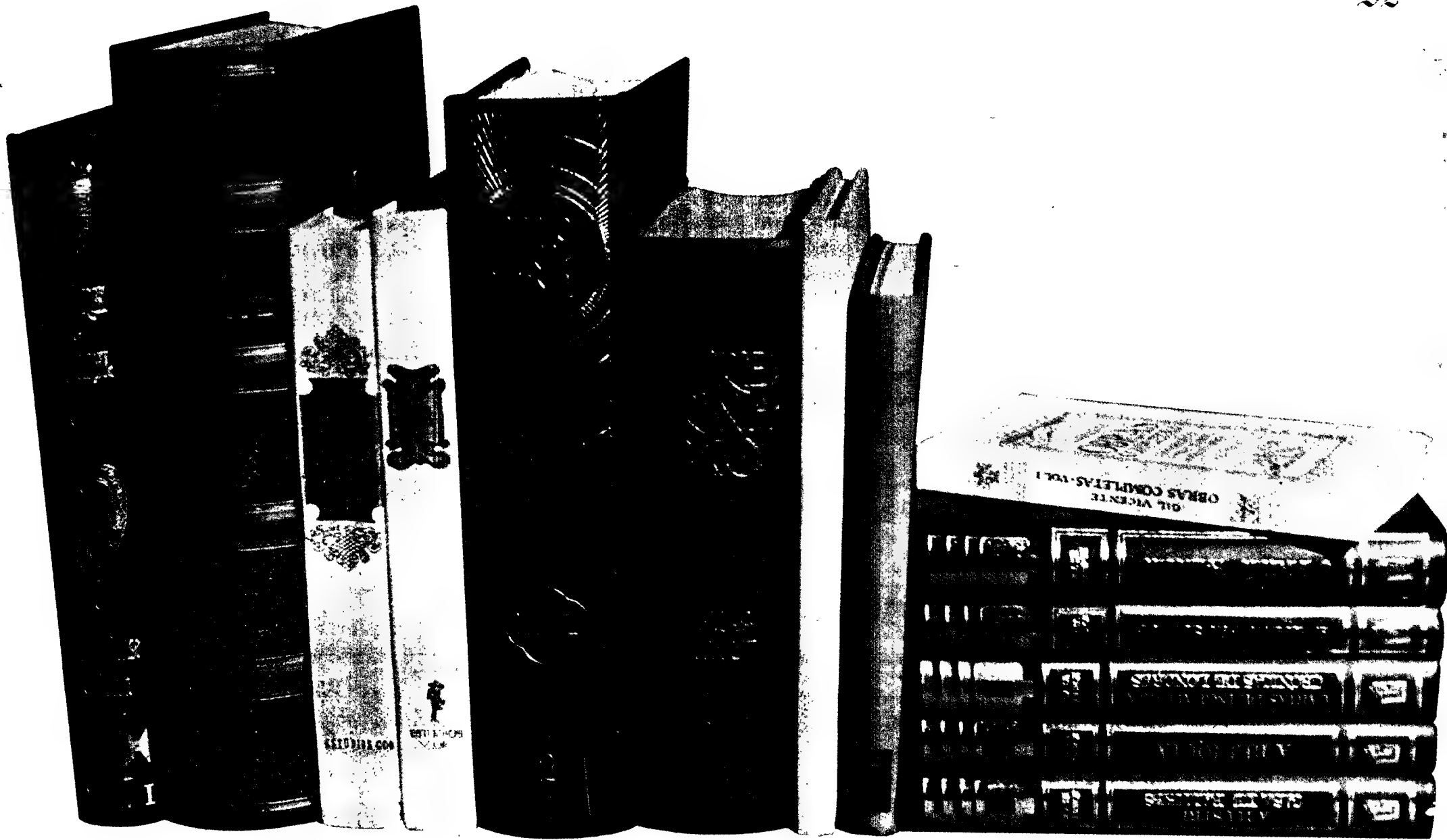
2.º Se já se inscreveu como leitor do «Diário de Lisboa» no decorrer das iniciativas anteriores mas mudou de residência depois da sua inscrição deve preencher novamente este cupão indicando no mesmo que ele se destina a substituir

o anterior. Para isso, basta-lhe escrever no cupão a palavra «substituição».

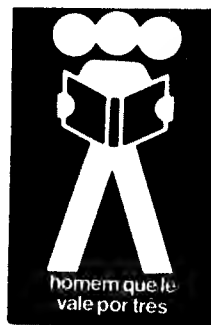
3.º Se nunca se inscreveu como leitor do «Diário de Lisboa», e deseja aproveitar esta oportunidade, deve preencher este cupão, recortá-lo e enviá-lo a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa.



O bilhete de identidade de leitor do «Diário de Lisboa»; que os leitores receberão em troca do envio dos seus cupões



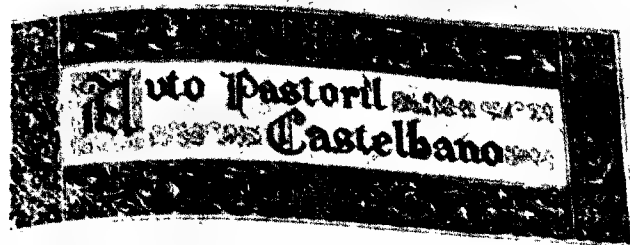
homem que lê
vale por três



homem que lê
vale por três



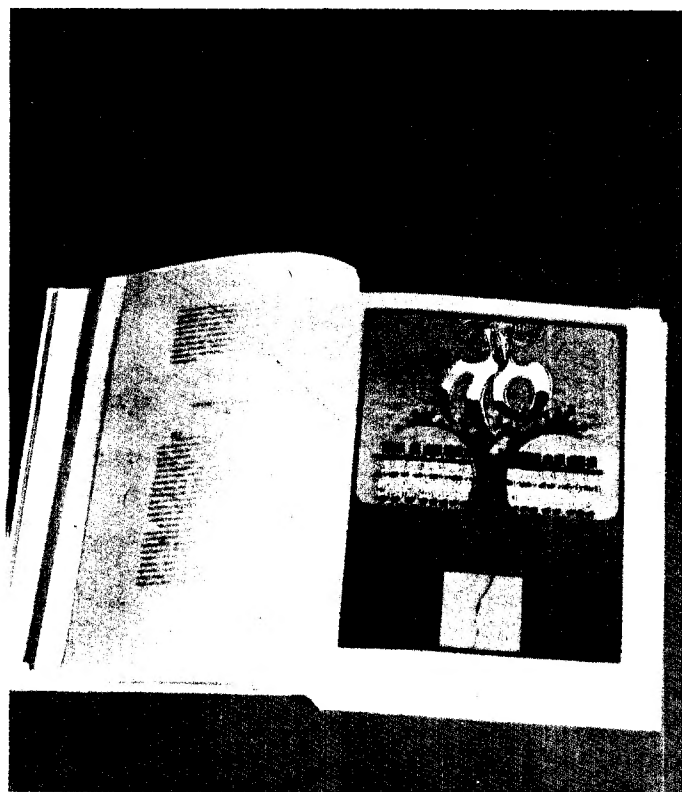
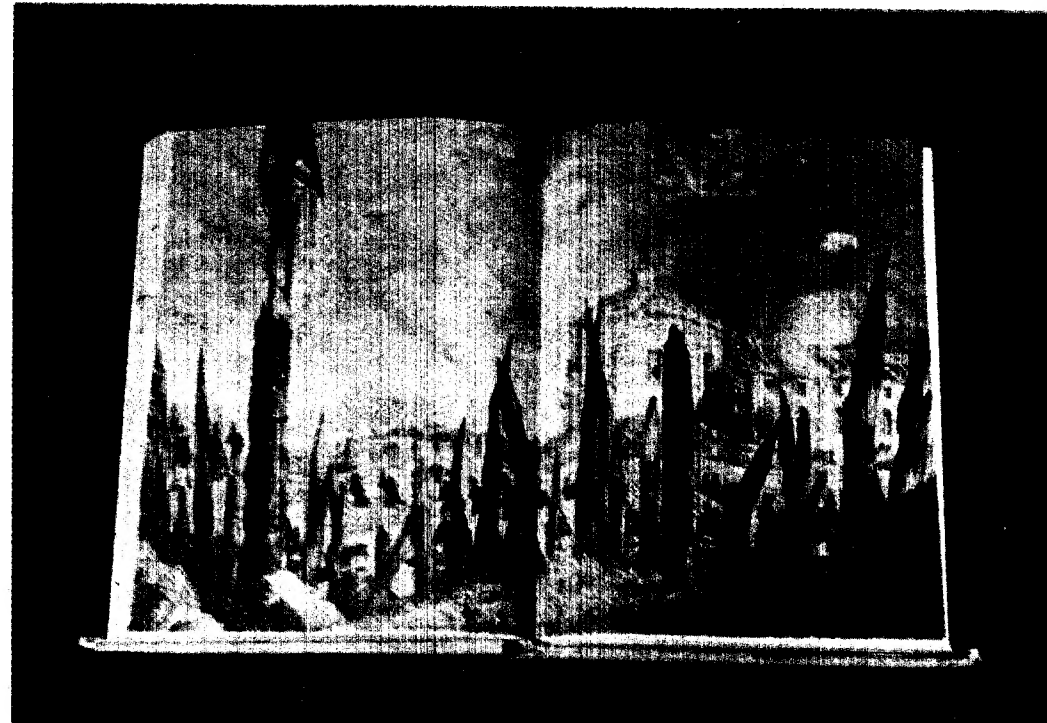
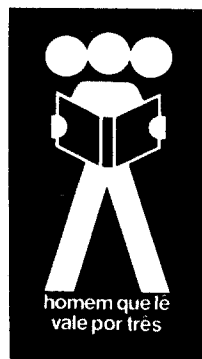
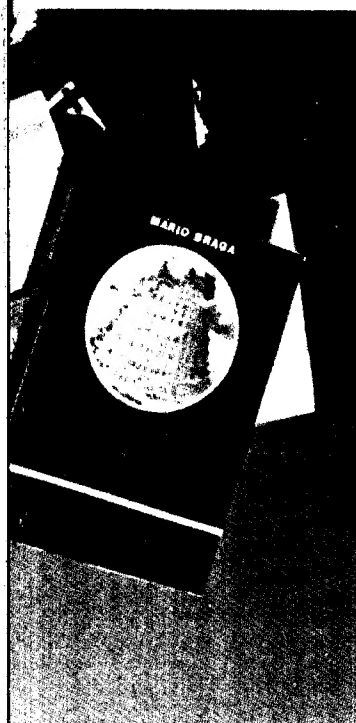
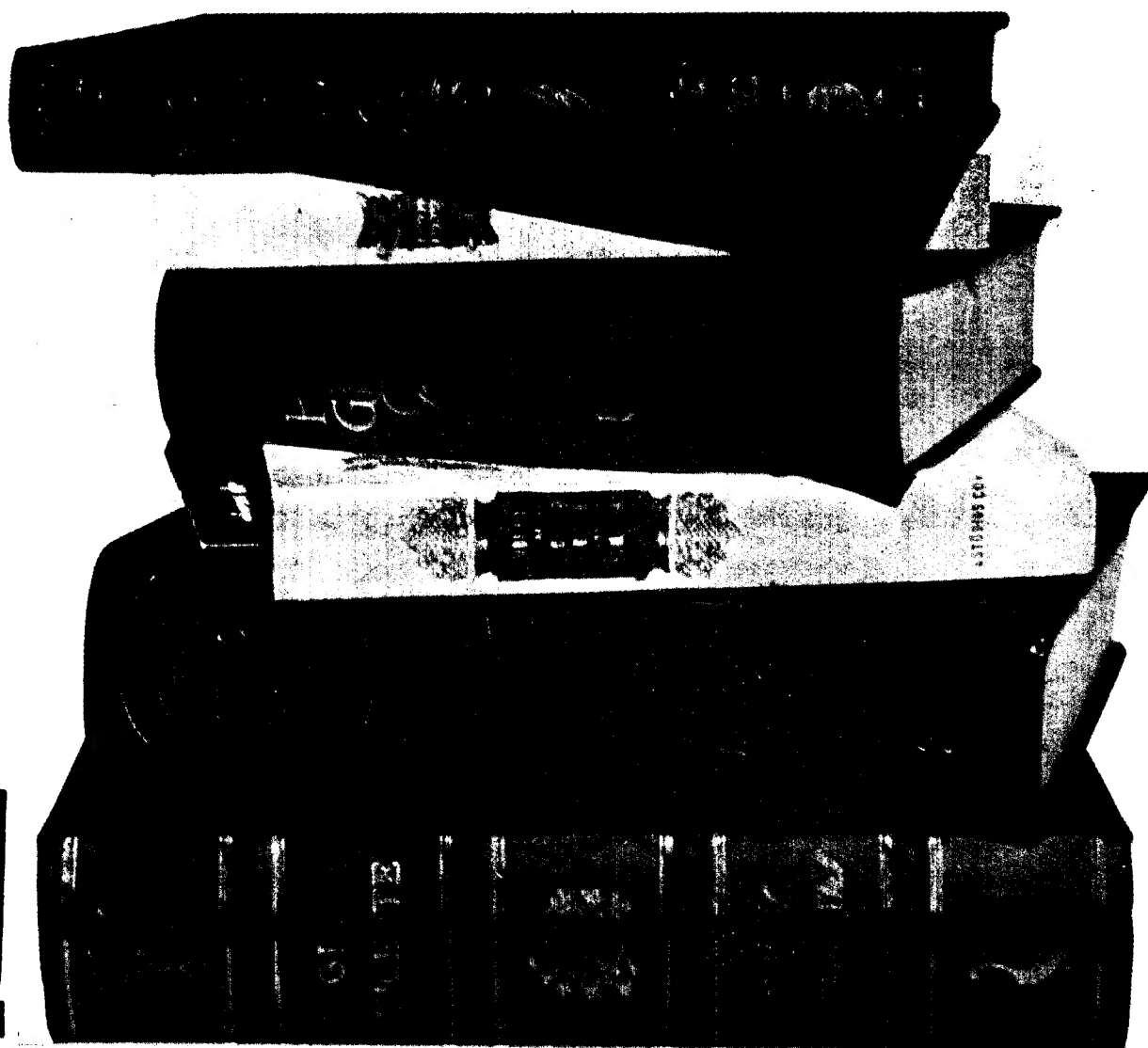
homem que lê
vale por três



NIRA primeiramente hum pastor inclinado à vida contemplativa, & anda sem
per actuario. Entra outro, que o reprende disso. E porque a obra em si,
dali adiante, voy muy dedicada, nam ...



EXEMPLOS!
EXEMPLOS!
EXEMPLOS!



ABRIMOS

no dia 25 de Setembro

7 novas agências
2 novas dependências

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

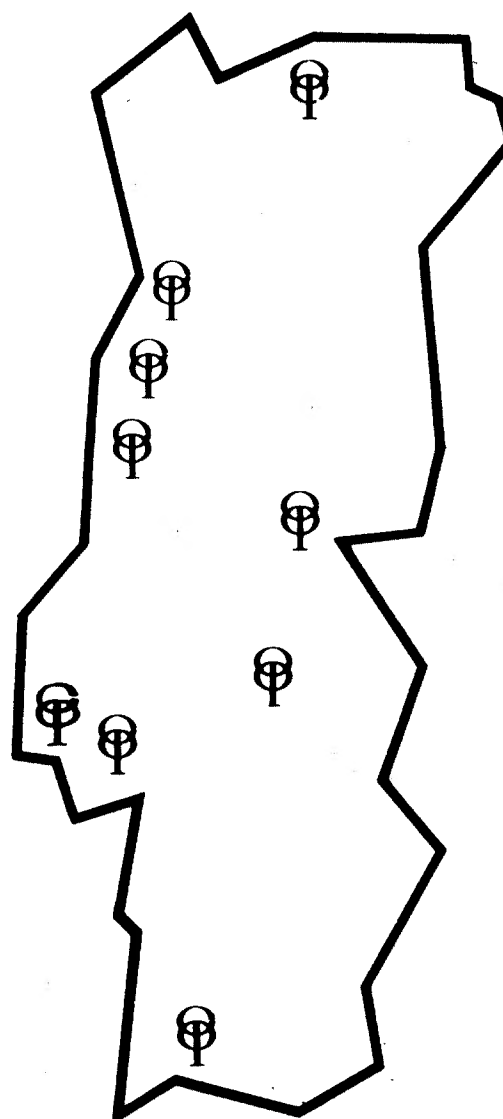
TRABALHA AGORA PARA SI DE

TRAS-OS-MONTES ao ALGARVE

já em

**MONTALEGRE
GONDOMAR
PAÇOS DE BRANDÃO
ESTARREJA
FUNDÃO
AVIS
LAGOA
e
BRAAMCAMP
XABREGAS**

brevemente no
ESTORIL



DEPÓSITOS À ORDEM
ATÉ 50 CONTOS

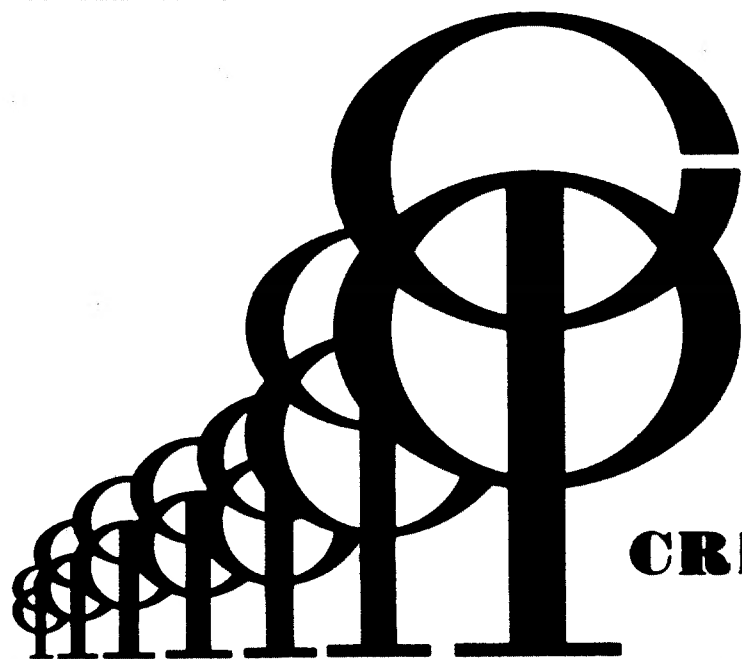
3%

DEPÓSITOS ATÉ
181 DIAS

5,25%

DEPÓSITOS A MAIS
DE UM ANO

5,75%



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

UM BANCO VIRADO AO FUTURO

OS PRÊMIOS

1 800 000\$00 de livros distribuídos por mil Prêmios!

Mil colecções de valiosíssimos livros editados por alguns dos mais reputados editores portugueses! Obras completas, dicionários, enciclopédias! Ficção, poesia, técnica, história, etc...

Não nos é possível, publicar a lista de todos os

livros que fazem parte da lista dos prêmios. As oito páginas deste suplemento não chegariam para isso... Os leitores, porém, poderão fazer uma ideia da qualidade e do valor destes livros pela lista dos editores que colaboram nesta iniciativa levada a cabo pelo «Diário de Lisboa», com o patrocínio do Crédito Predial Português. Estes editores são: a Editorial Minerva, a Livraria Civilização, Moraes Editores, os Estúdios Cor, a Lello Irmão, as Publicações Europa-América, os Livros Horizonte, a Editorial Inova, a Prelo Editora, a Editorial Presença, a Livraria Bertrand, a Atica Editora, a Editora Arcadia, as Publicações

D. Quixote, a Editorial Estampa, os Livros do Brasil, a Parceria Antonio Maria Pereira e a Livraria Sá da Costa.

A constituição da lista dos livros que fazem parte do primeiro prémio, aliás é elucidativa e quem se der ao trabalho — ao moroso trabalho... — de ler esta lista não poderá deixar de ficar impressionado com a sua extensão e variedade.

Julgamos desnecessário fazer quaisquer comentários: os restantes prêmios obedecem ao critério de homogeneidade de que presidiu à elaboração deste.

O PRIMEIRO PRÊMIO

LIVROS DO BRASIL — Obras de Eça de Queiroz, encadernadas, 15 vol.; Em Busca do Tempo Perdido, 7 vol.; A Família Forsythe e Novos Forsythe, 6 vol.

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — História de Portugal, 9 vol.

LIVROS HORIZONTE — Geografia da Península Ibérica, 1 vol.; O Socialismo e o Futuro da Península, 1 vol.; Autómatos, Automatismo e Automatização, 1 vol.; Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal, 1 vol.; Portugal na Balança da Europa, 1 vol.; Da Filosofia, 1 vol.; Cooperação Agrícola, 1 vol.; Alexandre Herculano, 1 vol.; História de Espanha, 1 vol.; Introdução à História Económica, 1 vol.; A Situação Universitária Portuguesa, 1 vol.; Emigração Portuguesa, 1 vol.; A Primeira República Portuguesa, 1 vol.; Emigração Portuguesa, 1 vol.; A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX, 1 vol.; Introdução à Atitude Científica, 1 vol.; Da História Crónica à História Ciência, 1 vol.; Eça de Queiroz e o seu tempo, 1 vol.; Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa, 1 vol.; A Educação da Criança (Encadernado), 1 vol.; História da Filosofia Ocidental (Encadernado), 1 vol.; A Arquitectura Gótica em Portugal (Encadernado), 1 vol.; História da Pedagogia (Encadernado), 1 vol.

EDITORIAL INOVA — Memórias de Alegria (Edição de Luxo), 1 vol.; Aparição (Edição de Luxo), 1 vol.; Daqui Houve Nome Portugal (Edição Normal), 1 vol.

LIVRARIA BERTRAND — Jesus no seu Tempo, 1 vol.; Cem Mil Anos de vida Quotidiana, 1 vol.; História da Europa e do Gênio Europeu, 1 vol.; A Arte em Portugal no século XIX, 1 vol.; A Arte e a Alma, 1 vol.; História da Arte, 1 vol.; Opera Omnia - Bocage, 1 vol.; Opera Omnia - Bocage II, 1 vol.; Opera Omnia - Bocage - III, 1 vol.; Opera Omnia - Bocage - IV, 1 vol.; Os Desertores, 1 vol.; A Cidade das Flores, 1 vol.; As Boas Intenções, 1 vol.; O Ângulo Raso, 1 vol.; Terra Sem Música, 1 vol.; Lourenço é nome de Jogral, 1 vol.; Iva e o Mar, 1 vol.; Chegar Já em si Bastante, 1 vol.; O Herói, 1 vol.; Quando Nasci na Minha Morte, 1 vol.; Crónicas da Serra, 1 vol.; Sermão do Fogo, 1 vol.; Giestas da Memória, 1 vol.; O Insecto Perfeito, 1 vol.; Mau Tempo no Canal, 1 vol.; Lusitânia Expresso, 1 vol.; A Noite Roxa, 1 vol.; As Máscaras Finais, 1 vol.; Bastardos do Sol, 1 vol.; A Porta dos Limites, 1 vol.; A Cidade sem Espaço, 1 vol.; Amores Infelizes, 1 vol.; Monólogo em Éfeso, 1 vol.; A Sombra das Árvores Mortas, 1 vol.; Serão Inquieto, 1 vol.; De Meca a Freixo de Espada à Cinta, 1 vol.; Volfrâmio, 1 vol.; Arcas Encoiradas, 1 vol.; A Casa do Escorpião, 1 vol.; Estrada de Santiago, 1 vol.; Cinco reis de Gente, 1 vol.; Humilde Gloriosa, 1 vol.; Caminhos Errados, 1 vol.; O Homem que matou o Diabo, 1 vol.; As Três Mulheres de Sansão, 1 vol.

PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA — A Centelha da Vida, 1 vol.; A

Caserna, 1 vol.; A Guerra, 1 vol.; A Derrota, 1 vol.; Nem só de Pão Vive o Homem, 1 vol.; Fonte Mara, 1 vol.; A Pousada da Sexta Felicidade, 1 vol.; O Último Justo, 1 vol.; Desenraizadas, 1 vol.; Exodus, 1 vol.; Deus Dorme em Mansúria, 1 vol.; A Sentença, 1 vol.; A Guerra das Bananas, 1 vol.; Fábrica de Oficiais, 1 vol.; O Regimento da Morte, 1 vol.; Mães e Filhas, 1 vol.; O Céu não tem Favoritos, 1 vol.; A Felicidade não se compra, 1 vol.; A Ponte, 1 vol.; Mila 18, 1 vol.; Não Matem a Cotovia, 1 vol.; A Rua, 1 vol.; Uma noite em Lisboa, 1 vol.; Os Carros do Inferno, 1 vol.; Rebelião dos Perdidos, 1 vol.; Armagedão, 1 vol.; O Ferrolho, 1 vol.; A Noite dos Generais, 1 vol.; O Processo de Adão Pollo, 1 vol.; Sorge, o Espião do Século, 1 vol.; O Navio, 1 vol.; Miró, 1 vol.

PRELO EDITORA — Do Monte Sinai à ilha de Vénus, 1 vol.; Borobudur, 1 vol.; Diário de Viagens, 1 vol.; Viagem na Grécia, 1 vol.; O Homem na Cidade, 1 vol.; O Menino Entre Gigantes, 1 vol.; Chiquinho, 1 vol.; Senalonga, 1 vol.; O Passo da Serpente, 1 vol.; Histórias do Zaire, 1 vol.; O Espelho e a Pedra, 1 vol.; A Execução, 1 vol.; Montedor, 1 vol.; Os Mastins, 1 vol.; Um Anjo no Trapézio, 1 vol.; Histórias Breves de Esc. Rib., 1 vol.; Antes do Dilúvio, 1 vol.; Libelo Acusatório, 1 vol.; O Disfarce, 1 vol.; Os Idólatras, 1 vol.; Teatro Moderno, 1 vol.; Pantagruel, 1 vol.; Entre os Macuas de Angoche, 1 vol.; A Linguagem Cinematográfica, 1 vol.

EDITORIAL PRESENÇA — Os Amores de Luciano Leuwen, 2 vol.; O Inspector, 1 vol.; As Viagens de Gulliver, 1 vol.; Diário da Peste de Londres, 1 vol.; A Política, 1 vol.; A Arte de Amar, 1 vol.; Pais e Filhos, 1 vol.; Cyrano de Bergerac, 1 vol.; Satiricon, 1 vol.; Anticristo, 1 vol.; Diário de um Sedutor, 1 vol.; O Político, 1 vol.; O Crepusculo dos Deuses, 1 vol.; Hamlet, 1 vol.; Macbeth, a vol.; Sonho de Uma Noite de Verão, 1 vol.; Julio César, 1 vol.; Otelo, 1 vol.; O Rei Lear, 1 vol.; Ricardo III, 1 vol.; António e Cleópatra, 1 vol.; O Mercado de Veneza, 1 vol.; História da Filosofia I, 1 vol.; História da Filosofia II, 1 vol.; História da Filosofia III, 1 vol.; História da Filosofia IV, 1 vol.; História da Filosofia V, 1 vol.; História da Filosofia VI, 1 vol.; História da Filosofia VII, 1 vol.; História da Filosofia VIII, 1 vol.; História da Filosofia IX, 1 vol.; História da Filosofia X, 1 vol.; História da Filosofia XI, 1 vol.; História da Filosofia XII, 1 vol.; História da Filosofia XIII, 1 vol.; História da Filosofia XIV, 1 vol.; Kean, 1 vol.; Mortos sem sepultura, 1 vol.; Todos eram meus filhos, 1 vol.; A Gaivota e o Cerejal, 1 vol.; Tempestade, Casa Queimada, A Menina Júlia, 1 vol.; Ana Kleiber, Morte no Bairro, 1 vol.; Os Degraus, 1 vol.; Os Combatentes, 1 vol.; Joana D'Arc, 1 vol.; A Ponte Sobre a Vida, 1 vol.; Bruscamente no Verão Passado, 1 vol.; As Três Irmãs, 1 vol.; Antigona, 1 vol.; Hedda Gabler, 1 vol.; A Dança da Morte, 1 vol.; O Selvagem, 1 vol.; Diário de um Louco, 1 vol.;

O Processo, 1 vol.; Moiloy, 1 vol.; Os Dados Estão Lançados, 1 vol.; Os Infortunios da Virtude, 1 vol.; Narrativa Cubana, 1 vol.; As Moscas, 1 vol.; O Reino deste Mundo, 1 vol.; A Madona, 1 vol.; O Percevejo, 1 vol.; Faxelange ou os Males da Ambição, 1 vol.; As Bruxas de Salém, 1 vol.; Dracula, 1 vol.; As Criadas, 1 vol.; O Alicate, 1 vol.

PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE

Lendas da Guatemala, 1 vol.; P Senhor Presidente, 1 vol.; Fim de Semana na Guatemala, 1 vol.; O Espelho de Lida Sal, 1 vol.; Furacão, 1 vol.; Que Futuro para o Vietname, 1 vol.; Checoslováquia na Hora da Democratização, 1 vol.; Biafra, 1 vol.; O Desafio Americano, 1 vol.; Médio Oriente - Solução Impossível, 1 vol.; A Rodésia e a Independência, 1 vol.; Japão - Outro Gigante, 1 vol.; O Brasil na Encruzilhada, 1 vol.; Droga - Inferno ou Paraíso, 1 vol.; Lua - Sim ou Não, 1 vol.; De Adenauer a Willy Brandt, 1 vol.; Índia sem Nehru, 1 vol.; Inglaterra, Trabalhistas, Conservadores e Europeus, 1 vol.; F.B.I. Abuso de Autoridade, 1 vol.; Marrocos - Hassan e as Conspirações, 1 vol.; A Mitologia, 1 vol.; Maomé e Carlos Magno, 1 vol.; Caminhos para a Europa, 1 vol.; A Civilização de 1955, 1 vol.; 20 Poemas de Amor e uma Canção Desesperada, 1 vol.; O Mundo Alucinante, 1 vol.; Destruir diz ela, 1 vol.; Bestiário, 1 vol.; Os Filhos de Viriato, 1 vol.; Uma Abelha na Chuva, 1 vol.; Pequenos Burgueses, 1 vol.; A Casa na Duna, 1 vol.; O Aprendiz de Feiticeiro, 1 vol.; Gaivotas em Terra, 1 vol.; Suão, 1 vol.; Morreu o Senhor Presidente, 1 vol.; Esquecer Palermo, 1 vol.; A Batalha de Toulouse, 1 vol.; Terra de Neve, 1 vol.; Textos para Nada, 1 vol.; O Papa Verde, 1 vol.; Kyoto, 1 vol.; A Partilha da África, 1 vol.; O Pavilhão dos Cancerosos, 1 vol.; China Ontem e Hoje, 1 vol.; O Complexo Militar - Industrial Americano, 1 vol.

EDITORIAL ESTUDIOS COR — O Livro das Mil e Uma Noites, 6 vol.; O Cântico dos Cânticos, 1 vol.; Saudades de Lisboa, 1 vol.; Nicolau Tolentino, 1 vol.; Arte de Furtar, 1 vol.; Histórias de Natal, 1 vol.; Os Lusíadas, 1 vol.

EDITORA ARCÁDIA — Obras Completas de Dostoiévsky, 10 vol.; Obras Completas de Tolstói, 6 vol.

EDITORIAL ATICA — Poesias de Álvaro Campos, 1 vol.; Poemas de Alberto Caeiro, 1 vol.; Odes de Ricardo Reis, 1 vol.; Poesias de Fernando Pessoa, 1 vol.; Poemas dramáticos de Fernando Pessoa, 1 vol.; Poesias Inéditas (1930 - 1935), 1 vol.; Poesias Inéditas (1919 - 1930), 1 vol.; Quadros ao Gosto Popular, 1 vol.; A Confissão de Lúcio, 1 vol.; Poesias, 1 vol.; Cartas a Fernando Pessoa, 2 vol.; Céu em Fogo, 1 vol.; Serra Mãe, 1 vol.; Diário, 1 vol.; Cabo da Boa Esperança, 1 vol.; Campo Aberto, 1 vol.; Itinerário Paralelo, 1 vol.; O Segredo é Amar, 1 vol.; Pelo Sonho é que Vamos, 1 vol.; Boca Bilíngue, 1 vol.; Clepsidra e Outros Poemas, 1 vol.; Eu Hei-de Voltar um Dia, 1 vol.; Geografia, 1 vol.; Há uma Rosa

na Manhã Agreste, 1 vol.; Nós Não Somos deste Mundo, 1 vol.; Nós Portugueses somos Castos, 1 vol.; Parva Naturália, 1 vol.; Quatro Quartetos, 1 vol.; Ensaio Católicos, 1 vol.; Situação da Pintura Ocidental, 1 vol.; Alguns Aspectos da Música Portuguesa Contemporânea, 1 vol.; O Mito de D. Juan e o Don Juanismo em Portugal, 1 vol.; Vinte poemas Contemporâneos, 1 vol.; Situação Actual do Pensamento Filosófico Português, 1 vol.; Anti-crítico, 1 vol.; Da Pintura Portuguesa, 1 vol.; O Espírito da Obra, 1 vol.; Do Espírito e dos seus Males, 1 vol.; Noites de Teatro, 2 vol.; Folclore, 1 vol.; História da Literatura Brasileira, 1 vol.; Informar ou Defender, 1 vol.; O Jogo dos Homens, 1 vol.; Nova Feira das Vaidades, 1 vol.; Angústia para o Jantar, 1 vol.; Contos de Ferrara, 1 vol.; Cores, 1 vol.; Digressão, 1 vol.; Margem Norte, 1 vol.; Não choreis meus Olhos, 1 vol.; Nos Mares do Fim do Mundo, 1 vol.; Uma Coroa para Udomo, 1 vol.; Redacções da Guidinha, 1 vol.; Um Homem não Chora, 1 vol.; A Velha e o Barco, 1 vol.; Auto da Barca do Motor Fora da Borda, 1 vol.; O Barão, 1 vol.; O Crime da Aldeia Velha, 1 vol.; O Gigante Verde, 1 vol.; A Grande Feira do Mundo, 1 vol.; O Inferno, 1 vol.; O Judeu, 1 vol.;

O Lugre - Irmã Natividade, 1 vol.; As Mãos de Abraão Zacut, 1 vol.; O Pecado de João Agonia, 1 vol.; A Promessa, 1 vol.; A Qualquer Hora o Diabo Vem, 1 vol.; Sua Excelência, 1 vol.

EDITORIAL LELLO — Lello Universal, 1 vol.; Seguir, 1 vol.; Colecção Lusitania, 1 vol.; Sermões Completos, 1 vol.

LIVRARIA SÁ DA COSTA — Focus-Enciclopédia Internacional, 4 vol.; In Memoriam-Afonso L. Vieira, 1 vol.; Contabilidade Nacional e Análise Macroeconómica, 1 vol.; A Sociedade Medieval Portuguesa, 1 vol.

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA — Obras Completas de Almeida Garret, 9 vol.; Jesus Passou por Aqui, 1 vol.; Antropologia, 1 vol.; Antropologia II, 1 vol.; Traços do Extremo Oriente, 1 vol.; Dai Nippon, 1 vol.; Relance da História do Japão, 1 vol.

EDITORIAL MINERVA — E Tudo o Vento Levou, 2 vol.; Como eu Vejo a China, 1 vol.; As Kenedys, 1 vol.; Corpos e Almas, 1 vol.; Fadado para Vencer, 1 vol.; O Escravo, 1 vol.; O Livro de Cesário Verde, 1 vol.

EDITORIAL ESTAMPA — Dicionário Filosófico, 5 vol.; História das Ideologias, 1 vol.; A Economia Mundial da Lei Privada, 1 vol.

MORAIS EDITORES — Dicionário de Oxford, 1 vol.; História dos Foguetões, 1 vol.; História do Armamento, 1 vol.; História da Astronomia, 1 vol.; História da Electricidade, 1 vol.; História da Comunicação, 1 vol.; História da Química, 1 vol.; História da Máquina, 1 vol.; História da Física, 1 vol.; História da Medicina, 1 vol.

LIVRARIA BERTRAND — Antologia da Literatura Flamenga, 1 vol.; Os Amantes do Tejo, 1 vol.

EDUCAR NÃO É SÓ PAGAR AS MATRÍCULAS



homem que le
vale por três

Os educadores são unânimes num ponto: as crianças educadas no contacto diário com pessoas que lêem habitualmente e habituadas, desde muito cedo, a recorrer a livros, desenvolvem-se mais depressa do que as outras e têm mais possibilidades, no liceu e na universidade, do que as suas colegas menos favorecidas pelo ambiente familiar. As conversas que V. tem à mesa são muito importantes para o futuro dos seus filhos. O seu grau de cultura, a sua capacidade de os esclarecer inteligentemente e o tipo de interesses que V. tem, podem afectar profundamente a vida dos seus filhos. Educar não é só pagar as matrículas... Quantos livros há em sua casa? Que livros há em sua casa? Estará V. habilitado a esclarecer satisfatoriamente os seus filhos? Lembre-se de que o mundo em que eles vão viver vai ser consideravelmente mais exigente do que o mundo em que V. vive... Participe nesta iniciativa do «Diário de Lisboa» e habilite os seus filhos a um ambiente familiar estimulante. Educar não é só pagar as matrículas...

